



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA | FACULDADE DE COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO
E CULTURA CONTEMPORÂNEAS**

**A NARRATIVA WEBJORNALÍSTICA
UM ESTUDO SOBRE MODELOS DE COMPOSIÇÃO NO CIBERESPAÇO**

BEATRIZ RIBAS

**PROF. DR. ELIAS MACHADO
ORIENTADOR DA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO**

SALVADOR | BAHIA | DEZEMBRO' 2005

BEATRIZ RIBAS

A NARRATIVA WEBJORNALÍSTICA
UM ESTUDO SOBRE MODELOS DE COMPOSIÇÃO NO CIBERESPAÇO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em
Comunicação e Cultura Contemporâneas, da Faculdade de Comunicação, da
Universidade Federal da Bahia, como requisito parcial para a
obtenção do grau de Mestre.

Orientador: Prof. Dr. Elias Machado

SALVADOR | BAHIA | DEZEMBRO' 2005

RIBAS, BEATRIZ M.

A Narrativa Webjornalística: Um estudo sobre modelos de composição no ciberespaço /
Beatriz Muniz Ribas – Salvador: B M Ribas, 2005
205f.

Orientador: Prof. Dr. Elias Machado Gonçalves

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Comunicação,
Comunicação e Cultura Contemporâneas, Área de Concentração em Cibercultura, 2005

1. Internet

2. Webjornalismo

3. Linguagem

4. Ciberespaço

I. UFBA – FACOM

II. Título (série)

TERMO DE APROVAÇÃO

BEATRIZ RIBAS

A NARRATIVA WEBJORNALÍSTICA UM ESTUDO SOBRE MODELOS DE COMPOSIÇÃO NO CIBERESPAÇO

Dissertação aprovada como requisito parcial para a obtenção do grau de mestre em Comunicação e Cultura Contemporâneas, área de concentração em Cibercultura. Universidade Federal da Bahia – UFBA, pela seguinte banca examinadora:

Doutor Elias Machado Gonçalves – orientador _____
Universidade Federal da Bahia – UFBA

Doutor Javier Díaz Noci – examinador externo _____
Universidad del País Vasco

Doutor Marcos Silva Palacios – examinador interno _____
Universidade Federal da Bahia – UFBA

Salvador, 13 de dezembro de 2005

*Dedico este trabalho aos meus pais, Pedro e Denise,
o princípio de tudo, a maior das referências,
o que me conduz e me faz persistir*

Agradecimentos

Aos meus pais, Pedro e Denise, pela minha vida inteira, por estarem sempre ao meu lado, pela segurança, apoio, incentivo, torcida. Por agüentarem as minhas crises, pelo conforto nos momentos difíceis, pelo amor incondicional. Pai, obrigada pelas aulas de matemática, como aquelas que me dava quando eu era criança para que eu passasse nas provas do colégio. Mãe, obrigada por sempre perguntar se tudo vai bem, por ser minha companheira de todas as horas, minha aliada, minha melhor amiga.

Ao meu irmão, Gustavo, por torcer pelo meu sucesso, por me dar conselhos e se preocupar comigo, por parecer meu irmão mais velho, pelas brincadeiras quando éramos crianças e pelo que se tornou: um grande amigo no qual posso confiar os meus segredos, minhas angustias e compartilhar minhas alegrias.

Ao meu orientador, Elias Machado, por acreditar no meu trabalho, por me proporcionar oportunidades, por incentivar o meu crescimento, por confiar e investir em mim. Por sua competência e integridade moral, por me ensinar que pesquisa se constrói com muito trabalho e dedicação, porque é atencioso, generoso, responsável, interessado, firme, um grande educador.

A Marcos Palacios, pela atenção que me deu durante o curso de mestrado, por ter me ensinado a lidar com os alunos durante o tirocínio docente, por ter me deixado participar de todas as etapas do processo, por se interessar pelas minhas idéias. Porque é gentil, delicado, engraçado e está sempre disposto a ajudar.

A Luciana Mielniczuk e Suzana Barbosa, pelo privilégio de tê-las como amigas, pelos conselhos e ensinamentos, pelos exemplos de como se deve agir, porque quando estavam longe, estavam perto como sempre, porque me compreendem, se parecem comigo, têm sempre palavras de incentivo, me ajudam a perseverar, são fiéis, grandes profissionais, amigas para a vida inteira.

A Tattiana Teixeira, por confiar no meu trabalho, pelos conselhos, palavras carinhosas, pela atenção, pelas risadas noturnas que arrancou, via MSN, do meio da nuvem de preocupação que sobrevoava minha cabeça.

A Leila Nogueira e Carla Schwingel, por me ouvirem e por compartilharem comigo suas experiências, me fazendo sentir mais “normal” diante da loucura da conclusão da dissertação.

Aos colegas do GJOL, pelas enriquecedoras discussões, pela competência e instigante produção que guiou o meu trabalho.

Aos queridos e para sempre amigos do peito Jamil Marques, Alice Vargas, Margarete Souza, Maria Carla Palma, Miguel Pedro, Luciano Gusmão, Sheila Pestana, Gal.

Aos colegas do curso de mestrado.

Ao PÓSCOM, aos professores do programa, a Faculdade de Comunicação, a Universidade Federal da Bahia, ao CNPq.

Ao professor Javier Díaz Noci, por ter aceitado participar da avaliação deste trabalho.

A todas as pessoas que torceram por mim, me incentivaram, me agüentaram, e que estiveram, de alguma maneira, envolvidas com os anos em que “estive mestranda”.

“We return to the inclusive form of the icon”

Marshall McLuhan (1964)

Resumo

Nesta dissertação de mestrado tratamos da construção da narrativa webjornalística, observando em especial as características da notícia, da reportagem, da entrevista, com destaque para a infografia. Nestas estruturas narrativas potencialmente multimidiáticas e multilíneas podem ser agregados diferentes formatos na constituição de unidades informativas interativas. Nosso objetivo consiste na análise das especificidades da composição dos gêneros jornalísticos que mais se destacam na web, visando a empreender um estudo sobre a narrativa no webjornalismo. Para compreender o desenvolvimento da narrativa na web enquanto estrutura composta que mantém a coerência na narração dos fatos sem se limitar apenas ao texto na representação dos acontecimentos, propomos uma classificação de modelos narrativos webjornalísticos baseada nos conceitos da Geometria, quais sejam, Plano, Poligonal, Poliédrico e Esférico.

Abstract

The present work concerns journalistic narrative on the web, with special reference to the news, the report and the interview, but giving prominence to infographics as a genre. Within these narrative structures with great potential to be multimedia and multilinear, different formats can be added in the construction of interactive informative units. The aim of this work is the analysis of the features of the most important journalistic genres on the web, with the aim of studying the webjournalistic narrative. To understand the development of narrative on the web as a complex structure that supports the storytelling coherence beyond the limit of text, we propose a webjournalistic narrative model based on geometric concepts: Flat, Polygonal, Polyhedral and Spherical.

Lista de Tabelas-resumo

Tabela-resumo 1 – As fases da pesquisa	19
Tabela-resumo 2 – Corpus da pesquisa	20
Tabela-resumo 3 – Número de produtos analisados em cada um dos sete webjornais	21
Tabela-resumo 4 – Tipos de narrativa na web	46
Tabela-resumo 5 – Características das gerações do webjornalismo	48
Tabela-resumo 6 – Estruturas narrativas básicas do webjornalismo audiovisual ...	52
Tabela-resumo 7 – Características e elementos dos Modelos Narrativos	80
Tabela-resumo 8 – Tipos de reportagem na Web	89
Tabela-resumo 9 – Correspondência entre as classificações	93
Tabela-resumo 10 – Tipos de infografia na Web	101
Tabela-resumo 11 – Tipos de notícia na Web	116
Tabela-resumo 12 – A evolução da forma da notícia na web	116
Tabela-resumo 13 – Tipos de entrevista na Web	122
Tabela-resumo 14 – A opinião jornalística na Web	125
Tabela-resumo 15 – Tipos de infografia multimídia	134
Tabela-resumo 16 – Estados de infografia multimídia	135
Tabela-resumo 17 – Categorias de infografia multimídia	135
Tabela-resumo 18 – Tipos de infografia na Web	141
Tabela-resumo 19 – Evolução de modelos de composição de gêneros jornalísticos na Web	149

Lista de Figuras

Figura 1 – Relação de semelhança entre os elementos	29
Figura 2 – Estrutura axial unilinear	42
Figura 3 – Estrutura axial multilinear	42
Figura 4 – Estrutura arbórea	43
Figura 5 – Estrutura paralela	43
Figura 6 – Estrutura reticular	43
Figura 7 – Combinação da autora baseada em Salaverría (2005)	46
Figura 8 – Combinação da autora baseada em Salaverría (2005)	46
Figura 9 – Edição do <i>JB Online</i> em 07.12.1996	54
Figura 10 – Edição do <i>NetEstado</i> em 09.12.1995	55
Figura 11 – Página de notícias da edição do <i>JB Online</i> em 07.12.1996	57
Figura 12 – Visão em perspectiva dos níveis de informação no Modelo Plano	58
Figura 13 – Edição do <i>The New York Times on The Web</i> em 12.11.1996	59
Figura 14 – Página de notícia da edição do <i>NYTimes.com</i> em 17.03.1996	60
Figura 15 – Representações de regiões poligonais	61
Figura 16 – Edição de <i>O Estado de S. Paulo</i> em 10.10.1997	62
Figura 17 – Página da editoria “Geral” da edição de <i>O Estado de S. Paulo</i> em 10.10.1997	63
Figura 18 – Página de notícia da edição de <i>O Estado de S. Paulo</i> em 10.10.1997..	64
Figura 19 – Páginas das editorias “Internacional” e “Economia” de <i>O Estado de</i> <i>S. Paulo</i> em 10.10.1997	65
Figura 20 – Edição do <i>MSNBC</i> em 21.05.1997	67
Figura 21 – Os cinco poliedros regulares, acima, o número de faces	68
Figura 22 – Os cinco modelos narrativos poliédricos	69
Figura 23 – Edição do <i>El Mundo</i> na web em 07.12.2000	71
Figura 24 – Gráfico interativo do <i>El Mundo</i> na web em 07.12.2000	72
Figura 25 – Reportagem multimídia do <i>MSNBC</i> em 16.09.2001	74

Figura 26 – Edição do <i>BBC News</i> , seção <i>In Depth</i> , em 19.08.2005	78
Figura 27 – Reportagem em profundidade do <i>BBC News</i> em 25.09.2005	91
Figura 28 – Infografia sobre o momento do parto, <i>El Mundo</i> , 01.04.2003	99
Figura 29 – O sistema faz perguntas ao usuário e mostra detalhes do parto de acordo com suas características	99
Figura 30 – Reportagem multimídia publicada em <i>O Estado de S. Paulo</i> em 24.05.2005	120
Figura 31 – Infografia sobre o <i>Euro</i> da seção <i>gráficos interactivos</i> do <i>El Mundo</i> , em 30/08/2001.....	132
Figura 32 – Complexo infográfico sobre a boda real da seção <i>Especiales</i> do <i>El Mundo</i> , em 2004	132
Figura 33 – Estrutura de produção de infografia	138
Figura 34 – Infografia transposta do impresso em <i>O Estado de S. Paulo</i> em 13.11.2005	141
Figura 35 – Infografia transposta do impresso publicada no <i>JB Online</i> em 05.06.2005	142
Figura 36 – Infografia animada seqüencial publicada pelo <i>El Mundo</i> em 07.11.2001	143
Figura 37 – Infografia multimídia integrada publicada pelo <i>El Mundo</i> em 19.03.2004	144

Relação de Anexos

Anexo 1 – Infografia do <i>El Mundo</i> que permite um passeio virtual pela <i>Catedral de la Almudena</i> , em Madri, publicada em maio de 2004	169
Anexo 1 – <i>David cumple 500 años, El Mundo</i>	170
Anexo 1 – El Nacimiento de Darth Vader, <i>El Mundo</i>	171
Anexo 1 – Gráfico interativo do <i>El Mundo</i> publicado em 29.03.2004.....	172
Anexo 2 – Reportagem em profundidade <i>BBC News</i> em 27.09.2000	173
Anexo 2 – Reportagem em profundidade <i>BBC News</i> em 02.11.2005	174
Anexo 2 – Reportagem multimídia publicada pelo <i>El Mundo</i> em 2005	175
Anexo 2 – Reportagem multimídia publicada pelo <i>El Mundo</i> em 2005	176
Anexo 2 – Entrevista da seção <i>Encuentros Digitales</i> do <i>El Mundo</i> em 10.10.2005	177
Anexo 2 – Blogs dos jornalistas António Granado e Ricardo Noblat, em 02.11.2005	178

Sumário

Dedicatória	iv
Agradecimentos	v
Epígrafe	vii
Resumo	viii
Abstract	ix
Lista de tabelas-resumo	x
Lista de figuras	xi
Relação de anexos	xiii
Introdução	1
1. O espaço de composição de narrativas	3
2. Objetivos e hipóteses	7
3. O problema	9
4. Referencial teórico	10
5. Delimitação do objeto	14
6. Metodologia	16
7. Estrutura da dissertação	21
Capítulo 1 - A evolução das formas narrativas no webjornalismo	25
1.1 A narrativa na web e suas estratégias para a produção de notícias	27
1.2 A reconfiguração da narrativa na web	28
1.3 As funções e os tipos	31
1.4 Os gêneros webjornalísticos	35
1.5 Os tipos de narrativa no webjornalismo	41
Capítulo 2 - Estudo tipológico dos modelos narrativos webjornalísticos	48
2.1 Modelo Plano	53
2.2 Modelo Poligonal	61
2.3 Modelo Poliédrico	68
2.31 Modelo Tetraédrico	70
2.32 Modelo Hexaédrico	72
2.33 Modelo Octaédrico	76
2.34 Modelos dodecaédrico e icosaédrico	78
2.4 Modelo Esférico	79
2.5 Características e elementos simples e complexos	80
Capítulo 3 – Elementos para um estudo da narrativa webjornalística ...	83
3.1 A arquitetura da narrativa multilinear, multimidiática e interativa	85
3.2 As estruturas narrativas da reportagem na web	89
3.3 A organização modular da informação webjornalística	94
3.4 Relações entre os níveis de interatividade e a composição da narrativa	96

Capítulo 4 – A retórica da narrativa jornalística na web	103
4.1 O contexto digital e os gêneros dialógicos	104
4.2 As bases de dados e o espaço retórico moderno	110
4.3 A notícia	115
4.4 A reportagem	118
4.5 A entrevista	121
4.6 A opinião e os blogs jornalísticos	123
Capítulo 5 – Um caso específico: a infografia multimídia	128
5.1 O gênero jornalístico ‘infografia’ e sua redefinição na web	129
5.2 Estudo tipológico da infografia multimídia	133
5.3 Variáveis na produção de infografias	136
5.4 Classificação de infografias multimídia	139
Conclusões	146
Referências bibliográficas	157
Anexos	169
Anexo 1	169
Anexo 2	173

Introdução

A Web é utilizada pela primeira vez para a publicação de notícias, em novembro de 1993 (CARLSON, 2003:49). O primeiro website jornalístico foi lançado pela Escola de Jornalismo e Comunicação da Universidade da Flórida. Em janeiro de 1994, o *Palo Alto Weekly*, na Califórnia, tornou-se o primeiro jornal a publicar notícias regularmente na Web (CARLSON, 2003:50). Até esta data, as notícias chegavam aos computadores por meio de redes de dados como *CompuServe* e *BBS*, em iniciativas como as do pioneiro *New York Times*, em meados dos anos 70; e do *Columbus Dispatch*, nos anos 80. No Brasil, em maio de 1995, o *Jornal do Brasil* lança sua versão Web (MACHADO e PALACIOS, 1996; MACHADO, 2000; MOHERDAUI, 2000).

Em 1996, os professores da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia, Elias Machado e Marcos Palacios, publicam o *Manual de Jornalismo na Internet*¹, propondo uma definição de jornalismo digital como adaptação de uma modalidade específica de conhecimento da realidade a um novo suporte comunicacional, a tecnologia digital de transmissão de informações².

Numa definição sumária o jornalismo digital envolve toda a produção discursiva que recorte a realidade pelo viés da singularidade dos eventos e que tenha como suporte de circulação a Internet, as demais redes telemáticas ou qualquer outro tipo de tecnologia que transmita sinais numéricos. A diferença do material jornalístico em relação aos demais

¹ http://www.facom.ufba.br/jol/fontes_manuais.htm

² Em 1994, Javier Díaz Noci apresenta *El nuevo periódico electrónico: redefinición del mensaje tradicional como producto interactivo y multimedia*, por ocasião do evento “IX Jornadas internacionales de ciencias de la información”, na Universidade de Navarra, em Pamplona.

serviços informativos, como o viva-voz, oferecidos aos usuários destas redes, não advém do suporte, mas sim do tipo de tratamento dispensado aos dados (MACHADO e PALACIOS, 1996).

O trabalho pioneiro no campo do jornalismo nas redes telemáticas, entre as pesquisas brasileiras, diferencia os conceitos de *online* e digital, optando pelo segundo para designar a nova modalidade de jornalismo. O estudo introdutório oferece um panorama do jornalismo digital, no Brasil e no mundo, destaca modificações genéricas no campo da comunicação e mais específicas, como a conjugação de três elementos: a massividade, a interatividade e a personalização. Tratando de especificidades e particularidades de publicações brasileiras e internacionais, os pesquisadores descrevem modelos de jornalismo personalizado, pesquisa, produção e disponibilização de jornais digitais.

Assim como o jornalismo impresso está para a prática em papel, o telejornalismo está para o jornalismo praticado em televisão, o radiojornalismo está para a prática em rádio, o webjornalismo está para a modalidade Web de fazer jornalismo. Este conceito é discutido por Canavilhas (2001), Mielniczuk (2003), Porto Alegre (2004) e Nogueira (2005) buscando um consenso que ainda inexistente no campo.

Termos como jornalismo eletrônico, jornalismo digital, ciberjornalismo, jornalismo on-line e webjornalismo são encontrados em diversos autores que discutem o jornalismo nas redes telemáticas. Um exemplo recente é Salaverría (2005:21), que opta pelo termo ciberjornalismo e considera que este designa a especialidade de jornalismo que utiliza o ciberespaço para investigar, produzir e, sobretudo, difundir conteúdos jornalísticos.

Mielniczuk (2003) sistematiza estes conceitos em sua tese de doutorado, contribuindo para uma melhor compreensão de suas definições. Jornalismo eletrônico é

aquele que utiliza de equipamentos e recursos eletrônicos; jornalismo digital ou multimídia indica aquele que emprega tecnologia digital, que engloba todo e qualquer procedimento que implique no tratamento de dados em forma de *bits*; ciberjornalismo é aquele que envolve tecnologias que utilizam o ciberespaço; jornalismo *online* (em inglês) ou on-line (em português) é desenvolvido utilizando tecnologias de transmissão de dados em rede e em tempo real; e por fim, webjornalismo diz respeito à utilização de uma parte específica da Internet, que é a Web.

Nesta dissertação de mestrado, optamos pela utilização do termo webjornalismo, seguindo os mesmos caminhos percorridos por Canavilhas (2001), Mielniczuk (2003), Porto Alegre (2004) e Nogueira (2005). Trataremos do jornalismo apurado, sistematizado, produzido, composto e circulado na Web. Nosso interesse mais específico volta-se para a narrativa webjornalística, observando modelos de composição no ciberespaço.

1. O espaço de composição de narrativas

No Ciberespaço, traduzido pela Web, a comunicação pode acontecer em várias dimensões, a informação pode ser apresentada em diferentes formatos, o armazenamento e a recuperação de dados podem ser potencializados e dinamizados, a autoria pode ser ampliada. Este novo lugar para a informação jornalística permite a tele-ação³, a

³ ‘*Teleaction*’ (tele-ação) é um conceito desenvolvido por Lev Manovich em “*The Language of New Media*” (2001:161). É uma representação cultural que muda o posicionamento do usuário no novo ambiente, aumentando a complexidade do sistema. Para constituir-se como nova forma cultural, não basta a nova mídia permitir ao usuário seguir os links passando por diferentes informações, ou se comunicar em tempo real com outros usuários através de um *chat*. O usuário precisa ‘tele-agir’, realizar uma ação física ao interagir com o sistema. As tecnologias de representação devem ser utilizadas para possibilitar ação, que significa permitir ao usuário manipular a realidade através das representações.

sincronicidade, intensifica a interatividade, o diálogo. Enquanto espaço modular (MANOVICH, 2001), constitui-se como suporte para modelos diferenciados de narrativa, compostos, polifônicos, complexos.

A composição de narrativas na Web se dá no âmbito da interface. Sem a compreensão de suas funções não podemos falar dos processos que envolvem a apresentação da informação em um espaço que demanda do usuário habilidades mais complexas que a de leitor, espectador, ouvinte. O jornalismo deixa de ser apenas lido, ouvido, visto, para ser acessado. No âmbito da produção, mudam a linguagem, as referências, a organização discursiva, as representações. No âmbito do acesso, mudam o uso, a operação, os estímulos e as relações.

De acordo com Scolari (2004), a interface é um conceito guarda-chuva, adaptável a qualquer situação ou processo onde se verifique intercâmbio ou transferência de informação. É um conjunto de processos, regras e convenções que permitem a comunicação entre o homem e as máquinas digitais. Se apresenta como uma espécie de gramática da interação entre homem e computador (Scolari, 2004). Hoje, a Web é a interface padrão do ciberespaço, e como tal intermedia o acesso dos usuários aos seus objetos, processos, ações e relações.

Citando Pierre Lévy (1993), Scolari (2001:69) considera que tudo o que é tradução, transformação, transferência, pertence à ordem da interface. Com as interfaces alfanuméricas a máquina suplantava seus limites expressivos contando verbalmente o que estava fazendo. As interfaces gráficas cobriram este nível com um estrato visual formado por janelas e ícones onde se move um cursor.

Vivemos em uma sociedade de monitores interativos, de superfícies que operam como janelas abertas a mundos que nos convidam a entrar neles (...) A interface pode também ser vista como 'uma superfície de contato, de tradução, de articulação entre dois espaços, entre duas espécies ou ordens diferentes da realidade' onde se produz o passo 'de um código a outro, do analógico ao digital, do mecânico ao humano' (LÉVY, 1993:181).

Scolari (2004:104-105) indica a existência de uma gramática da interação, além de duas já existentes no suporte impresso: a textual e a gráfica. As duas últimas configuram a *mise en page*, impondo a maneira de ler, modelando a compreensão, controlando a interpretação. A gramática da interação inclui botões e ícones para a navegação hipertextual, dispositivos para a personalização da interface, mecanismos de *feedback*, seqüências operativas e todas as ações que o usuário deve executar para obter um resultado predeterminado, impondo não só a maneira de ler, mas sobretudo, o modo de fazer. Segundo o autor, a confluência dessas três gramáticas delimita o território dentro do qual o usuário utilizará seus recursos perceptivos, semióticos e cognitivos. A partir de uma gramática da interação, o usuário reconhece, explora e decifra o ambiente no qual passa a estar inserido, conseguindo se relacionar com os objetos de um novo ambiente de maneira natural.

Uma nova estética não supõe necessariamente inovação, mas reconfiguração, através da associação de linguagens já conhecidas. Em concordância com Manovich (2001:227), consideramos que diferentes composições para os mesmos elementos geram narrativas diversas e novas experiências para o usuário, na medida em que

The database becomes the center of the creative process in the computer age. Historically, the artist made a unique work within a particular medium. Therefore the interface and the work were the same; in other words, the level of an interface did not exist. With new media, the content of the work

and the interface are separated. It is therefore possible to create different interfaces to the same material. These interfaces may present different versions of the same work. (...) This is one of the ways in which the principle of *variability* of new media manifests itself. But now we can give this principle a new formulation. *The new media object consists of one or more interfaces to a database of multimedia material.* If only one interface is constructed, the result will be similar to a traditional art object, but this is an exception rather than the norm (MANOVICH, 2001: 227)⁴.

No âmbito do webjornalismo de terceira geração⁵, Machado (2004a) introduz a questão do uso de bancos de dados no processo de produção jornalística enquanto aspecto determinante de uma nova configuração de suas estruturas narrativas (MANOVICH, 2001; MACHADO, 2004a, 2004b). Em seguida, Barbosa (2004a, 2004b, 2004c) postula que podemos estar diante de uma quarta geração do webjornalismo, considerando que as bases de dados possuem potencial para iluminar o caminho no sentido de gerar uma nova metáfora para esta forma de jornalismo, para além da conhecida metáfora do impresso ou *broadsheet metaphor*.

⁴ “As bases de dados tornam-se o centro do processo criativo na era do computador. Historicamente, o artista produzia um trabalho único em um meio particular. Logo, a interface e a obra eram a mesma coisa; em outras palavras, o nível da interface não existia. Com a Nova Mídia, o conteúdo da obra e a interface são separados. Isso torna possível a criação de diferentes interfaces para um mesmo material. Essas interfaces podem apresentar diferentes versões de um mesmo trabalho. (...) Essa é uma das maneiras através da qual o princípio da variabilidade da Nova Mídia se manifesta. Por hora, podemos dar a esse princípio uma nova formulação. O objeto da Nova Mídia consiste em uma ou mais interfaces para um banco de dados de material multimídia. Se apenas uma interface é construída, o resultado será similar a uma obra tradicional, mas isso é uma exceção mais que a norma” [Todas as traduções realizadas nesta dissertação são de responsabilidade da autora e serão referenciadas pela notação (T.A.) – Tradução da Autora].

⁵ A tese doutoral *Jornalismo na Web: uma contribuição para o estudo do formato da notícia na escrita hipertextual* (MIELNICZUK, Luciana, 2003) propõe que a trajetória dos produtos jornalísticos desenvolvidos para a Web passa por três momentos: produtos de primeira geração ou fase de transposição; produtos de segunda geração ou fase de metáfora; e produtos de terceira geração ou fase do Webjornalismo. Na fase transpositiva, a disponibilização de informações jornalísticas na Web fica restrita à possibilidade de ocupar um espaço, sem explorá-lo enquanto um meio que apresenta características específicas. Na fase metafórica, o jornal impresso funciona como uma referência para a elaboração das interfaces dos produtos e começam a ocorrer experiências na tentativa de explorar as características oferecidas pela rede. O Webjornalismo de terceira geração é descrito pela autora como “sites jornalísticos que extrapolam a idéia de uma versão para Web de um jornal impresso já existente”.

(...) A adoção de sistemas de bases de dados proporciona maneiras diferenciadas para o tratamento da informação jornalística, seja do ponto de vista da coleta/apuração, da organização/construção das narrativas, da publicação dos conteúdos, como também quanto ao armazenamento e recuperação das informações (BARBOSA, 2004a).

Ao longo desta dissertação, utilizamos dois conceitos diferentes, porém comumente aplicados como sinônimos: **banco de dados** e **base de dados**. Raymond Colle (2002:29) faz uma distinção enriquecedora entre os dois conceitos, que nos cabe esclarecer neste momento inicial: 1) **banco de dados** é o conjunto de informações, o conteúdo armazenado em uma base de dados; 2) e **base de dados** é a estrutura lógico-matemática que permite o armazenamento e a estruturação dos conjuntos, de modo que os dados são independentes e podem ser modificados, representados ou consultados de diversas maneiras.

Em associação aos elementos constituintes do meio, a narrativa na Web assume duas funções, e o ato de narrar torna-se dependente delas: **1)** organizar e tornar facilmente acessíveis os dados na tela, tornando-se desta maneira a mediadora entre computador, usuário e produtor (JOHNSON, 2001; SCOLARI, 2004), e **2)** criar ambientes diferenciados para as relações entre os dados, permitindo experiências distintas e possibilitando a identificação de diferentes tipos de produtos e de estratégias comunicacionais.

2. Objetivos e hipóteses

2.1 Objetivo Principal

Identificar elementos e características da narrativa webjornalística que permitam discutir particularidades de uma retórica adaptada ao ciberespaço.

2.2 Objetivos Derivados

- a) Contribuir com elementos para compreender a narrativa webjornalística;
- b) Observar a evolução da construção da narrativa webjornalística nos diferentes momentos de desenvolvimento do jornalismo na Web, descrevendo particularidades de modelos narrativos;
- c) Observar o desenvolvimento dos gêneros jornalísticos na Web, quais sejam, notícia, reportagem, entrevista e infografia, buscando elementos que contribuam para uma discussão acerca da narrativa webjornalística;
- d) Destacar a infografia como o gênero jornalístico em reconfiguração na Web, que contribui mais significativamente para a compreensão do que pode vir a ser uma estética webjornalística.

2.3 Hipóteses

- a) A composição da narrativa jornalística na Web pode ser ilustrada por conceitos da geometria, quais sejam, plano, poligonal, poliédrico e esférico, demonstrando as fases evolutivas do webjornalismo;
- b) A narrativa na Web é composta pelos elementos da narrativa tradicional em associação aos elementos, às características e aos princípios do meio;
- c) Entre os gêneros jornalísticos estudados, a reportagem e a infografia são os que apresentam mais avanços na Web no que se refere ao potencial de utilização dos recursos do meio;
- d) A infografia multimídia é o gênero jornalístico que mais se destaca na criação de espaços retóricos mais adequados ao ambiente multilinear, multimidiático e interativo,

destacando-se pela capacidade de integração de formatos diferenciados de conteúdo e de articulação visual da narrativa.

3. O problema

Narrar significa contar, expor um fato real ou imaginário através da escrita ou oralmente, ou por imagens⁶. A narrativa tem sido, nas últimas décadas, material de análise da área de pesquisa conhecida por Narratologia. Este campo ocupa-se do estudo das mais diversas práticas narrativas: de textos literários a textos de imprensa, do cinema à história em quadrinhos (BARTHES, 1976; METZ, 1977; TODOROV, 1979; CHARAUDEAU, 1992; RICOEUR, 1994; GENETTE, 1995; BAL, 1999). Com o computador, a Internet e o surgimento da *World Wide Web*, o ato de narrar incorpora características de uma nova estética, exigindo do produtor e do usuário novas posturas diante de um novo suporte (BOLTER, 1991; LANDOW, 1992, 1997).

Na Web, narrar significa interconectar dados através do hipertexto, em um ambiente onde “a narrativa tradicional linear é uma entre as muitas trajetórias possíveis” (MANOVICH, 2001:227). A narrativa na Web é composta pelos elementos da narrativa tradicional⁷ (texto, história e fábula), em associação aos elementos - lexia, interface, banco de dados (LANDOW, 1997; MANOVICH, 2001; JOHNSON, 2001), às características –

⁶ Definição do Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa.

⁷ Segundo Mieke Bal (1999), as características da narrativa tradicional são: 1) conter narrador e ator, 2) possuir três camadas: texto, história e fábula, 3) ter seu conteúdo composto por uma série de eventos conectados, causados ou experienciados pelos atores, apresentada de maneiras específicas

hipertextualidade, interatividade, multimidialidade, memória, personalização e atualização contínua (PALACIOS, 2002; DÍAZ NOCI, 2002; MACHADO e PALACIOS, 2003; SALAVERRÍA, 2005) e aos princípios do meio - representação numérica, modularidade, automação, variabilidade e transcodificação (MANOVICH, 2001). Essa associação não se dá necessariamente entre todos esses elementos, características e princípios ao mesmo tempo, em todos os produtos, podendo variar de acordo com o tipo de narrativa.

Neste contexto, colocamos a questão que orienta esta pesquisa: quais são os elementos e as características específicas da narrativa webjornalística que permitem discutir particularidades de uma retórica adaptada ao ciberespaço?

Ao optarmos por identificar características específicas da narrativa webjornalística, pretendemos analisá-las no âmbito dos gêneros jornalísticos reconfigurados no suporte Web, descrevendo modelos possíveis de composição do discurso em um ambiente diferenciado dos tradicionais.

4. Referencial teórico

A narrativa na Web constitui objeto de estudo de autores do campo da comunicação, seja no âmbito do jornalismo ou das teorias literárias, no universo da cibercultura e da arte interativa.

Jay David Bolter, em *Writing Space – The Computer, Hypertext, and the History of Writing* (1991), trata da escrita eletrônica que incorpora o radical e o tradicional: é produzida mecânica e precisamente como a impressa; é orgânica e evolucionária como a manuscrita; é visualmente eclética como os hieróglifos e as pinturas. Repensando o livro

em sua forma impressa, Bolter (1991) aborda a escrita eletrônica como uma de suas especializações. O novo espaço para a escrita oferece uma superfície para organizar, representar e gravar texto, é fluido, interativo e permite que se estabeleçam novas relações entre escritor e leitor.

Janet Murray (1997) discute o futuro da narrativa no ciberespaço questionando-se sobre a possibilidade da composição coerente de narrativas no espaço digital, utilizando os recursos oferecidos pelo meio. Procurando o potencial específico do ciberespaço para a construção da narrativa, Murray utiliza a metáfora do *Holodeck*, no filme *Star Trek*, para referir-se a uma tecnologia sonhada, mas não realizada, para a representação da literatura. Como um novo Shakespeare comporia *Hamlet* para o *Holodeck*? Para Murray, o computador é “camaleônico”, incorporando o mundo e o transformando. Em sua busca pela coerência literária no ciberespaço, a autora entra nas discussões sobre autoria, participação do usuário na construção da obra, imersão e interação.

Propondo discussões em torno da imersão e da interatividade na literatura e na mídia eletrônica, Marie-Laure Ryan repensa em seu livro *Narrative as Virtual Reality* (2001), a textualidade, a narratividade, a teoria literária e o processamento cognitivo dos textos à luz dos novos modos de construção artística do mundo, possibilitados pelo desenvolvimento da tecnologia eletrônica. O virtual como uma ilusão explica porque, nas poéticas contemporâneas, o conceito de imersão tende a ser visto como uma atitude passiva. Uma das metas do livro é reabilitar a estética imersiva do desprezo da teoria pós-moderna. Na fenomenologia da leitura, imersão é a experiência através da qual o mundo ficcional adquire a presença de uma realidade povoada por seres humanos com linguagem

independente e autônoma. O referencial teórico da autora mostra que, longe de promover a passividade, imersão necessita de um engajamento ativo com o texto e demanda ação no ato de imaginar.

Ryan (2001) examina a mudança metafórica que marca a transição dos ideais artísticos imersivos para os ideais interativos, considerando discussões como: a relação entre interatividade, suporte eletrônico, *ergodic design* (um conceito proposto por Espen Aarseth (1997) que envolve as alterações no texto, a cada leitura, fazendo o leitor encontrar seqüências diferentes de sinais durante diferentes seções de leitura); as propriedades do meio eletrônico e sua exploração na criação de novas interfaces entre o texto e o leitor; os vários tipos e funções da interatividade.

Segundo Lev Manovich, em *The Language of New Media* (2001), a palavra narrativa, adaptada para o mundo da Nova Mídia, está normalmente associada ao conceito de interatividade. A narrativa interativa é constituída por um número de registros de bancos de dados conectados de modo que são possibilitadas mais de uma trajetória, definida a partir de combinações pré-programadas. A narrativa interativa é montada pelo usuário a partir de dados pré-conectados pelo criador e “pode ser entendida como uma soma de múltiplas trajetórias atravessando um banco de dados” (MANOVICH, 2001:227).

Manovich (2001) analisa o que torna um meio “novo” e indica cinco princípios do que ele considera a “Nova mídia”: representação numérica, modularidade, automação, variabilidade e transcodificação. Estes princípios que diferenciam a velha da nova mídia, contribuem significativamente para a configuração da narrativa na Web. Os sistemas que contém essa narrativa são programáveis a partir do princípio de representação numérica. O

princípio da modularidade confere a narrativa o que Manovich (2001:30) chama de estrutura fractal da nova mídia, permitindo a associação entre narrativas em um mesmo ambiente. O princípio da automação configura e reconfigura a narrativa a partir de algoritmos e *templates*, sem que a intervenção do produtor seja necessária, basta que seja programada. O princípio da variabilidade possibilita que sejam criadas diferentes versões ou interfaces para a narrativa a partir de um mesmo banco e dados. E por fim, o princípio da transcodificação faz com que toda a informação seja visualizada, acessada e manipulada através do computador, e estabeleça diálogo entre dados e dados, dados e usuários, configurando um ambiente interativo.

Mark Meadows apresenta os estágios da interação em *Pause and Effect* (2003). Através da narrativa o usuário interage com a mensagem em quatro estágios: 1) Observação, 2) Exploração, 3) Modificação, 4) Mudança Recíproca (Meadows, 2003: 121). Esta evolução de ações no uso da narrativa supõe que na Web ela seja necessariamente visual, em uma primeira instância, quando o usuário precisa saber onde as coisas estão e o que elas fazem. A interseção entre estas ações é significativa para a narrativa interativa, já que sua composição baseia-se na idéia de que existe um número de eventos dispostos graficamente que devem ser acessados ordenadamente.

Composition is the factor that allows a reader to feel as if he or she has changed and been changed. This is a difficult item to understand because graphical composition has traditionally been thought of as a fixed thing. (...) A composition can be thought of as a kind of plot. It determines the events of a visual story over a space of time that uses points of view (MEADOWS, 2003: 121)⁸.

⁸ “Composição é o fator que permite ao leitor sentir-se como se ele ou ela tivesse mudado algo ou sido mudado. Este é um item difícil de se entender porque a composição gráfica tem sido pensada tradicionalmente como algo fixo. (...) Uma composição pode ser pensada como um tipo de enredo. Ela determina os eventos de uma história visual em um espaço de tempo que utiliza pontos de vista” (T.A.).

No âmbito do jornalismo, Javier Díaz Noci (2002, 2003) e Ramón Salaverría (2003, 2005) analisam conceitos e características do meio na composição do discurso jornalístico nas redes telemáticas. Apresentam particularidades dos gêneros e técnicas de redação que aproveitam as especificidades do ambiente hipertextual, multimídia e interativo. Em conjunto, no *Manual de Redacción Ciberperiodística* (2003), reúnem trabalhos de diversos autores que tratam de assuntos como as características da comunicação digital, o uso do hipertexto no jornalismo, a arquitetura da informação, a interatividade, o estilo no ciberespaço, os gêneros informativos, interpretativos, dialógicos e argumentativos neste ambiente.

Outros autores importantes também contribuíram para a construção do referencial teórico desta pesquisa, tais quais: Daniel Morgaine (1971); Antony Smith (1980); Tom Koch (1991); Jay David Bolter (1991, 1999, 2003), Roger Fidler (1997); John Pavlik (2001), Roland De Wolk (2001); Jim Hall (2002), António Fidalgo (2003, 2004); David Carlson (2003); Carlos Scolari (2004), entre outros que serão devidamente referidos ao longo do trabalho. De fundamental importância é também a produção dos integrantes do Grupo de Pesquisa em Jornalismo On-line⁹, da FACOM/UFBA, do qual a autora desta dissertação faz parte desde 2000.

5. Delimitação do objeto

O objeto de estudo desta pesquisa é a narrativa webjornalística. Nosso interesse volta-se para a identificação e análise de características específicas de sua composição

enquanto estrutura potencialmente multilinear que pode agregar diferentes formatos, na constituição de unidades informativas interativas. A partir das características encontradas na análise de produtos jornalísticos na Web, definimos parâmetros que nos permitem descrever particularidades de modelos narrativos e assim procuramos contribuir com elementos para compreender as especificidades da narrativa no webjornalismo.

Nosso universo de estudo envolve casos voltados para a realidade do mercado, entre os quais visualizamos a configuração da informação jornalística no período de 1996 e 2005. Observando o desenvolvimento do jornalismo praticado na Web, caracterizamos as épocas e inserimos as gerações do Webjornalismo (MIELNICZUK, 2003) neste contexto. O corpus empírico da pesquisa é composto pelos seguintes produtos do mercado: *O Estado de S. Paulo edição digital*¹⁰, *Portal Estadão*¹¹, *JB Online*¹², *El Mundo*¹³, *The New York Times On The Web*¹⁴, *MSNBC*¹⁵, *BBC News*¹⁶.

Nossa escolha justifica-se por dois fatores: 1) após análise preliminar, no período inicial desta pesquisa, durante o ano de 2004, observou-se que estes produtos vêm incorporando ao jornalismo os recursos do meio de maneira significativa, constituindo-se enquanto bons exemplos de produtos que apresentam conteúdo produzido para a Web; 2) dentro do pressuposto de que sejam bons exemplos, escolhemos amostras de países

⁹ <http://www.facom.ufba.br/jol>

¹⁰ <http://www.estado.com.br>

¹¹ <http://www.estadao.com.br>

¹² <http://www.jb.com.br>

¹³ <http://www.elmundo.es>

¹⁴ <http://www.nytimes.com>

¹⁵ <http://www.msnbc.msn.com>

¹⁶ <http://news.bbc.co.uk>

diferentes que nos permitissem retratar visões globais e locais do jornalismo das redes telemáticas.

Certamente, esta é apenas uma amostra do que vem sendo desenvolvido pelas empresas jornalísticas na Web. Consideramos pertinente a escolha por razões de proximidade entre estes pólos de produção webjornalística (Brasil, Espanha, Estados Unidos e Inglaterra) no que diz respeito à exploração do potencial do meio para o fazer jornalístico. Além disso, os países citados apresentam bibliografia especializada mais consolidada.

6. Metodologia

A presente pesquisa insere-se no âmbito dos estudos exploratórios (YIN, 2005), uma vez que, ao propor focar a construção da narrativa webjornalística, tem como propósito apontar e explorar características e modelos de composição no ciberespaço, indicando elementos específicos que contribuam para a compreensão das particularidades da narrativa no webjornalismo. Como modelo metodológico e operativo adotamos o método do Estudo de Caso como Ilustração (MACHADO e PALACIOS, 2005).

Para alcançar os objetivos estabelecidos, percorremos três etapas: 1) revisão preliminar da bibliografia, acompanhada da análise da produção das organizações jornalísticas relacionadas ao objeto de estudo; 2) delimitação do objeto com formulação das hipóteses de trabalho e 3) elaboração de categorias de análise, processamento do material coletado e definição conceitual sobre as particularidades do objeto pesquisado.

A pesquisa bibliográfica, aliada às análises de produtos das organizações jornalísticas nos permitiram, no final de 2003, elaborar o projeto de pesquisa para o ingresso, em janeiro de 2004, no Programa de Pós-graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas da Faculdade de Comunicação da UFBA. A partir do projeto, fizemos uma análise preliminar do objeto, que se desenvolveu durante os dois semestres de 2004, além de emprendermos a revisão de bibliografia internacional e nacional e a produção do GJOL, acompanhada de um mapeamento do campo para a escolha definitiva das organizações jornalísticas utilizadas no estudo de casos. O contato com a bibliografia das disciplinas do curso permitiu, com o orientador, ajustar o projeto e seguir para a segunda fase da pesquisa: delimitar o objeto de estudo e definir as hipóteses de trabalho.

Nesta segunda fase, desenvolvida desde o final de 2004 até maio de 2005, consideramos aspectos relevantes para a compreensão do objeto estudado e procuramos identificar regularidades ou discontinuidades em relação a hipóteses já levantadas por membros do GJOL (MACHADO, 2000; SILVA JR, 2000; BARBOSA, 2002; MIELNICZUK, 2003; PORTO ALEGRE, 2004; NOGUEIRA, 2005; MOHERDAUI, 2005) que julgássemos relevantes para a construção de novas hipóteses de trabalho.

Levantadas as hipóteses, selecionamos as organizações jornalísticas para o desenvolvimento do estudo de casos. Em concordância com a justificativa apresentada no tópico anterior, os critérios básicos para a delimitação do objeto dos estudos de casos foram: 1) originalidade; 2) representatividade e 3) diversidade. Estes três critérios justificam-se, de acordo com Machado e Palacios (2005), pois, “ao longo do tempo verificamos que quanto mais original for a organização, mais adequada será para os

propósitos do pesquisador; quanto mais representativa de uma tendência mais chances terá de ser incluída e quanto mais distante estiver das tendências dominantes levantadas melhor porque serve como contraprova” (MACHADO e PALACIOS, 2005).

As observações e as análises se deram tomando como objetos de estudo exemplos de produtos e iniciativas na Web cujos perfis estão sintonizados com o corpus empírico da pesquisa: produtos digitais de empresas informativas consolidadas que possuem um histórico de utilização dos recursos do meio para a produção de um jornalismo digital, múltiplo e dialógico.

Na segunda fase ainda, definimos o procedimento do estudo de casos, o que em nossa pesquisa configura-se como Estudo de Caso como Ilustração (MACHADO e PALACIOS, 2005). Desta maneira, procuramos identificar conceitos e variáveis que podem ser estudados quantitativamente, procedimento que, em concordância com Machado e Palacios (2005), “permite que a realidade do conceito – uma abstração que por definição descreve, mas não representa realidade alguma – seja contrastada com a realidade diversificada dos objetos estudados nos casos, possibilitando que, quando for necessário, o conceito posto à prova seja reformulado para incorporar os aspectos até então desconsiderados” (MACHADO e PALACIOS, 2005).

Após revisão bibliográfica, análise da produção relacionada ao objeto de estudo, delimitação do objeto, levantamento das hipóteses de trabalho e definição do procedimento do estudo de casos, passamos à terceira e última fase da pesquisa: elaboração de categorias de análise, processamento do material coletado e definição conceitual sobre as particularidades do objeto pesquisado. Como nossa preocupação é primordialmente teórica,

a terceira fase desempenhou função central para alcançar os objetivos propostos. O procedimento utilizado passou por três etapas: 1) revisão e crítica da literatura; 2) descrição de realidades e 3) criação de conceitos e categorias de análise. Fundamentadas em nosso referencial teórico, estas três etapas serviram para sistematizar as informações adquiridas na coleta de dados. A tabela abaixo mostra as fases da pesquisa desenvolvidas no período de janeiro de 2004 a outubro de 2005.

Tabela-resumo 1 – As fases da pesquisa

FASES / TEMPO	JAN/2004	DEZ/2004	JAN/2005	MAI/2005	JUN/2005	OUT/2005
1ª FASE						
2ª FASE						
3ª FASE						

Tendo em vista os estágios de desenvolvimento do webjornalismo descritos por autores do campo (PAVLIK, 2001; JIMÉNEZ GUERRERO e HUERTA, 2002; MIELNICZUK, 2003), utilizamos a classificação de Mielniczuk (2003) para situar os momentos pelos quais passou nosso corpus empírico no período entre 1996 e 2005, mesmo que a classificação da autora não seja baseada no tempo. Para o acesso as edições antigas dos produtos, utilizamos uma biblioteca on-line, o *Internet Archive*¹⁷, que reúne um histórico de mais de 10 bilhões de publicações para a Web, produzidas em todo o mundo, a partir de 1996. Por este motivo, optamos analisar as publicações neste período de tempo.

¹⁷ <http://www.archive.org> - “*Universal access to human knowledge*” – O Internet Archive é uma organização pública, sem fins lucrativos, localizada nos EUA, criada em 1996 para oferecer acesso gratuito e permanente a qualquer material no formato digital existente na Web.

O *Internet Archive* funciona como um museu de websites, de produções jornalísticas ou não. Recebendo colaborações de organizações como *American Library of Congress*, *Smithsonian Institution*, *Alexa Internet*, *University of California*, o *Internet Archive* disponibiliza a ferramenta *WayBack Machine*¹⁸, que permite consulta às publicações completas, desde 1996, através da *URL* de qualquer website, ativo ou não. Desde 1996, quando foi criado, o *Internet Archive* grava e armazena websites, reunindo uma coleção permanente de material digital, com 100 *terabytes* de dados armazenados em um volume de 10 *terabytes* de informações arquivadas por mês.

Alguns produtos têm no *Internet Archive* o primeiro registro na Web em 1997 ou 1998, ou ainda, como o *El Mundo*, no ano 2000. Sabemos que as primeiras edições Web do *Jornal do Brasil* e do jornal *O Estado de SP*, por exemplo, datam de 1995. Na ferramenta que utilizamos, só dispomos das edições destes produtos, respectivamente, a partir de 1996 e 1997. A tabela abaixo, mostra os anos das publicações que serão analisados a partir da ferramenta.

Tabela-resumo 2 – Corpus da pesquisa

Corpus / Ano	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005
O Estado de SP										
Portal Estadão										
JB Online										
The NY Times										
MSNBC										
BBC News										
El Mundo										

¹⁸ <http://www.archive.org/Web/Web.php> - “Surf the Web as it was” – A ferramenta permite que façam-se referências (links) a sites arquivados pelo Internet Archive, estejam eles ativos ou já extintos.

Nosso levantamento exploratório abrange os gêneros jornalísticos na Web. Entre os produtos que compõem o corpus da pesquisa, selecionamos cem (100) unidades de cada gênero jornalístico, quais sejam, notícia, reportagem, entrevista e infografia, de cada publicação. A definição do número de unidades analisadas em cada publicação foi aleatória. Dada a impossibilidade de analisar todas as edições entre 1996 e 2005, dos sete webjornais, optamos por definir um número absoluto para observar sempre a mesma quantidade em cada publicação.

Tabela-resumo 3 – Número de produtos analisados em cada um dos sete webjornais

PRODUTOS	NOTÍCIAS	REPORTAGENS	ENTREVISTAS	INFOGRAFIAS
UNIDADES	100	100	100	100

Os gêneros de opinião são tratados, nesta dissertação, como um fenômeno que começa a ser estudado no campo e que encontra relação com o surgimento dos blogs jornalísticos. Como há, desde o início da pesquisa, a constatação de que não existe um formato que se diferencie significativamente dos tradicionais, não incluiremos os gêneros de opinião no universo do qual deriva a classificação de modelos narrativos webjornalísticos.

7. Estrutura da Dissertação

Esta dissertação apresenta cinco capítulos, além da introdução e das conclusões. Com o objetivo de identificar elementos e características da narrativa webjornalística que

permitam discutir particularidades de uma retórica adaptada ao ciberespaço, analisamos os gêneros jornalísticos na Web. No período de 1996 a 2005, observamos a evolução das formas narrativas no webjornalismo e, baseados nisto, elaboramos uma tipologia de modelos narrativos.

O primeiro capítulo, intitulado *A Evolução das Formas Narrativas no Webjornalismo*, aborda as estratégias da narrativa na Web para a produção jornalística, delimitando características da reconfiguração da narrativa no ciberespaço. Estabelecemos relações entre os elementos da narrativa tradicional e os elementos do meio. Tratamos de suas funções e tipos, e apresentamos os gêneros webjornalísticos a partir da classificação de Díaz Noci e Salaverría (2003) e Salaverría (2005).

No segundo capítulo, apresentamos uma tipologia de modelos narrativos webjornalísticos, inspirada em Fidalgo (2004), que utiliza conceitos da geometria para ilustrar cinco modelos narrativos para o jornalismo na Web, quais sejam: Plano, Poligonal, Poliédrico e Esférico. A delimitação dos modelos nos permitiu observar características simples e complexas na evolução do webjornalismo que, cumulativamente, vêm transformando esta modalidade.

O terceiro capítulo apresenta elementos para um estudo da narrativa webjornalística multilinear, multimidiática e interativa. Aborda a questão da arquitetura da informação e suas diferentes instâncias, a partir das formulações de Machado (2004c), que complexificam a noção de esquema estrutural de conteúdos. Neste capítulo, observamos ainda a organização modular da informação jornalística, as estruturas narrativas da

reportagem na Web e as relações entre os níveis de interatividade e a composição da narrativa.

No capítulo intitulado *A Retórica da Narrativa Jornalística na Web*, apresentamos os gêneros jornalísticos em um novo contexto. A partir dos gêneros que mais se destacam na Web, a notícia, a reportagem, a entrevista e a infografia, observando também a opinião e o fenômeno dos blogs jornalísticos, reunimos aspectos que podem contribuir para uma reflexão mais aprofundada, em um momento posterior, sobre o que viria a ser uma teoria estética do webjornalismo.

No quinto e último capítulo, cujo título é *Um Caso Específico: A Infografia Multimídia*, destacamos o gênero jornalístico que, na Web, se destaca pela capacidade de integração de formatos diferenciados de conteúdo e de articulação visual da narrativa. A infografia apresenta características de uma nova retórica, que podem contribuir para que o webjornalismo desenvolva uma estética própria.

As conclusões do trabalho contextualizam o momento em que esta dissertação se realiza, revisam os principais aspectos estudados durante a pesquisa, apresentam sistematicamente as hipóteses que se confirmaram e as que não se confirmaram, e os argumentos sobre alcance ou não dos objetivos propostos. A partir de nossas análises, apontam ainda perspectivas para um cenário mais consolidado do webjornalismo que, em continuidade à produção de pesquisadores do campo (MORGAINÉ, 1971; SMITH, 1980; KOCH, 1991; BOLTER, 1991; DÍAZ NOCI, 1994; MACHADO e PALACIOS, 1996; FIDLER, 1997; PALACIOS, 1999; BOLTER e GRUSIN, 1999; MACHADO, 2000; PAVLIK, 2001; DÍAZ NOCI, 2002; DÍAZ NOCI e SALAVERRÍA, 2003; MACHADO,

2003; MIELNICZUK, 2003; BARBOSA, 2004; PORTO ALEGRE, 2004; SALAVERRÍA, 2005; NOGUEIRA, 2005; BARBOSA *et al*, 2005), indicam que este fenômeno deve ser situado como um complexo de continuidades, rupturas e potencializações, frente ao modelo tradicional da prática jornalística.

Capítulo 1

A Evolução das Formas Narrativas no Webjornalismo

John Pavlik, em *Journalism and New Media* (2001), identifica três estágios de evolução no jornalismo digital: o primeiro, caracterizado pela transposição do conteúdo impresso para a Internet; o segundo, pela agregação de recursos e criação de conteúdos originais; e o terceiro, que segundo ele, está começando a emergir, é marcado por um produto totalmente exclusivo para a Internet.

Em *Periódicos Online* (2002), Jiménez Guerrero e Huerta indicam que a imprensa digital tem sua evolução marcada por quatro fases: na primeira, se reproduz o conteúdo das edições impressas de forma seqüencial e sem imagens, e nas redações jornalísticas não existem recursos dedicados exclusivamente à edição digital. Na segunda fase, se introduz o hipertexto e se incorporam elementos audiovisuais como imagens e áudio, caracterizando uma fase em que a configuração física de um jornal eletrônico começa a separar-se do impresso. A terceira fase é marcada pela incrementação dos conteúdos multimídia, oferecimento de serviços orientados ao entretenimento, criação de comunidades, e início do oferecimento de comércio eletrônico. A quarta fase caracteriza-se pelo desenvolvimento de conteúdo exclusivo para a Web, incorporando elementos interativos (*chats*, enquetes...), reservando profissionais exclusivamente para o trabalho da edição digital.

Para Mielniczuk (2003:31), a indicação de fases de desenvolvimento do webjornalismo¹ em alguns autores do campo “não se trata de uma divisão estanque no tempo e tais categorias também não são excludentes entre si, ou seja, em um mesmo período de tempo, podemos encontrar publicações jornalísticas para a Web que se enquadram em diferentes gerações e, em uma mesma publicação, podemos encontrar aspectos que remetem a estágios distintos”.

Em sua tese doutoral *Jornalismo na Web: uma contribuição para o estudo do formato da notícia na escrita hipertextual* (Mielniczuk, 2003), a autora propõe que a trajetória dos produtos jornalísticos desenvolvidos para a Web passa por três momentos: produtos de primeira geração ou fase de transposição; produtos de segunda geração ou fase de metáfora; e produtos de terceira geração ou fase do webjornalismo.

Na fase transpositiva, a disponibilização de informações jornalísticas na Web fica restrita à possibilidade de ocupar um espaço, sem explorá-lo enquanto um meio que apresenta características específicas. Na fase metafórica, o jornal impresso funciona como uma referência para a elaboração das interfaces dos produtos e começam a ocorrer experiências na tentativa de explorar as características oferecidas pela Internet. O webjornalismo de terceira geração é descrito pela autora como “sites jornalísticos que extrapolam a idéia de uma versão para Web de um jornal impresso já existente” (MIELNICZUK, 2003:36).

¹ Embora utilizem a denominação jornalismo digital, os autores citados referem-se ao jornalismo desenvolvido para a Web. Como tratamos na introdução deste trabalho, ainda inexistente no campo um consenso sobre a nomenclatura para esta modalidade de jornalismo. Nossa opção pela utilização do termo webjornalismo está de acordo com Canavilhas (2001), Mielniczuk (2003), Porto Alegre (2004) e Nogueira (2005).

Neste primeiro capítulo, apresentamos as transformações das formas narrativas no webjornalismo, observando as estratégias da narrativa na Web para a produção jornalística, para que no segundo capítulo possamos classificar modelos narrativos webjornalísticos, a partir da identificação de diferentes formas de composição da informação jornalística neste ambiente. Para uma melhor compreensão da tipologia, é necessário, antes, definir o conceito de narrativa na Web e identificar as estratégias utilizadas para a produção dos gêneros jornalísticos.

1.1 A narrativa na Web e suas estratégias para a produção de notícias

Pretendemos explorar o potencial da narrativa na Web, no contexto do webjornalismo, identificando suas características na composição de diferentes produtos e analisando algumas de suas estratégias para a produção de uma nova modalidade de jornalismo.

Interconectar dados através do hipertexto, em um ambiente composto pelos elementos da narrativa tradicional, em associação aos elementos, características e princípios do meio, constitui o ato de narrar na Web. Neste ambiente, a narrativa assume duas funções: 1) organizar e tornar facilmente acessíveis os dados na tela, tornando-se desta maneira a mediadora entre computador, usuário e produtor (JOHNSON, 2001; SCOLARI, 2004), e 2) criar ambientes diferenciados para as relações entre os dados, permitindo experiências distintas e possibilitando a identificação de diferentes tipos de produtos e de estratégias comunicacionais.

1.2 A reconfiguração da narrativa na Web

O texto narrativo tradicional é definido por Mieke Bal (1999) como um texto onde um agente relata, conta uma história em um meio particular através da linguagem, da imagem, do som ou da combinação deles. A história é uma fábula apresentada de determinada maneira. A fábula, por sua vez, constitui-se como uma série de eventos lógicos e cronologicamente relacionados entre si, causados ou experienciados por atores (BAL, 1999:5). Estes três elementos básicos da narrativa transpostos para a Web ou para um sistema interativo são reconfigurados e potencializados pela associação aos elementos, características e princípios do meio.

Consideramos a lexia, a interface e o banco de dados elementos básicos do meio, sem os quais os sistemas interativos não podem operar. A lexia, enquanto unidade mínima de informação, pode conter a linguagem, a imagem, o som ou a combinação deles. Um conjunto de lexias interconectadas forma a interface, que permite tradução e interação entre o usuário e o computador e varia de acordo com as diferentes configurações dos dados armazenados por um banco. O banco de dados, por sua vez, reúne registros, ou eventos, que podem ser recuperados e relacionados de diversas maneiras, simples ou complexas, seqüencial ou fragmentada, linear ou multilinear, acessados pelo usuário.

Percebe-se que uma relação de semelhança pode ser estabelecida entre os elementos da narrativa tradicional e os elementos do meio.

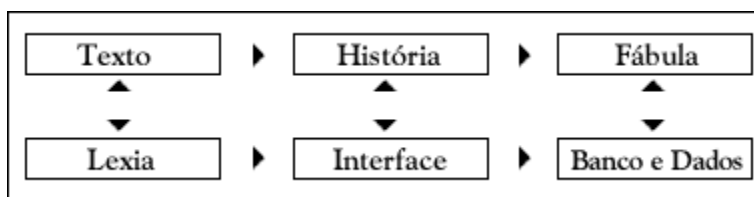


Figura 1 – Relação de semelhança entre os elementos

A relação de semelhança se dá na medida em que consideramos que os tipos de elementos são componentes de narrativas, e como na narratologia (BAL, 1999), o texto é a unidade mínima da narrativa, na teoria do hipertexto (LANDOW, 1997), a lexia é a unidade mínima da narrativa. A história, uma fábula apresentada de certa maneira (BAL, 1999), assemelha-se à interface enquanto maneira através da qual apresenta-se a informação ao usuário (JOHNSON, 2001; SCOLARI, 2004). A interface muda de acordo com o conteúdo, o contexto, o produtor, ou o acesso pelo usuário. Assim também muda a história e apresenta a fábula de diferentes formas. A fábula, que se constitui como uma série de eventos lógicos e cronologicamente relacionados entre si, causados ou experienciados por atores (BAL, 1999), é uma estrutura que contém elementos e estabelece relações entre eles, sejam de natureza causal ou temporal. É o espaço onde se desenvolve a ação propriamente dita. Da mesma forma, o banco de dados constitui-se como uma estrutura que contém elementos, ou registros, e estabelece relações entre eles traduzidas pela organização das interfaces e pela ordem de acesso do usuário (MANOVICH, 2001). É o espaço que provê a interface de elementos para o desenvolvimento da ação.

As características do meio² determinam como funcionam as relações entre os elementos da narrativa tradicional e os elementos da narrativa hipertextual. O ambiente interativo hipertextual demanda certos tipos de relações entre produtor, interface e usuário com os dados, que mudam a cada acesso ou a cada reconfiguração da interface. A recuperação de memória ou a customização do conteúdo também transformam a produção e o acesso à informação. A atualização contínua gera outro tipo de material e a multimídia converge formatos das mídias tradicionais em um só meio.

As potencialidades proporcionadas pelas características do meio dão forma à narrativa na Web, fazem-na funcionar ao clique do usuário, conferem-lhe autonomia nos limites das interfaces e das relações entre os registros disponíveis nos bancos de dados. Como veremos mais adiante, a hipertextualidade e a interatividade exercem papéis fundamentais na composição da narrativa na Web.

Os princípios identificados por Manovich (2001), que diferenciam a velha da nova mídia, contribuem significativamente para a configuração da narrativa na Web: representação numérica, modularidade, automação, variabilidade e transcodificação. Estes princípios transformam a narrativa que se torna programável, fractal, automática, variável a partir de uma fonte comum, visualizada, acessada e manipulada através do computador, configurando um ambiente interativo.

² Vários autores definem as características do meio, quais sejam hipertextualidade, interatividade, multimídia, personalização, memória e atualização contínua, não sendo necessário neste momento aprofundar aspectos de uma a uma. Para retomar os conceitos ver: MACHADO e PALACIOS, 2003; MIELNICZUK, 2003.

Neste contexto, a narrativa na Web é definida por nós como: estrutura que incorpora os elementos da narrativa tradicional em associação aos elementos, características e princípios do meio, para desempenhar duas funções: 1) organizar e tornar facilmente acessíveis os dados na tela, tornando-se desta maneira a mediadora entre computador, usuário e produtor (JOHNSON, 2001; SCOLARI, 2004), e 2) criar ambientes diferenciados para as relações entre os dados, permitindo experiências distintas e possibilitando a identificação de diferentes tipos de produtos e de estratégias comunicacionais.

1.3 As funções e os tipos

Através da narrativa, o usuário interage com a mensagem em quatro estágios: 1) Observação, 2) Exploração, 3) Modificação, 4) Mudança Recíproca (MEADOWS, 2003:121). Esta evolução de ações no uso da narrativa supõe que na Web ela seja necessariamente visual, em uma primeira instância, quando o usuário precisa saber onde as coisas estão e o que elas fazem. De acordo com Meadows (2003), o usuário interage com a narrativa a partir de duas visões, uma macroscópica e outra microscópica, sendo a primeira a que permite que o primeiro estágio da interação ocorra, e a segunda, o restante. A observação é caracterizada por Meadows (2003) como uma acomodação do usuário no ambiente, quando, numa visão macroscópica, ele se acostuma com o entorno da informação e com a maneira como ela está organizada. A exploração é encorajada pela visão microscópica, em um segundo momento, apresentando informação por subdivisões, o que convida o usuário a criar um mapa cognitivo que o inclina a explorar os caminhos disponíveis.

A modificação é o terceiro estágio da interação e está envolvido diretamente com o processo de resposta (*feedback*). Se o usuário percebe que uma ação sua efetuou qualquer tipo de mudança no sistema, percepção esta obtida por uma resposta, ele estará aberto a realizar outras ações. Desta maneira, cria-se um ciclo onde o usuário interfere no ambiente, o ambiente muda, ele obtém uma resposta, percebe a mudança e interfere novamente, e assim por diante, chegando ao quarto estágio da interação denominado por Meadows (2003:121) de mudança recíproca.

Os quatro estágios da interação são um resultado da ação do usuário no ambiente interativo e originam o que Meadows (2003:121) considera as três formas principais de interação: 1) adquirir informação, 2) descobrir informação adicional e 3) facilitar a distribuição da informação entre múltiplos usuários. São estas três formas de interação as responsáveis pelas mudanças de postura do usuário em relação ao meio e aos seus produtos. De acordo com Meadows (2003), toda narrativa interativa funciona mediante pelo menos uma destas três formas.

Manovich (2001) considera que a narrativa interativa é constituída pelos links entre os registros de uma base de dados de maneira que mais de uma trajetória seja possibilitada ao usuário. Esta assertiva é indissociável da hipertextualidade, já que o link é o recurso técnico que potencializa o funcionamento do hipertexto (MIELNICZUK e PALACIOS, 2001). Sendo assim, podemos dizer que toda narrativa na Web é interativa (MANOVICH, 2001; MEADOWS, 2003), e, considerando o fato de ser o link o operacionalizador das escolhas e transições entre produtor, interface e usuário, toda narrativa na Web é hipertextual. Desta maneira, interatividade e hipertextualidade são as duas características do

meio, entre todas as outras, responsáveis pela função narrativa de organizar e tornar facilmente acessíveis os dados na tela.

A segunda função da narrativa na Web consiste em criar ambientes diferenciados para as relações entre os dados. Desta função derivam os tipos de narrativas que permitem ao usuário ter experiências distintas e possibilitam a identificação de diferentes tipos de produtos e de estratégias comunicacionais. Essa criação de ambientes diferenciados depende da complexidade dos conceitos de narrativa tradicional e do grau de imersão ou conectividade do usuário no ambiente interativo (RYAN, 2001:256).

Marie-Laure Ryan (2001) define três tipos de narrativas tradicionais (seqüencial, causal e dramática) e depois analisa suas estruturas em sistemas interativos. A autora considera que a arquitetura de seu sistema de links da narrativa interativa reconfigura e potencializa o conceito de narrativa.

A narrativa seqüencial é uma representação de eventos físicos ou mentais envolvendo participantes diretos ou indiretos, ordenada por uma seqüência temporal (*“The king died, then the queen died”* (RYAN, 2001:244)). A narrativa causal é uma interpretação de eventos que invoca causalidade (*“The king died, then the queen died of grief”* (RYAN, 2001:244)). A narrativa dramática é uma estrutura semântica que necessita de requisitos formais, como tema evidente, foco, desenvolvimento controlado por uma trajetória que vai do equilíbrio à crise até uma nova forma de equilíbrio, da ascensão à queda em tensão. Esta última corresponde ao conceito aristotélico de enredo (RYAN, 2001:245). Quanto maior for a complexidade da definição de narrativa, nos diferentes contextos, maiores serão as demandas relativas à composição interativa do produtor da informação.

Ryan (2001) considera que a narrativa seqüencial corresponde a produtos como o diário pessoal e a crônica, configurados como uma lista de eventos que podem ser escritos com um deslocamento temporal mínimo, respeitando a seqüência de seus acontecimentos. Em um sistema hipertextual, a narrativa seqüencial é criada pela ‘interlinkagem’ de uma coleção de lexias que se referem aos mesmos sujeitos e representam os eventos na ordem dos acontecimentos.

A narrativa causal é concebida como uma retrospectiva: o narrador une eventos em uma cadeia causal que leva a uma conseqüência específica. Em um sistema interativo, narrativas causais são encontradas em jogos de aventura. A interatividade permite descobrir o plano do sistema e ir superando barreiras que levam a determinados caminhos.

A narrativa dramática envolve o usuário em uma experiência de natureza evasiva e variável. Dependendo do gênero do trabalho, ela pode ser definida de várias maneiras: comédia, suspense, auto-conhecimento, descoberta, empatia etc. A narrativa dramática controla emoções e reações a partir de um mundo planejado. A implementação de uma narrativa dramática em um ambiente interativo requer uma coordenação das ações do usuário em concordância com os objetivos do sistema.

Os ambientes diferenciados onde se dão as relações entre os dados dependem, além dos tipos de narrativas, do grau de imersão ou de conectividade do usuário no ambiente interativo. Ryan (2001) define três tipos de imersão (temporal, espacial e emocional), que são formas de envolvimento com as narrativas.

A imersão temporal envolve as respostas do usuário em relação ao enredo e suas seqüências. A imersão espacial envolve o usuário com o cenário e o entorno da informação.

A imersão emocional envolve o usuário com as personagens e a tensão estabelecida pelo enredo. A depender da composição das estruturas narrativas, o sistema estabelece diferentes relações entre os dados que demandam do usuário determinadas ações e colaboram para que a narrativa atinja seus objetivos, que podem ser informar, entreter ou prestar serviços. No contexto desta dissertação, ao analisarmos a narrativa webjornalística, os tipos de narrativas variam de acordo com os gêneros.

1.4 Os gêneros webjornalísticos

Javier Díaz Noci e Ramón Salaverría (2003) classificam os *géneros ciberperiodísticos*³ em informativos, interpretativos, dialógicos e argumentativos. Salaverría (2005) identifica nove *géneros ciberperiodísticos* a considerar: notícia, crônica, entrevista, *chat*, fórum de discussão, enquete, reportagem, coluna, infografia. O autor alerta para a dificuldade relacionada à transposição de gêneros clássicos dos meios impressos e audiovisuais para o que chama de *cibermedios* modernos. “Lo que aparenta ser una simples perpetuación de géneros clásicos esconde en realidad su profunda, aunque a menudo casi inadvertida, transmutación” (SALAVERRÍA, 2005:141).

Em primeiro lugar, a hipertextualidade, em segundo, a multimídia, e em terceiro e último lugar, a interatividade, promovem transformações nas definições dos gêneros jornalísticos e na criação, para além dos clássicos gêneros informativos, interpretativos e argumentativos: os gêneros dialógicos (SALAVERRÍA, 2005:143).

³ Salaverría (2005:21) considera que “o ciberjornalismo é a especialidade de jornalismo que se utiliza do ciberespaço para investigar, produzir e, sobretudo, difundir conteúdos jornalísticos. É um novo jornalismo, em suma”. (T.A.)

Esta tendencia a la difuminación e hibridación de los géneros no anula su identidad, sólo la modifica. Los géneros ciberperiodísticos siguen cumpliendo las funciones tradicionales de todo género literario o periodístico: es decir, sirven de modelos de enunciación para el escritor y de horizonte de expectativas para el lector. (...) De hecho, los lectores de los cibermedios aprenden a consumir estos nuevos medios gracias en gran medida a su experiencia previa en el consumo de otros medios clásicos, en los que resulta imprescindible el papel de los géneros como recurso para la correcta interpretación. (...) El conocimiento de los géneros periodísticos clásicos, en suma, no sólo facilita el establecimiento de nuevos modelos de producción editorial en los cibermedios; desde el punto de vista de los receptores, también permite que el público aprenda a “leer” los cibermedios (SALAVERRÍA, 2005:143).

Os gêneros dialógicos são formatos baseados na interação, instantânea ou diferida, entre múltiplas pessoas que estabelecem diálogo através da palavra escrita, da palavra oral, da linguagem gestual ou da iconografia, convertendo a Internet em uma plataforma de debates (LOPEZ e BOLAÑOS, 2003). Entrevistas, *chats*, fóruns de discussão e enquetes são classificados como gêneros dialógicos (SALAVERRÍA, 2005; LOPEZ e BOLAÑOS, 2003). Em concordância com Irene Machado (2001), consideramos que *chats*, fóruns de discussão e enquetes são gêneros digitais: formas comunicativas processadas digitalmente ou pela via on-line, pela conexão e estrutura de redes de computadores. Deixaremos esta discussão para o quarto capítulo, que abordará, em um de seus tópicos, o contexto digital e os gêneros dialógicos.

Para analisar os elementos da narrativa webjornalística, tomamos as definições dos gêneros *ciberjornalísticos* apresentadas por Ramón Salaverría (2005).

Notícia

Gênero chave do *ciberjornalismo* com potencial documental multiplicado pela possibilidade de linkar-se a documentos preexistentes, como sites externos à publicação ou

informações publicadas anteriormente pelo próprio produto. Uma notícia de última hora pode ser rapidamente publicada no contexto informativo sem que seja necessário incluir todas as referências do texto principal. Caso seja oportuna, a inclusão de comentários dos usuários pode complementar a notícia. No interior da narrativa, áudio, vídeo e imagem podem informar o ocorrido. O título é um link e o ponto de partida da narrativa. No corpo da notícia, além da data da publicação, para cada inclusão entram horas e minutos. Cinco tipos de “cibernotícias” são classificados por Salaverría (2005:115) – flashes informativos, notícias simples, notícias com documentação, notícias com análise e notícias com comentários.

Crônica

Textos de urgência, de última hora, como as notícias, narrados de minuto em minuto. Gênero que mantém em sua versão ‘ciber’ a combinação tradicional de informação e interpretação, complementando, acompanhando ou ilustrando gêneros mais marcadamente informativos como a notícia. No ‘cibermeio’, Salaverría (2005:151) indica que a crônica possui duas modalidades: ao vivo e de última hora. O conceito de crônica varia da Espanha para o Brasil. José Marques de Melo (1985) classifica o jornalismo em dois gêneros: o informativo e o opinativo. Este último apresentado como editorial, comentário, artigo, resenha, coluna, crônica, caricatura e carta.

Essa distinção entre a categoria informativa corresponde a um artifício profissional e também político. Profissional no sentido contemporâneo, significando o limite em que o jornalista se move, circulando entre o dever de informar (registrando honestamente o que observa) e o poder de opinar, que constitui uma concessão que lhe é facultada ou não pela instituição em que atua (MARQUES DE MELO, 1985:23-24).

Entrevista

Mantém as características do gênero clássico, consistindo em um interrogatório em que o jornalista formula perguntas e o entrevistado responde. Pode ter caráter totalmente multimídia, proporcionando ao usuário ouvir a voz do entrevistado ou vê-lo no momento que a entrevista se dá. Através da hipertextualidade, disponibiliza informação complementar ao que o entrevistado diz, produzindo contexto. Além disso, pode dividir-se em blocos temáticos de acesso aleatório pelo usuário. Apresentando uma classificação de gêneros dialógicos audiovisuais no ciberespaço, Nogueira (2005) indica três tipos de entrevistas: Entrevistador entrevistado; Comentário multiorientado; Entrevista-fato, como abordaremos com mais detalhes no quarto capítulo.

Chat

Suas características guardam semelhanças com o gênero clássico da entrevista, tendo como principal diferença a participação de três lados: jornalista, entrevistado e usuário. Neste contexto, o jornalista assume o papel e mediador do diálogo entre o entrevistado e o usuário, fazendo também suas intervenções. Segundo López e Bolaños (2003:518), o *chat* é a expressão natural da entrevista na rede e pode ser diferenciado em dois tipos: 1) interações de *chat* com personalidades e 2) entrevistas digitais. Este tipo de comunicação é fruto de uma convenção dos interatores ou usuários que estabelecem suas próprias normas no ato comunicativo, como por exemplo o uso de acrônimos e *emoticons*.

Fórum de discussões

A diferença entre o *chat* e o fórum é a temporalidade. O *chat* tem um caráter temporal e esporádico, ocorre em um dia e hora predeterminados e com uma duração

limitada. A transcrição na íntegra de um *chat* pode ficar disponível por muito tempo após sua realização, mas não está aberta a modificações ou complementações. Diferentemente, o fórum é um local permanente de encontro para debate. Com maior ou menor regularidade, os usuários vão até ele interessados em um tema para mostrar suas opiniões. Os jornalistas assumem o papel de mediador entre o tema, a discussão e os usuários, reconduzindo a discussão quando necessário e participando quando deseja. Para López e Bolaños (2003:519), os fóruns de discussão propõem uma nova maneira de coesão social em torno de identidades múltiplas, compartilhadas e de alguma maneira reconstituídas. São os responsáveis diretos pela criação das comunidades virtuais (LÓPEZ e BOLAÑOS, 2003:519).

Enquetes

Adquire maior protagonismo informativo nos *cibermeios* com duas características principais: os participantes vão até a enquete, e a apresentação dos dados, ao invés de oferecer respostas a perguntas abertas, recorre a modelos de tabulação estatística e oferece um panorama sobre o assunto. Diferente das enquetes em programas de televisão ou de rádio, ou publicadas em um jornal impresso, por telefone ou feita uma a uma, presencialmente, as enquetes no *cibermeio* possibilitam mais rapidamente resultados com um número muito maior de participantes. O rigor estatístico ainda deixa a desejar, mas seu valor como termômetro da opinião pública é potencializado. López e Bolaños (2003:521) consideram que a enquete nos meios eletrônicos tem mais a intenção de gerar audiência do que criar debate ou conhecer os interesses de seus autores.

Reportagem

Gênero emblemático para a interpretação, algumas vezes com estilo informativo outras com formas mais literárias, a reportagem pretende analisar processos, causas e conseqüências dos acontecimentos da atualidade. No *cibermeio*, mantém as características da definição clássica, beneficiando-se principalmente da multimídia e da hipertextualidade. Mostra-se como um complexo informativo que pode reunir de maneira equilibrada diferentes formatos, estruturando a informação em diversos níveis e permitindo uma relação interativa do usuário com os blocos informativos. Salaverría (2005:162-163) divide a reportagem em dois tipos: dossiê documental ou reportagem especial, e reportagem multimídia.

Coluna

Por enquanto é um gênero que aproveita minimamente as potencialidades do meio. Gênero argumentativo, a coluna, e também o editorial, preserva na Rede as características formais dos meios tradicionais. Segundo Salaverría (2005: 165), os *weblogs* oferecem um referencial adequado para que se observe caminhos que podem chegar a um modelo mais condizente com o meio. Assim como a crônica pode aproveitar-se deste formato ainda não estabelecido como jornalístico, mas já sendo utilizado para a publicação de informações jornalísticas na Web, a coluna pode passar a gênero dialógico se aproveitar o potencial dos comentários possibilitados pelos *weblogs*.

Infografia

Gênero que mais rapidamente e com maior acerto vem aproveitando as possibilidades expressivas do ciberespaço. A simbiose entre o lingüístico e o icônico, com

larga tradição nos meios impressos e também televisivos, produz uma maneira sintética de transmitir informação. Com denominações diversas, ainda sem um consenso instituído, é infografia interativa, digital, multimídia, on-line, animada. Aproveita ao extremo as potencialidades da hipertextualidade, da interatividade e da multimidialidade. Para Sancho (2003:556), a infografia digital se constitui enquanto unidade informativa autônoma com propriedades específicas, como o movimento, por exemplo, que permitem a ela realmente criar novos conteúdos de acordo com as características do meio. Proporciona em sua estruturação dos conteúdos uma nova relação com a informação jornalística, mais que somente de acesso à informação (DE PABLOS, 1999; SANCHO, 2003; FERNÁNDEZ-LADREDA, 2004; LIMA JR, 2004; RIBAS, 2004; RAJAMANICKAM, 2005).

1.5 Os tipos de narrativa no webjornalismo

As associações entre os elementos da narrativa tradicional e os elementos, características e princípios do meio, são considerados quando classificamos tipos de narrativas no webjornalismo, envolvendo as diferentes relações entre os dados, o sistema interativo e o usuário. Os tipos diferenciam-se quanto aos gêneros, e como estes, permitem a identificação de modelos de enunciação para o produtor e de horizonte de expectativa para o usuário (SALAVERRÍA, 2005:143).

Ryan (2001) e Salaverría (2005) definem estruturas hipertextuais que permitem diversas combinações entre as partes da narrativa na Web. Elas são a base para a organização das lexias e composição das interfaces, combinando e recombinao os registros dos bancos de dados, de maneira programada e que permite diversidade de

escolhas quando da interação. Uma estrutura complexa concebe um ambiente onde o usuário pode transitar por diferentes níveis de informação apresentando-lhe sempre contexto e atualidade.

Salaverría (2005:102-107) classifica as estruturas hipertextuais como axiais ou lineares, com suas variações, e reticulares. As estruturas axiais ou lineares são aquelas que organizam o discurso em torno de um eixo central. O produtor traça um claro itinerário narrativo, expositivo ou argumentativo. O usuário encontra um caminho marcado. As estruturas axiais variam de acordo com as bifurcações do eixo, que podem ou não existir.

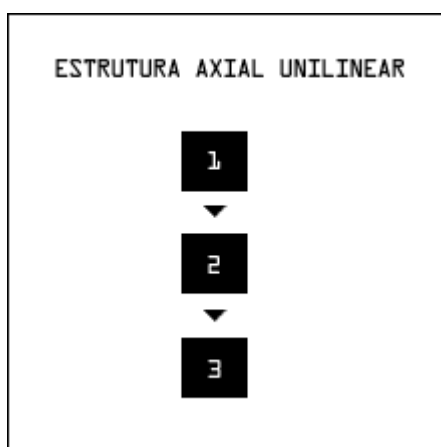


Figura 2 – Estrutura axial unilinear
 Fonte: Salaverría (2005:103)

Eixo único. Narrativa cronológica e episódica com princípio, meio e fim.
 Caráter consecutivo.

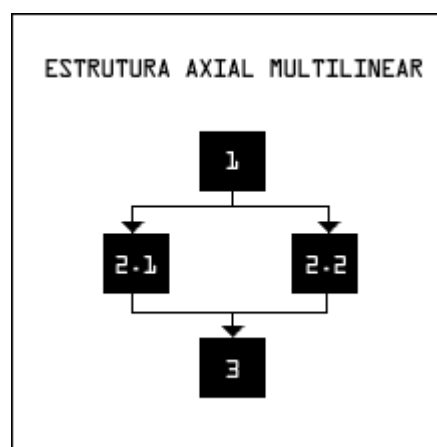


Figura 3 – Estrutura axial multilinear
 Fonte: Salaverría (2005:103)

Eixo único. Narrativa cronológica e episódica com princípio, meio e fim, apresentando bifurcação paralela.

As estruturas axiais multilineares podem ser de dois tipos: arbóreas e paralelas.

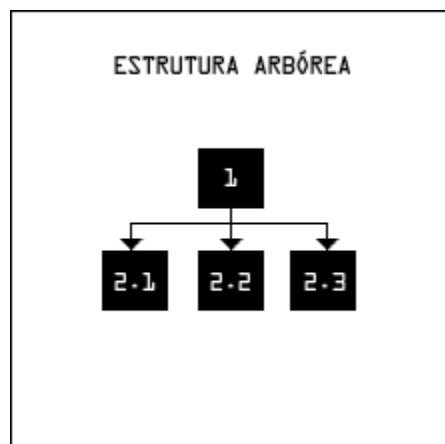


Figura 4 – Estrutura arbórea
Fonte: Salaverría (2005:104)

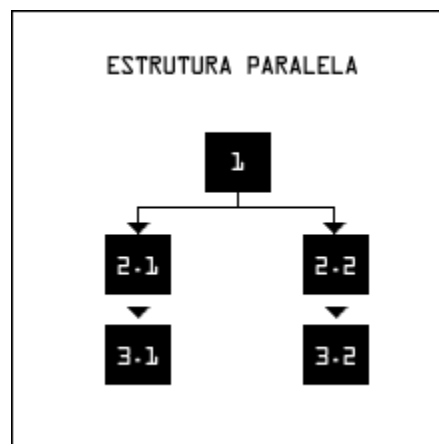


Figura 5 – Estrutura paralela
Fonte: Salaverría (2005:104)

As estruturas reticulares são aquelas que se assemelham a uma rede entremeadada por um número indeterminado de links. Para uma estrutura hipertextual ser considerada reticular é necessário um mínimo de três lexias, com itinerários bidirecionais e passagem de todas as lexias para todas as outras.

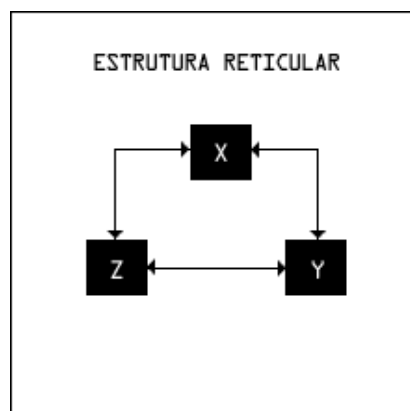


Figura 6 – Estrutura reticular
Fonte: Salaverría (2005:105)

Não há um eixo inicial, sendo possível que o usuário escolha por onde começar a narrativa. Salaverría (2005) não considera a estrutura reticular como uma estrutura multilinear, denominando-a de não-linear. Para o autor, uma estrutura é não-linear quando não possui eixo narrativo.

Adotamos o conceito multilinear diferentemente de Salaverría. Nossa percepção da multilinearidade e da não-linearidade é a mesma adotada por Palacios (1999) e Machado (2000) quando discutem a idéia de não-linearidade discursiva. Palacios (1999) procura verificar “em que medida o hipertexto estaria abrindo novas possibilidades em termos de construção discursiva, buscando lançar alguma luz sobre confusões que parecem ser correntes no tratamento da questão e sugerindo um padrão conceitual, derivado, em grande medida, de idéias aportadas por Gunnar Liestol”.

A noção de “não-linearidade”, tal como vem sendo generalizadamente utilizada, parece-nos aberta a questionamentos. Nossa experiência de leitura dos Hipertextos deixa claro que é perfeitamente válido afirmar-se que cada leitor, ao estabelecer sua leitura, estabelece também uma determinada “linearidade” específica, provisória, provavelmente única. Uma segunda ou terceira leituras do mesmo texto podem levar a “linearidades” totalmente diversas, a depender dos links que sejam seguidos e das opções de leitura que sejam escolhidas, em momentos em que a história se bifurca ou oferece múltiplas possibilidades de continuidade (Palacios, 1999).

Desta maneira, consideramos que a estrutura reticular definida por Salaverría (2005:105) é também multilinear, já que envolve uma relação entre várias lexias e em cada delas, uma leitura linear diferente é possibilitada.

O modelo hipertextual de notícia aparece normalmente como uma estrutura simples axial unilinear de caráter consecutivo (Figura 2), variando entre suas derivações quando são linkadas a notícias relacionadas. Não importa o tipo de notícia, o eixo é sempre a

informação principal, que começa com um título linkado na página principal da publicação, passando para a notícia principal, normalmente textual, com no máximo uma foto, e quando é o caso, uma lista de links para matérias relacionadas. Assim também podem ser as estruturas hipertextuais de todos os outros gêneros.

Um aspecto que se deve considerar quando se escreve para a Web, é o fato de que os gêneros podem ser linkados uns aos outros. A partir de uma notícia de qualquer tipo, ou de uma infografia, ou de uma entrevista etc, é possível acessar um complexo de notícias de última hora ou uma reportagem, uma coluna, ou um *chat* etc... O desenrolar dos acontecimentos vai agregando, a cada momento, mais informação. O usuário pode entrar por um *flash* informativo e chegar a uma reportagem especial, que pode ter sua estrutura desmembrada no interior da notícia. Ou seja, cada gênero pode ser o próprio eixo numa estrutura axial unilinear ou multilinear. Neste caso, temos uma estrutura hipertextual composta.

Os modelos hipertextuais de reportagem e infografia são os únicos de tipo reticular (Figura 6). A estrutura reticular simples é aquela onde, a partir de qualquer lexia, chega-se a qualquer outra lexia (Figura 6). A estrutura reticular composta apresenta uma ou mais de uma lexia linkada a uma outra estrutura reticular ou axial, relacionada apenas àquela parte da narrativa.

O usuário pode acessar o infográfico de determinada reportagem e a partir dele, chegar a uma notícia ou a uma entrevista, voltando apenas ao infográfico, e não à reportagem.

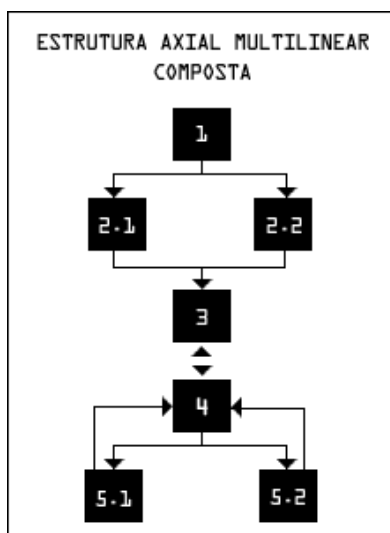


Figura 7 – Combinação da autora baseada em Salaverría (2005)

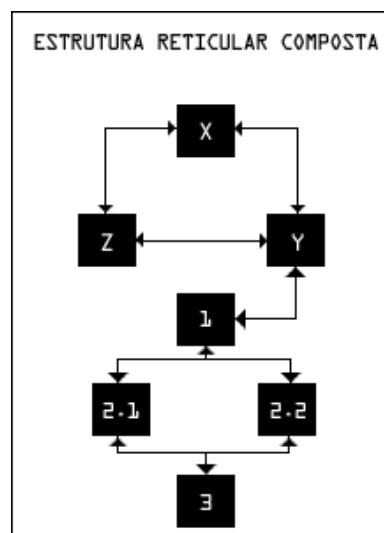


Figura 8 – Combinação da autora baseada em Salaverría (2005)

Tabela-resumo 4 – Tipos de narrativa na Web

TIPOS DE NARRATIVA NA WEB	SIMPLES	COMPOSTA
Axial unilinear ou multilinear	Todos os gêneros	Todos os gêneros
Reticular	Infografia	Reportagem e Infografia

Atrelar a cada gênero estruturas hipertextuais com características próprias contribui para a consolidação de suas linguagens no webjornalismo, não somente enquanto gêneros clássicos adaptados a um novo meio, mas enquanto gêneros com características próprias, como a narrativa na Web que não se constitui enquanto uma narrativa tradicional adaptada. Mais que isso. Apesar de incorporar elementos da narrativa tradicional, a relação destes

com os elementos, características e princípios do meio, reconfigura a narrativa na Web através da associação de linguagens já conhecidas a novas experiências.

No capítulo 2 desta dissertação, fazemos um estudo tipológico de modelos narrativos a partir das categorias de análise sistematizadas com a observação das publicações ao longo dos anos. Aspectos específicos dos produtos e sua evolução no tempo nos permitiram empreender a classificação de cinco modelos narrativos webjornalísticos, quais sejam: Plano, Poligonal, Poliédrico e Esférico. Nossa classificação inspira-se no artigo *Do Poliedro à Esfera: Os Campos de Classificação, A Resolução Semântica no Jornalismo Online* (2004)⁴, do Professor Dr. António Fidalgo da Universidade da Beira Interior (UBI), Covilhã, Portugal.

⁴ O artigo apresentado no II Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo – SBPJor, realizado na Faculdade de Comunicação da UFBA, em novembro de 2004, trata dos campos de classificação de objetos digitais, em bancos de dados, e sua aproximação com o jornalismo estruturado sobre bases de dados. As metáforas do poliedro e da esfera são utilizadas para ilustrar a tendência ao infinito de se acrescentar campos na construção de bases de dados para o jornalismo on-line. “A esfera aparece como a meta assintótica de um poliedro de campos de classificação a que tendencialmente se vão juntando sempre mais campos” (FIDALGO, 2004).

Capítulo 2

Estudo Tipológico dos Modelos Narrativos Webjornalísticos

Considerando as fases Transpositiva, Metafórica e Webjornalística, sistematizadas por Mielniczuk (2003), observa-se que características destes momentos, como a autora indica, podem estar presentes em um mesmo período de tempo. Para visualizar melhor as características de cada momento de desenvolvimento do webjornalismo (MIELNICZUK, 2003), organizamos a tabela abaixo:

Tabela-resumo 5 – Características das gerações do webjornalismo

GERAÇÕES	CARACTERÍSTICAS
Primeira geração ou Fase da transposição	<ul style="list-style-type: none">- reproduções de partes dos jornais impressos- cópias do conteúdo de jornais existentes no papel- material atualizado a cada 24 horas- disponibilização de conteúdo de alguns cadernos semanais- rotina de produção de notícias atrelada ao modelo estabelecido nos jornais impressos- nenhuma preocupação com relação a uma possível forma inovadora de apresentação das narrativas jornalísticas- ocupação de um espaço, sem explorá-lo, enquanto um meio que apresenta características específicas.
Segunda geração ou Fase da metáfora	<ul style="list-style-type: none">- o jornal impresso funciona como uma referência para a elaboração das interfaces dos produtos- as publicações começam a explorar as potencialidades do novo ambiente- uso de e-mail e fórum de debate para contato do usuário com o produtor ou com outros usuários- surgimento da seção ‘últimas notícias’- exploração do uso mais elaborado do hipertexto.

<p>Terceira geração ou Fase do Webjornalismo</p>	<ul style="list-style-type: none"> - sites jornalísticos que extrapolam a idéia de uma versão para a Web de um jornal impresso já existente - exploração e aplicação das potencialidades oferecidas pela Web para fins jornalísticos: hipertextualidade, interatividade, multimídia, personalização, memória.
---	---

Nossa classificação de modelos narrativos webjornalísticos organiza os produtos analisados no período de 1996 a 2005, a fim de situar o estado atual desta modalidade de jornalismo. Tratamos por simples e complexas as características observadas de acordo com os tipos de modelos identificados no período determinado. Se um aspecto é simples, quer dizer que existem outros que se destacaram anteriormente por se mostrarem melhor adaptados ao ambiente. Caracterizá-lo como complexo, quer dizer que este, acompanhando as tendências, incorporou e desenvolveu mais significativamente as potencialidades do meio que os anteriores. Como nossa análise se dá no tempo, o simples hoje pode passar a complexo em uma próxima análise, em outra época. Nossa intenção é conhecer o que hoje é utilizado de complexo pela prática jornalística na Web e o que de simples ainda está sendo utilizado. Ao longo da argumentação, apresentaremos os critérios de análise que justificam estas caracterizações.

Nossos modelos narrativos possuem a função de mapear a evolução das práticas e das características desta modalidade de jornalismo que utiliza a Web para apuração, produção, composição e circulação de informação. É importante ressaltar que consideramos para a construção dos modelos narrativos o conceito de interface (SCOLARI, 2004) que indica superfície ou lugar de interação entre dois sistemas, sendo os dois não

necessariamente tecnológicos. Apesar de não haver uma definição consensual, é indiscutível que a interface seja visual. Todos os objetos virtuais estabelecem contato com o usuário através do visual, mesmo que manipulados através de um mouse ou teclado, ou ainda com movimentos das mãos ou do corpo, no caso da Realidade Virtual. Mesmo que a informação esteja em áudio, o acesso a ela é necessariamente visual (com exceção dos cegos). Com isso, esclarecemos que nossos modelos narrativos baseiam-se no que a informação tem de visual, em um primeiro nível, passando ao aspecto audiovisual da narrativa, em um segundo nível, e posteriormente, considerando seu contexto multimidiático.

Classificações de modelos narrativos para a informação jornalística na Web já foram empreendidas antes da nossa (PORTO ALEGRE, 2004; NOGUEIRA, 2005). No que abrange a informação em áudio na Web, mais especificamente o rádiojornalismo na Web, Porto Alegre (2004:46) caracteriza por gêneros estáticos e gêneros dinâmicos os modelos narrativos do rádiojornalismo na Web. Os gêneros estáticos são aqueles “que não oferecem, visualmente, alterações nas estruturas. É o caso dos textos e dos textos acompanhados de imagem fotográfica. Outros recursos como gráficos e tabelas também estão inseridos nessa classificação” (PORTO ALEGRE, 2004:46). Os gêneros dinâmicos são aqueles “que oferecem, visualmente e/ou auditivamente, oscilações perceptíveis pelos sentidos da visão e da audição. Nesse segundo grupo, encontram-se as informações em texto e áudio; em texto e imagem em vídeo; e em texto, áudio e imagem fotografada ou em vídeo” (PORTO ALEGRE, 2004:46).

A classificação de Porto Alegre (2004) está baseada no movimento (dinâmico) e na falta deste (estático). Como parâmetro, o movimento significa o avanço do jornalismo impresso que apresenta a notícia textual estática na página diária. A falta deste representa a transposição do impresso para a Web de um jornalismo copiado, sem características que o diferenciem da prática tradicional, apenas transportado para um novo suporte. Contudo, o movimento existe na televisão. Da mesma maneira, o rádio oferece informação em áudio. Porto Alegre (2004) busca a classificação de modelos que caracterizam o radiojornalismo na Web, sem propor-se a observar especificidades de uma remediação (BOLTER e GRUSIN, 1999).

Each new medium is justified because it fills a lack or repairs a fault in its predecessor, because it fulfills the unkept promise of an older medium. (Typically, of course, users did not realize that the older medium had failed in its promise until the new one appeared) (BOLTER e GRUSIN, 1999:60)¹.

A remediação é o processo através do qual o novo meio reforma o anterior, tomando características emprestadas e oferecendo ao usuário uma realidade visual alternativa, assim como mudanças nas relações culturais e sociais (BOLTER e GRUSIN, 1999:61). Pensar modelos de radiojornalismo na Web contribui para um início da discussão de um novo formato, mas carece de um avanço conceitual. Radiojornalismo e telejornalismo na Web não se configuram webjornalismo. Sabendo que o novo meio toma emprestadas

¹ “Cada novo meio é justificado pelo que preenche ou repara do seu predecessor, porque ele cumpre as promessas feitas pelo meio anterior. (Normalmente, os usuários não se dão conta de que o meio “velho” falhou com suas promessas até que um novo apareça)” (T.A.).

características dos anteriores, nossa busca ultrapassa a estética do rádio e da televisão, e focaliza elementos que distingam a Web destes meios.

Analisando as estruturas narrativas audiovisuais do webjornalismo, Nogueira (2005) apresenta quatro formas. Abaixo, reproduzimos a tabela-resumo do que Nogueira (2005:61) considera estruturas narrativas básicas do webjornalismo audiovisual.

Tabela-resumo 6 - Estruturas narrativas básicas do webjornalismo audiovisual

	PLANAS (S/ LINK)	NAVEGÁVEIS (HIPERNARRATIVAS)
FORMAS SIMPLES (UM SENTIDO)	1) Textual 2) Imagética 3) Imagético-textual	1) Hipertextual 2) Hiperimagética 3) Hiperimagético-textual 4) Textual-hiperimagética 5) Imagético-hipertextual
FORMAS COMPLEXAS (DOIS SENTIDOS)	4) Imagético-auditiva 5) Audio-textual 6) Imagético-audio-textual	6) Audio-hiperimagética 7) Audio-hipertextual 8) Audio-textual-hiperimagética 9) Audio-imagético-hipertextual 10) Audio-hiperimagético-textual

Estes modelos avançam a classificação de Porto Alegre (2004) e oferecem repertório para a discussão do desenvolvimento do webjornalismo envolvendo características de meios audiovisuais, ou apenas em áudio, ou apenas visuais. A classificação de Nogueira (2005) complexifica os conceitos e possibilita perceber avanço ou estagnação da prática, se aplicamos seus modelos em uma análise da evolução dos gêneros jornalísticos na Web.

Nossa classificação de modelos narrativos webjornalísticos propõe identificar elementos e características que contribuam para uma discussão sobre uma retórica própria à prática na Web, observando estágios evolutivos e os modelos de composição adequados ou não ao ciberespaço. Quando os produtos oferecem remediações e quando oferecem rupturas? O webjornalismo, observado pelo viés da narrativa e organizado no tempo, mostra-se um complexo de continuidades, rupturas e potencializações em relação às práticas tradicionais (BARBOSA *et al*, 2005). Para descrever essa evolução, utilizamos conceitos da geometria, quais sejam, plano, poligonal, poliédrico e esférico.

2.1 Modelo Plano

Uma superfície plana não possui desigualdades de nível. Na geometria, a superfície plana é aquela que contém integralmente a reta que passa por quaisquer dois de seus pontos e esta reta está inteiramente contida no conjunto (CARVALHO, 1993; DOLCE e POMPEO, 1993; EVES, 1995). Utilizando esta metáfora, caracterizamos o primeiro modelo webjornalístico observado, aquele que não explora a profundidade da narrativa com diversas camadas sobrepostas. Primeiro, no sentido do que é o mais antigo em uma ordem cronológica, inicial, primitivo, original, que está no princípio do desenvolvimento de um fenômeno evolutivo, de um processo.

Quando observamos a edição de 7 de novembro de 1996² do *Jornal do Brasil* na Web, percebemos claramente as características descritas por Mielniczuk (2003) como sendo pertencente a uma primeira geração do Webjornalismo, ou fase da transposição.



Figura 9: Edição do *JB Online* em 07.12.1996

² O *Internet Archive* disponibiliza os sites desde 1996, mas indica que algumas vezes, certas imagens que compõem determinadas páginas podem não aparecer devido a mudanças nos servidores onde estão arquivadas as publicações. De qualquer maneira, aparecem sempre os locais, nas páginas, onde estariam as imagens, possibilitando, portanto, a compreensão da composição visual da narrativa, que é o que nos interessa analisar. Indicaremos nas figuras, os locais onde deveria haver uma imagem e que imagem era, já que ao clicar com o botão direito do mouse, sobre o local onde estava a imagem, e selecionando a opção "Propriedades", obtemos o nome do arquivo e conseguimos saber que imagem era. Este fato não compromete nossa análise.

Observamos também, nas páginas internas, referências às editorias do impresso, o que indica a existência de uma metáfora, pois o jornal impresso funciona como uma referência para a elaboração da interface. Como metáfora, consideramos conceitos, imagens ou termos que tornam a informação fácil de organizar, entender e lembrar. Além disso, como características que Mielniczuk (2003) indica na segunda geração do webjornalismo ou fase da metáfora, a existência de e-mail e bate-papo na barra inferior, e da seção “Extra”, na barra lateral, com notícias de última hora, indica que a publicação começa a explorar as potencialidades do novo ambiente.

No exemplo que Mielniczuk (2003) oferece para ilustrar a primeira geração ou fase da transposição(fig.10), podemos verificar também um início de exploração da interatividade, com a seção “Sua Opinião” e a metáfora do impresso com a indicação de cadernos, de forma bem primitiva e inicial, mas configurando-se também na segunda geração.



Figura 10: Edição do NetEstado em 09.12.1995

Para caracterizar o modelo narrativo plano, em um primeiro momento, consideramos estes dois aspectos: pertencer à primeira geração do webjornalismo e possuir elementos da segunda geração, de maneira inicial.

MODELO PLANO



Nesta dissertação, tratamos da narrativa. E na Web, como já ressaltamos, ela é primordialmente visual. A interface influencia de maneira substancial a relação do usuário com a informação (SCOLARI, 2004). As publicações enquadradas no modelo narrativo plano possuem uma composição visual baseada em segmentos de retas, na horizontal ou na vertical, que não se cruzam em momento algum (fig.11). As retas atravessam apenas três níveis de informação e passam sempre por três pontos: o título, o lide e a notícia como um todo.

O primeiro nível é a página inicial da publicação, com os títulos das matérias (fig.12). Geralmente são dois ou três títulos na página inicial. Todas as matérias ficam numa segunda página, que contém os lides de cada uma, um abaixo do outro, indicando apenas a que seção pertencem as matérias. Este é o segundo nível. Em seguida, clicando no link que indica a seção ou editoria a qual pertence cada matéria, chega-se a uma página que contém todas as notícias daquela seção, uma abaixo da outra. Desta página, é possível ir para as outras seções e voltar para a página inicial.

JORNAL DO BRASIL

PRIMEIRA PÁGINA

Jornal do Brasil Online. 7 de novembro de 1996.

● Decreto reduz IPTU de 300 mil imóveis


O decreto que o prefeito César Maia enviou à Câmara há dois dias propondo redução de até 50% do Imposto Predial e Territorial Urbano (IPTU) para imóveis próximos a favelas e áreas de violência vai beneficiar cerca de 300 mil domicílios, conforme cálculos da Secretaria Municipal de Fazenda, Sol Garson Braule. A medida atinge imóveis residenciais, comerciais, além de terrenos, de 4.626 ruas ou trechos. Um grupo de vereadores acusa César Maia de eleitoreio e moradores atingidos pelo decreto temem pelos efeitos da oficialização da violência através do IPTU. "Se é a violência que está provocando a desvalorização, o governo tem que combater a causa e não oficializar a desvalorização", reclama a professora Ângela Angarano, moradora da rua Valparaíso, que dá acesso ao morro da Chacrinha, na Tijuca, que teria redução de 26,05% do IPTU, conforme a proposta do prefeito. O prazo para que o decreto entre em votação na Câmara é de 15 dias. O número de vítimas de balas perdidas no Rio subiu para 62. Os bairros do Catumbi, Estácio, Cidade Nova e Rio Comprido são os que registram mais casos. 14. [Cidade](#)

Política / Nacional

● Novo ministro da Saúde vai lutar por verba

Foto de Antônio Scluz

O sucessor de Adib Jatene no Ministério da Saúde, José Carlos Seizas, disse ontem ser "da escola dos homens públicos que lutam por recursos" e que pretende seguir a "mesma linha" do antecessor, demitido por insistir na liberação de recursos. Jatene chorou ontem duas vezes ao se despedir dos auxiliares. A Contribuição Provisória sobre Movimentação Financeira (CPMF), imposto criado por sua insistência para curar a Saúde, começou a ser bombardeada no Congresso. [Política/Nacional](#)



● Pênis decepado dá sinais de recuperação

Os médicos que há dois dias reimplantaram, em São Paulo, o pênis do comerciante João Carlos Mattos de Azevedo, 27 anos, decepado por sua namorada após uma briga num motel em Serra (ES), disseram ontem que o paciente apresenta sinais de recuperação e que "até houve ereção espontânea na parte não decepada", sinal de que há circulação sanguínea no órgão". A namorada do comerciante, que é menor, está detida. [Política/Nacional](#)

Economia

● Mais dinheiro para casa da classe média

A Caixa Econômica Federal poderá anunciar, na próxima semana, a liberação de mais R\$ 200 milhões para financiar a construção ou a compra de imóveis, novos ou usados, pela classe média. Inicialmente, o programa tinha R\$ 600 milhões, mas as inscrições para o financiamento superaram essa cifra. O Rio de Janeiro foi a cidade com a maior procura do país: 3.453 pedidos no valor total de R\$ 12,3 milhões. O prazo de inscrição termina amanhã. Para aquisição, a Caixa financia em até 15 anos, 60% do preço do imóvel que custe, no máximo, R\$ 120 mil. Acima disso, o financiamento é de 30% apenas. [Economia](#)

● Lucro cresce 204% na conta da Telebrás

A *holding* do sistema Telebrás teve lucro líquido de R\$ 2,3 bilhões de janeiro a setembro deste ano, 204,1% acima do resultado dos nove primeiros meses de 1995. O desempenho foi fortemente influenciado pelo aumento das tarifas de telefonia aplicado pelo governo no fim do ano passado, quando o valor da assinatura residencial subiu 513%. A Telesp liderou as empresas do grupo com lucro de R\$ 566 milhões. A Telerj, que tem o 2º maior patrimônio líquido, ficou em 10º lugar na classificação, atrás até da Teleônica de Pernambuco (Telpe). [Economia](#)

● Cotações

Veja os dados atualizados. [Economia](#)

Esportes

● Pepsi pode deixar o Botafogo

O novo presidente do Botafogo já vai tomar posse com um problema para resolver. José Talanco, executivo da Pepsi, afirmou ontem em General Severiano que a multinacional abre mão da prioridade de renovar o contrato de patrocínio com o clube. A Pepsi quer investir no mercado paulista e está próxima de assinar um compromisso de patrocínio com o Corinthians. No Flamengo, o presidente do clube, Kleber Leite, disse que a oferta do atacante Bebeto para o Sevilla, da Espanha, foi um negócio lucrativo para as duas partes. "Ele vai ganhar lá, salários que não conseguia receber aqui", disse o vice de futebol, Plínio Serpa Pinto. [Esportes](#)

Figura 11: Página de notícias da edição do *JB Online* em 07.12.1996



Figura 12: Visão em perspectiva dos níveis de informação no Modelo Plano

O modelo narrativo plano é verificado nas publicações dos anos de 1995 (que não entram em nossa linha do tempo, pelos limites que estabelecemos na metodologia, mas é importante ficar registrado) e 1996, que apresentam características da primeira e da segunda geração do webjornalismo. Utilizam o hipertexto apenas para organizar a narrativa de maneira seqüencial, sempre em dois ou três níveis que se caracterizam como níveis de leitura linear, como em um livro³. Lemos o título, o primeiro parágrafo e depois o restante. As publicações dessa época apresentam uma interface sem simetria entre seus elementos.

³ Podemos ler um livro do meio para o fim e voltar ao começo. Estamos falando da seqüência lógica de leitura, que possui começo, meio e fim.

As frases aparecem soltas na primeira página com uma barra na lateral e outra no rodapé, e os blocos de textos da segunda ou da terceira vem seguidos um do outro, em uma mesma página, criando uma extensa barra de rolagem. Os *banners* publicitários são inseridos na página sem critério algum. Neste período, a utilização de recursos multimídia é nula. Encontramos poucas fotos, duas ou três em toda a publicação. A possibilidade da personalização inexistente, assim como a recuperação da memória⁴.

De maneira mais avançada no que diz respeito ao *design*, mas seguindo a lógica do modelo plano, o *The New York Times on The Web*, em 1996, apresenta uma primeira página com manchetes em forma de links (fig.13).



Figura 13: Edição do *The New York Times on The Web* em 12.11.1996

⁴ A opção “Busca” disponibilizada na barra lateral da página inicial, leva a uma página com campos que possibilitam a busca por palavras-chave em buscadores da Web, como “Altavista”, “Yahoo”, “Cadê” etc...

O *NYTimes* disponibiliza uma foto na primeira página e trabalha a tipografia seguindo a metáfora do jornal impresso. Esta primeira página apresenta elementos mais organizados espacialmente do que a primeira página do *Jornal do Brasil* (fig.9). As páginas de notícias apresentam texto escrito, algumas vezes com fotos, sem a utilização de links na maioria dos casos (fig.14).

Automobiles The New York Times

Home Site Index Site Search Forums Archives Marketplace

March 17, 1996

BMW Z3's Economics of Scarcity: Being First on the Block Has Its Price

By DAN NEIL

DRIVING SMART

DO you absolutely, positively have to have a BMW Z3 right away? No problem. Two were advertised in The Dallas Morning News last week -- for \$50,000, roughly nearly \$20,000 over the manufacturer's suggested retail price.

And then there's Steve Meronek and Isaac Marti of Miami Beach, Fla., who hold the options on 36 Z3's. "We're charging whatever the market will bear," said Mr. Meronek, a freelance investor who is advertising the cars in Car and Driver and Road & Track magazines. "We've accepted offers that are five grand over sticker."

Entrepreneurs like Mr. Meronek, as well as opportunistic dealers, will see to it that buyers determined to have a Z3 will get one, if the price is right. The history of some other hot cars -- the Corvette ZR-1, Mazda Miata, Lexus LS 400 -- suggests that the Z3 will prompt some big-league price gouging.

BMW officially discourages sellers from charging premiums over the sticker price. "However, ultimately the dealer is an independent businessperson," said Barbara Heep-Richter, a spokeswoman for the company, based in Woodcliff Lake, N.J. "You can't control the dealer to that extent."

Raul Colon, general manager of BMW Manhattan, has pledged to charge only the manufacturer's suggested retail price for the Z3. "When someone overpays for something, they don't forget," he said. "They may buy from you once, but you won't get them back again."

And, he added, it's one Z3 to a customer.

Why are the cars in such short supply? For one thing, demand was stoked to the heavens by Hollywood's hype of the recent James Bond film, "Goldeneye." Customers were putting down \$1,000 deposits on the car as early as last summer, when the vehicle was still simply a prototype.

Then there is production. The Z3 is made only at a new plant in Spartanburg, S.C., which is slowly spooling up to its production goal of 225 cars a day. Z3's will account for about 170 of that total, with the balance being 3-series sedans.

BMW expects to make 35,000 Z3's for the 1996 model year, but 60 percent are destined for 100 markets around the world. That leaves 14,000 for domestic consumption.

That number was divided up among BMW's 345 United States dealers, prorated based on their sales volume last year. Starting last summer, dealers started taking deposits against their allocation. Dealers are now calling people who made deposits, asking how they'd like their Z3's outfitted. The cars are special-ordered from the factory, painted and equipped according to the buyers' tastes. A car is delivered about 30 days after it is ordered.

Dealers in many parts of the country have run through their 1996 allotment. BMW Manhattan's allotment of just under 100 '96-model Z3's is pretty well spoken for, Mr. Colon, the general manager, said. The dealership is taking "reservations" for 1997 models without requiring the usual deposit.

Unfortunately, there is no clearinghouse through which Z3 seekers can find dealers in other regions that still have some of their allotment left. The best strategies include cruising the Internet -- Mr. Meronek and his Toronto-based partner, Kurt Erhardt, have listed their cars on the World Wide Web -- checking classified ads, and leaving a standby deposit with a dealer. Some people forfeit their deposits, freeing up an extra Bimmer.

Home | Site Index | Site Search | Forums | Archives | Marketplace

Quick News | Page One Plus | International | NationsNY | Business | Technology | Science | Sports | Weather | Editorial | Op-Ed | Arts | Automobiles | Books | Columns | Job Market | Real Estate | Travel

Figura 14: Página de notícia da edição do NYTimes.com em 17.03.1996

2.2 Modelo Poligonal

A região poligonal deriva da reunião de um número finito de regiões triangulares não sobrepostas e coplanares⁵. Pode ser decomposta em várias regiões triangulares. Em uma forma mais simples, um triângulo por si mesmo é uma região poligonal (CARVALHO, 1993; DOLCE e POMPEO, 1993; EVES, 1995).

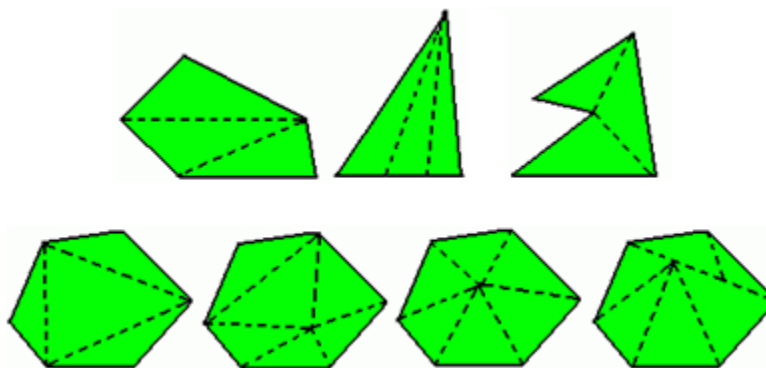


Figura 15: Representações de regiões poligonais

A metáfora da geometria que utilizamos para este modelo narrativo caracteriza uma época de união, mas não sobreposição, de partes de informação (fig.16). É o início da utilização pelo webjornalismo do mosaico de informações (Nogueira, 2005:33).

A interface apresenta uma composição visual que já indica a preocupação em separar áreas de informação. Cada retângulo que destacamos em vermelho (fig.16) indica uma área diferente. 1- logomarca; 2- indicação de links; 3- seções; 4- chamadas principais; 5- destaques secundários; 6- links úteis; 7- rodapé. Nas páginas internas, principalmente as páginas das editorias, a mudança em relação ao modelo plano é mais significativa. Já começam as iniciativas em fragmentar o discurso (MANOVICH, 2001).

⁵ Que estão no mesmo plano.

1 O ESTADO DE S. PAULO
NetEstado
10 de outubro de 1997

2 NetEstado em dois endereços:
www.estado.com.br
www1.estado.com.br

3 ESTADÃO
SUPLEMENTOS
COLUNISTAS
EDITORIAIS
ESPECIAIS
ARTE DIGITAL
PESQUISA
MANUAL-REDAÇÃO
CLUBE → ASSINANTE
VARIEDADES
GRUPO OESP
FALE CONOSCO
FÓRUM
ÍNDICE

4 **GERAL**
Furacão Pauline destrói povoados e mata 54 pessoas em Acapulco



53 baleias (foto) morrem ao encalhar na areia, na Nova Zelândia. Voluntários conseguiram salvar e devolver ao mar outras 48 que também encalharam na praia

Especial: os 100 Anos de Canudos

CIDADES
Polícia cria plano para tentar conter rebeliões nos distritos da capital de SP

ESPORTES
Seleção vence Marrocos por 2 a 0 com gols de Denilson nos dez minutos finais

POLÍTICA
STJ condena Maluf no caso Paulipetro
Ex-governador terá de devolver aos cofres públicos do Estado os US\$ 250 mil gastos para procurar petróleo

Embaixador norte-americano pede desculpas ao Brasil

ECONOMIA
Título da dívida externa é vendido com ágio pela primeira vez desde 1984

Atividade econômica cai 1,5%

INTERNACIONAL
Comunistas levam primeiro-ministro italiano à renúncia

CADERNO 2
Dramaturgo italiano Dario Fo ganha o Prêmio Nobel de Literatura

As ilustrações do Caderno 2
Exposição Virtual

ASSINE O ESTADÃO

5 English section
Brasil Das Week
Agência Estado:
Últimas notícias
Previsão do tempo
Astral Quiroga
Estadão na Escola
Campeonato Brasileiro
Informática
Viagem Safari
Autos
Destques
The New York Times
Cartão Adicional do Clube
CD-ROM HELP!
[Clique aqui para comprar](#)

6 Microsoft Internet Explorer
ÍNDICE de notícias
Agência Estado | Jornal da Tarde | Rádio Eldorado
Diretório Estadão
Classificados | Listas Amarelas | Diverte-se | Guias | Assinaturas

7 Para melhor visualização aconselhamos configuração de vídeo 800x600
Copyright 1997 - O Estado de S. Paulo - Todos os direitos reservados

Figura 16: Edição de *O Estado de S. Paulo* em 10.10.1997

Um primeiro tipo de fragmentação que se percebe, é uma fragmentação visual, que remete à idéia de mosaico de informações, ou mosaico digital de notícias, como Nogueira (2005:33) denomina. Em 2001, essa fragmentação visual é adotada pelos portais (BARBOSA, 2002). Agregando blocos diferentes de informação e serviço, em uma página onde é possível acessar como convém ao usuário, os portais imprimem uma identidade ao formato. As partes se reúnem em um mesmo nível (ou plano, se pensamos no conceito de região poligonal), e não se sobrepõem, formando um conjunto que pode ser decomposto pelo usuário. As partes são independentes, pois utilizar uma delas isoladamente não implica em perda de sentido.



Figura 17: Página da editoria “Geral” da edição de *O Estado de S. Paulo* em 10.10.1997



Figura 18: Página de notícia da edição de *O Estado de S. Paulo* em 10.10.1997

Cada editoria possui sua página própria com uma lista de títulos linkados a suas matérias (fig.17). Embora haja uma página denominada “Índice de Notícias”, que reúne os títulos linkados de todas as notícias da edição, remetendo ao modelo plano, cada título nas editorias permite o acesso a uma outra página que contém apenas a notícia e as barras de navegação⁶. As notícias saem de uma página comum a todas, para páginas individuais (fig.18).

⁶ Chamamos de barra de navegação, as barras de links que dão acesso às diferentes seções da publicação.

O segundo tipo de fragmentação que se observa é a discursiva. Na figura 17, a matéria “Sem-terra cavam trincheira em fazenda de MS”, indicada com a seta vermelha, está relacionada com duas outras, indicadas pela seta verde, que se diferenciam da posição em que a principal está: “Marcha no Paraná ganha adesão da CUT” e “Bloqueada agência do Banco do Brasil”. As três matérias tratam de um assunto comum, ações de protesto de trabalhadores rurais. Essa organização das matérias, que podemos chamar também de matérias relacionadas, se repete em todas as outras editorias (fig.19).



Figura 19: Páginas das editorias “Internacional” e “Economia” de *O Estado de S. Paulo* em 10.10.1997

As matérias relacionadas ainda não aparecem nas páginas de cada notícia. Limitam-se à indicação de que se relacionam apenas na página da editoria. O importante é que, diferentemente do modelo plano, onde nada se relaciona, o modelo poligonal apresenta partes de informações dispostas na página de uma maneira que se permite ao usuário fazer associações entre elas. Neste modelo, os recursos multimídia ainda não são explorados significativamente.

Como uma evolução do modelo narrativo plano, o poligonal caracteriza os produtos desenvolvidos em 1997 e 1998, enquadrando-se nas duas gerações do webjornalismo (MIELNICZUK, 2003), com características e elementos mais representativos da fase da metáfora que o anterior.

MODELO POLIGONAL



Quando Mielniczuk (2003) se refere a “sites jornalísticos que extrapolam a idéia de uma versão para a Web de um jornal impresso já existente”, para designar produtos de terceira geração, cita o *MSNBC*⁷ como um dos primeiros exemplos desta situação. O site criado a partir da fusão entre a empresa de informática *Microsoft* e a rede de televisão americana *NBC*, em 1996, prima pela utilização de recursos multimídia, na Web, pois como produto de uma rede de televisão, transpõe o conteúdo em vídeo e áudio para o novo meio.

⁷ <http://www.msnbc.com>

Quando os webjornais transpunham seu conteúdo impresso para a Web, o *MSNBC* transpunha seu conteúdo em vídeo e áudio para a Web (fig.20). Os textos são baseados no conteúdo dos vídeos e entrevistas em áudio, com a colaboração de informações e fotografias de agências de notícias. A interface não se diferencia do modelo que os sites utilizam para disponibilizar o material impresso: texto longo, em uma página apenas, com os links para os vídeos e áudio, na barra lateral.

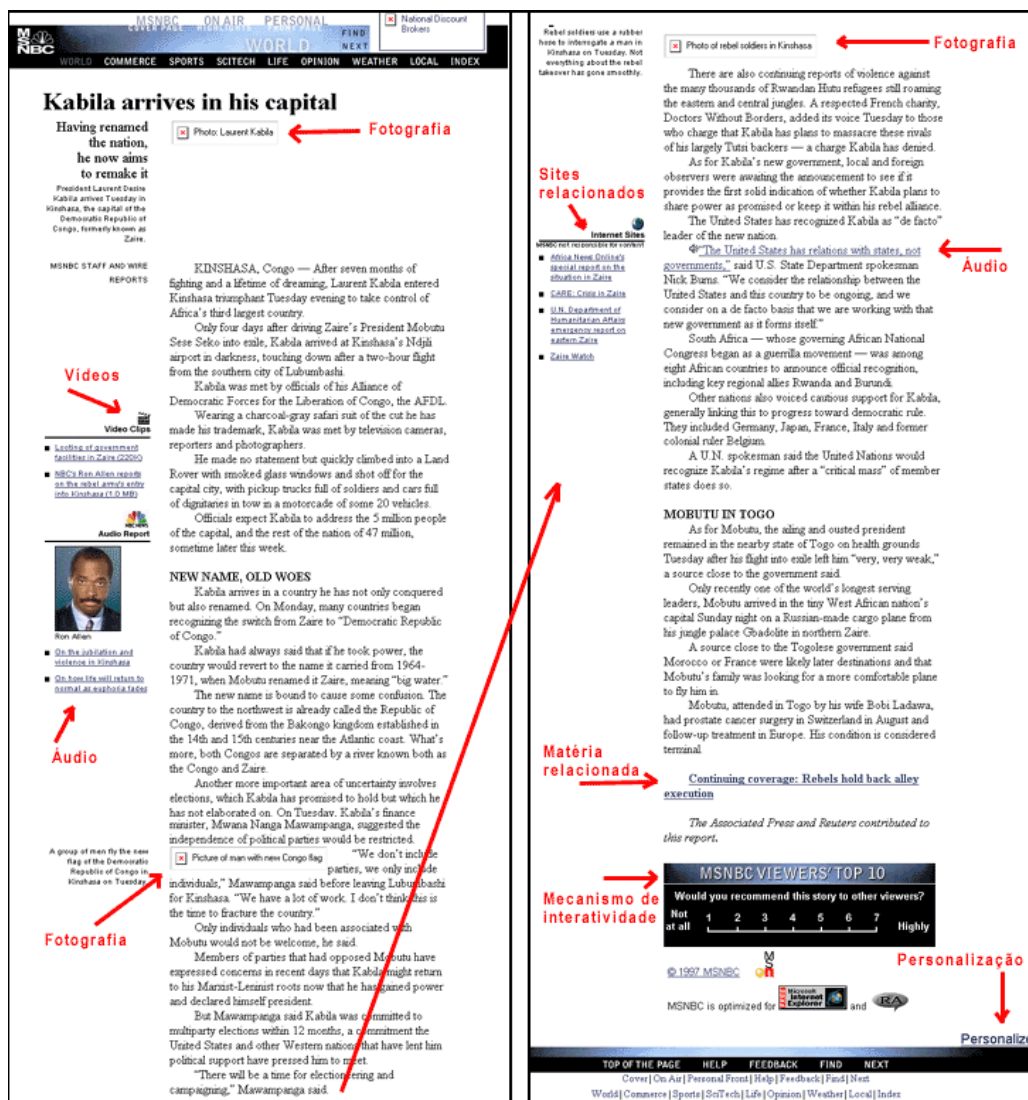


Figura 20: Edição do *MSNBC* em 21.05.1997

Em 1997 e 1998, o *MSNBC* acumula a primeira e a segunda geração, com a transposição do conteúdo da *NBC* em vídeo e em áudio, a utilização do hipertexto para relacionar matérias, a disponibilização de um mecanismo interativo onde o usuário dá uma nota de 1 a 7 e recomenda ou não a matéria a outros usuários, e a utilização de *chat* para manter contato com usuários e promover encontros. Apresenta-se enquanto produto que anuncia a transição do modelo poligonal para o poliédrico.

2.3 Modelo Poliédrico

Um poliedro é uma figura espacial, sólida limitada por quatro ou mais polígonos que configuram suas faces. Diferentemente da reta e do polígono, o poliedro possui três dimensões. Se todas as suas faces são iguais, denominamos poliedros regulares (CARVALHO, 1993; DOLCE e POMPEO, 1993; EVES, 1995). São estes os que nos interessam: os que podem ser inscritos em uma esfera. A metáfora deste modelo narrativo indica produtos de um período mais longo que os demais, abarcando os anos de 1999 a 2005. Quanto mais complexo o poliedro, mais faces possui e mais próximo de uma esfera estará.



Figura 21: Os cinco poliedros regulares e suas faces

Quanto mais complexo, mais relações possibilita estabelecer entre as informações, a partir do encontro de suas faces. Cada uma está sempre em uma posição inicial, que indica a porta de entrada para o conjunto de informações. A partir daí, o caminho é escolhido pelo usuário, que gira as faces, colocando outras na posição prioritária. Ter uma arquitetura da informação tridimensional significa um aumento no nível de complexidade em relação aos modelos anteriores, que mostram uma imagem plana do webjornalismo, como uma página impressa. A profundidade deste modelo envolve não só agregar mais informação, como também oferecer uma direção além das outras duas na busca do usuário pela construção do conhecimento. O modelo narrativo poliédrico indica uma progressão na utilização de elementos narrativos.



Figura 22: Os cinco modelos narrativos poliédricos

É importante ressaltar que os dois primeiros modelos poliédricos possuem características do webjornalismo de primeira e segunda geração. O tetraédrico possui elementos da terceira geração de maneira inicial e o hexaédrico insere-se na terceira geração como um todo.

MODELO TETRAÉDRICO



2.31 Modelo tetraédrico

Comporta as publicações dos anos de 1999 e 2000, época que indica um potencial de recursos multimídia para a composição da narrativa, mas ainda não apresenta uma solução para a organização destes de forma integrada. As “notícias de última hora” ou “em tempo real” são um modelo bastante utilizado para atualização contínua de informação. Os arquivos com as edições anteriores, normalmente com busca por palavra-chave, passam a permitir a recuperação da memória.

A versão Web do *El Mundo* se destaca em 2000 (mesmo que aparecendo de forma isolada, em poucas matérias) pela recuperação da memória no interior da narrativa e pela utilização do hipertexto não apenas como organizador da publicação, mas como elemento da narrativa (fig.23). Estas características indicam a passagem para um modelo seguinte.

Já neste ano, aparecem os gráficos interativos ou o que hoje chamamos infografias multimídia, on-line ou digitais (DE PABLOS, 1999; SANCHO, 2003; FERNÁNDEZ-LADREDA, 2004; RIBAS, 2004; LIMA JR, 2004), destoando do padrão de utilização dos recursos interativos pelas publicações da época (fig.24). Evitamos denominar de multimídia esses produtos, em 2000, pois não apresentam áudio e vídeo, apenas o movimento das ilustrações e das fotos.

Diario EL MUNDO / ÚLTIMAS NOTICIAS / SOCIEDAD

Jueves, 7 de diciembre de 2000. Actualización: 03:37 horas

FALTAN 10 DIAS PARA SU CIERRE

Chernóbil cesa su actividad por una fuga radiactiva

Los técnicos aseguran que no se han advertido cambios en los niveles de radiación del complejo

EFE

KIEV .- La detección de una fuga de vapor ha obligado a parar el tercer reactor de la central nuclear de Chernóbil, a menos de diez días de su cierre definitivo y mientras continúan negociándose las compensaciones económicas que reclama Ucrania.

Esta central ya sufrió un parón técnico [el pasado 27 de noviembre](#), cuando uno de sus reactores tuvo una avería eléctrica que obligó a interrumpir la actividad.

Los técnicos de la planta, tristemente famosa por la explosión que en abril de 1986 destruyó el reactor número cuatro y causó la mayor tragedia nuclear de la historia, han indicado que no se han advertido cambios en los niveles de radiación del complejo.

Tras localizarse la zona de la fuga, el equipo de emergencia de la central atómica procedió a enfriar el reactor para determinar los daños exactos que pudo causar el calentamiento excesivo.

Esta interrupción de los trabajos del tercer reactor de Chernóbil, el único en uso desde la tragedia de 1986, se produjo nueve días antes de su clausura y es el segundo paro en los últimos días.

El presidente ucraniano, Leonid Kuchma, se comprometió en junio pasado ante su colega estadounidense, Bill Clinton, a cerrar la central de Chernóbil el 15 de diciembre, aunque continúa su tira y afloja para conseguir mayores compensaciones económicas.

Compensaciones económicas

El Grupo de los Siete países más industrializados y la Unión Europea firmaron en diciembre de 1995 un memorando con Ucrania para sufragar los gastos del cierre, siempre y cuando la central dejara de funcionar antes de que concluyera el año 2000.

En un discurso, Kuchma insistió el martes en que el problema de Chernóbil «concieme a toda la humanidad» y recordó que Ucrania «tiene todo el derecho moral y legal de exigir» ayuda económica y técnica.

También recordó los «gastos considerables» requeridos para el cierre del último reactor, que ha incrementado sus fallos según se acerca la fecha de su parada y mientras aumentan las diferencias entre Kiev y los países que sufragarán la clausura.

Grupos de la oposición y ecologistas denuncian el mantenimiento de otras cuatro centrales nucleares con reactores similares al que estalló en Chernóbil y acusan a Kuchma de utilizar esta planta como moneda de canje con Occidente.

La explosión del cuarto reactor de Chernóbil causó más de 300.000 muertos por leucemia y afectó a más de tres millones de personas, no sólo en Ucrania, sino también en las vecinas Bielorusia y Rusia y en otras áreas de Europa Oriental.

- [Rusia sufrió otra fuga el pasado 4 de diciembre](#)
- [Gráfico interactivo: Chernóbil, 14 años después](#)

Envía esta noticia a otras personas

Figura 23: Edición de *El Mundo* na Web em 07.12.2000



Figura 24: Gráfico interativo do *El Mundo na Web* em 07.12.2000

2.32 Modelo hexaédrico

Abrange os anos de 2001 e 2002, quando as publicações possuem todas as características das gerações do webjornalismo. Analisando este modelo, percebemos que as fases do webjornalismo sistematizadas por Mielniczuk (2003) são cumulativas. Como a autora indica, os momentos não são excludentes entre si. Observamos que além de um não superar o outro, eles se acumulam com o passar do tempo. A partir do modelo hexaédrico, todos os seguintes possuem características das três gerações do webjornalismo.

MODELO HEXAÉDRICO

Em 2001 e 2002, encontramos transposição, metáfora e material produzido exclusivamente para a Web. Os recursos multimídia, vídeo, áudio, *slideshow*, infografia, acompanham as notícias, dando possibilidades a mais para que o usuário compreenda o contexto dos acontecimentos. Ainda não configura uma solução para a integração da multimídia de forma que seja parte da notícia, mas já mostra diferenças em relação ao modelo anterior, que apenas indicava na página principal o link para o recurso, ou pouquíssimas vezes, como no caso do *El Mundo*, na página da notícia ou da editoria.

Uma exceção é o site do *MSNBC*, que divulga em 2001, uma reportagem multimídia sobre os ataques terroristas ao *World Trade Center* (fig.25). O formato é classificado por Salaverría (2005:60) como reportagem multimídia integrada. O autor identifica dois tipos de multimedialidade: por justaposição e por integração. O primeiro tipo é aquele que apresenta os elementos multimídia – texto, imagem e/ou som – de maneira desagregada. “Los enlaces a esos elementos pueden aparecer reunidos en una misma página Web, pero el consumo de cada uno de ellos – es decir, su lectura, visionado o audición – sólo se puede realizar de manera independiente y, si acaso, consecutiva” (2005:58)⁸. A multimedialidade por integração é descrita por Salaverría (2005:59) como aquela que além de reunir conteúdos em dois ou mais suportes, possui unidade comunicativa. “Es decir, se trata de

⁸ “Os links a esses elementos podem aparecer reunidos em uma mesma página Web, mas o consumo de cada um deles só se pode realizar de maneira independente e, se for o caso, consecutiva” (T.A.).

aquella multimedialidad que no se limita a yuxtaponer contenidos textuales, icônicos y/o sonoros, sino que los articula en un discurso único y coherente” (2005:59)⁹. O modelo apresenta uma identidade visual que agrega informações em *slideshow*¹⁰ com áudio integrado, infografia interativa e mapas animados.

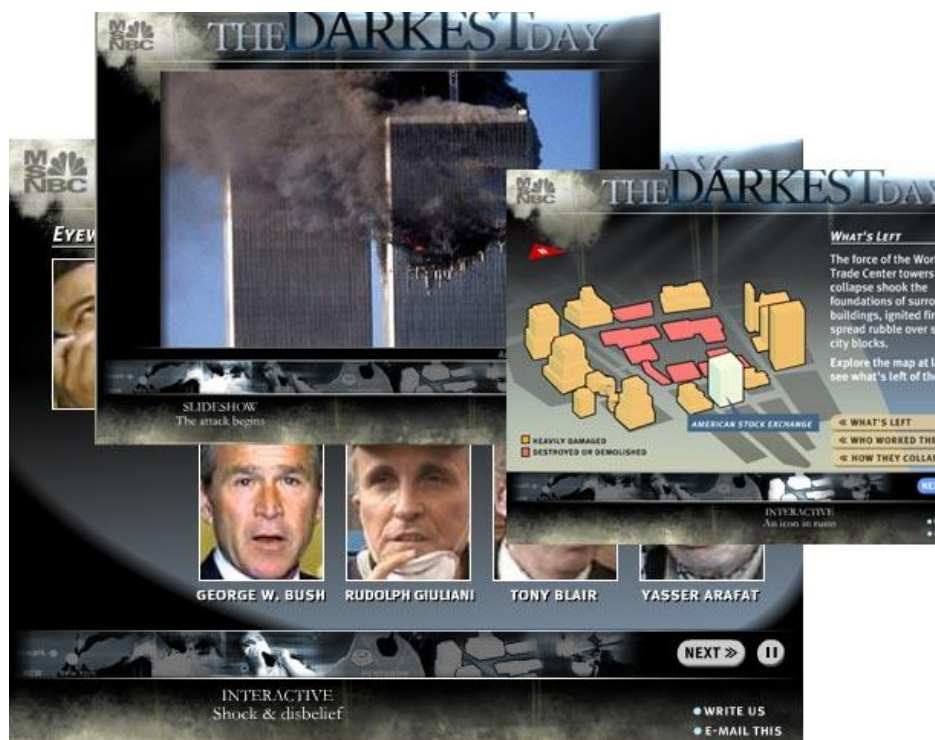


Figura 25: Reportagem multimídia do MSNBC em 16.09.2001

⁹ “Trata-se daquela multimedialidade que não se limita a justapor conteúdos textuais, icônicos e/ou sonoros, mas que os articula em um discurso único e coerente” (T.A.).

¹⁰ “(...) A *slideshow* is a display of a series of chosen images, which is done for artistic or instructional purposes. Slideshows are conducted by a presenter using an apparatus, such as a carousel slide projector, an overhead projector or in more recent years, a computer running presentation software. The term originates from the use of slides which have been around for many years. Slides originally were projected on movie theater screens by magic lanterns as part of early movie house shows. (...) A well organized slideshow allows a presenter to lend visual images to an oral presentation. The old adage “A picture is worth a thousand words” holds true, in that a single image can save a presenter from speaking a paragraph of descriptive details” (<http://en.wikipedia.org/wiki/Slideshow>).

No modelo hexaédrico, o hipertexto organiza a publicação, o discurso e oferece ao usuário a possibilidade de montar um quebra-cabeças de informações na busca diária, ou de minuto em minuto, pela interação com a atualidade. O contexto que a multimídia possibilita, agrupando diferentes tipos de informação sobre um mesmo assunto, também é dado pela utilização da memória associada às matérias atuais. As notícias de última hora são o produto principal, com informações produzidas por agências ou pela própria publicação.

Uma reflexão interessante e esclarecedora publicada neste momento do webjornalismo sobre a função da Internet e do uso que fazemos do conteúdo disponibilizado através da Web (PALACIOS, 2001), conclui que “as modalidades midiáticas são complementares e não pontos ascendentes numa escala evolucionária. Não há “progresso” entre o jornal, o rádio, a TV e a Internet, mas sim conjugação de formatos”. Constatando que a cobertura jornalística da TV superou em velocidade a cobertura da Internet, nos casos do seqüestro do apresentador de televisão, Silvio Santos, e dos atentados terroristas às torres do *World Trade Center*, Palacios (2001) explica que acontecimentos desse tipo colocam em xeque a visão da Internet como suporte midiático por excelência do novo milênio.

Para se entender como é que fica a Internet depois disso tudo, é preciso que se estabeleça uma distinção entre uma lógica da oferta, que caracteriza as mídias tradicionais (rádio, TV, imprensa), que funcionam por emissão de mensagens e uma lógica de demanda, que caracteriza a Internet, que funciona por disponibilização e acesso do usuário às mensagens (PALACIOS, 2001).

2.33 Modelo octaédrico

De 2003 a 2005, as modificações nas publicações são estéticas e estruturais, com a criação de *layouts*, a mudança de elementos da narrativa de lugar, e uma quase universalização das bases de dados para organização, disponibilização e recuperação de informações (MANOVICH, 2001; COLLE, 2002; FIDALGO, 2003; MACHADO, 2004a, 2004b; BARBOSA, 2004a, 2004b, 2004c). Como desenvolvemos no primeiro capítulo, a narrativa na Web é primordialmente visual. As mudanças efetuadas nas interfaces das publicações, contribuem significativamente para que a relação do usuário com a notícia seja tão natural quanto com o impresso. O ‘clique’ já faz parte do cotidiano assim como o ‘acessar’ um webjornal.

O modelo narrativo octaédrico abarca o período de 2003 a 2005, quando as publicações já utilizam o hipertexto e as bases de dados para além da simples organização do acesso, servindo como moduladores da compreensão¹¹. Quando o usuário depara-se com um discurso que faz diferentes associações entre as matérias, artigos opinativos, fotografias, relatos em áudio, entrevistas em vídeo, reprodução de documentos, infografias multimídia, o hipertexto e as bases de dados tornam-se imprescindíveis para que seja possível identificar de maneira eficiente, rápida e inteligível diferentes intensidades e possíveis hierarquias.

Apesar de encontrarmos matérias que disponibilizam um vídeo sem conexão, que apenas trata do mesmo assunto, é frequente a integração de elementos multimidiáticos no interior da narrativa. O maior exemplo disso, e que envolve também a utilização de

¹¹ Desenvolvemos este termo com mais clareza no terceiro capítulo.

elementos interativos, é a infografia multimídia. Som, imagem em movimento, ilustração, fotografia, vídeo, texto, convergem em uma narrativa sobre um determinado acontecimento. O *El Mundo*, com seu setor de gráficos interativos sob responsabilidade do editor Alberto Cairo, destaca-se não só na produção diária de peças multimídia e interativas, como na reflexão sobre a prática¹².

Outra maneira de se noticiar na Web que consegue integrar recursos hipertextuais, multimídia e interativos com a memória, a personalização e a atualização contínua, é a reportagem em profundidade. Prática que surge com maior elaboração em 2003, a reportagem em profundidade aparece com um maior grau de complexidade no site de notícias do portal *BBC*.

O *BBC News* disponibiliza a seção *In Depth*, um modelo de reportagem para a Web que contém uma combinação de notícias, informação de contexto e análises (fig.26). As reportagens possuem uma estrutura discursiva fragmentada e incorporam à narrativa elementos multimídia como fotografias, vídeos, áudio, infografias de diferentes tipos. A interatividade com os usuários é trabalhada em diferentes níveis. A memória ainda está presente na forma de um arquivo comum, não incorporada à narrativa, mas já dá um grande passo quando entra em cada reportagem de maneira organizada. Os elementos webjornalísticos são utilizados de forma equilibrada, produzindo um discurso coerente e possibilitando escolhas ao usuário em relação ao grau de aprofundamento de cada assunto dentro da narrativa. Nem todas as reportagens agregam todos os elementos ao mesmo tempo. Cada uma apresenta a informação de acordo com a necessidade.

¹² O blog é interessante fonte de pesquisa sobre infografia. www.albertocairo.com - em inglês e espanhol.



Figura 26: Edição do *BBC News*, seção *In Depth*, em 19.08.2005

2.34 Modelos dodecaédrico e icosaédrico

Entre os poliedros, são estes os que se aproximam mais de uma esfera (CARVALHO, 1993; DOLCE e POMPEO, 1993; EVES, 1995). Possuir, respectivamente, doze e vinte faces significa compor os elementos de uma narrativa para a Web de maneira

integrada e coerente, de maneira progressiva em grau de complexidade, possibilitando ao usuário a experiência de interagir com a notícia, compreender seu contexto e construir seu conhecimento a partir de caminhos possibilitados pela organização do discurso. Cada usuário percorre um caminho próprio e adquire diferentes níveis de informação sobre um mesmo assunto. Isto faz da Web um local de busca por conhecimento, diferentemente da televisão ou do rádio, quando se recebe pacotes informativos prontos. Um usuário adquire dados que outro não adquiriu, a partir do seu grau e interação com a notícia.

Os modelos dodecaédrico e icosaédrico têm indicativos de aparecimento quando da associação de uma infografia multimídia com alto grau de complexidade a uma reportagem em profundidade como as da *BBC*. Mas ainda não encontramos essa união de outra maneira que não fazendo referências em forma de link. A interface até o modelo octaédrico se dá pela aproximação de blocos informativos. E isso não mudou desde o modelo poligonal. Os dois últimos modelos poliédricos, por serem formas mais próximas de uma esfera, para plena realização necessitam introduzir uma interface que reconfigure ou ultrapasse o formato de blocos informativos, que diferencie ou abandone o mosaico digital de notícias, enquadrados do primeiro modelo ao que temos hoje.

2.4 Modelo Esférico

O porvir. Extremo da utilização de um meio que pode não ser o fim, por nunca chegar a se realizar. Um ideal de utilização de elementos e recursos que podem não ter sido ainda pensados. Um objetivo a alcançar que pode não acontecer no ambiente Web que conhecemos hoje, com os periféricos (mouse, tela, teclado...) que utilizamos. A

profundidade da esfera é diferente daquela que possui faces. Nada é plano e todos os pontos se encontram. O modelo esférico pode tanto acumular elementos e características dos modelos anteriores, como romper com essas práticas e incorporar inovações possibilitadas por futuras conquistas tecnológicas, conceituais e cognitivas ainda não imaginadas.

2.5 Características e elementos simples e complexos

Nossa análise de publicações jornalísticas, no período de 1996 a 2005, tem por objetivo definir modelos narrativos webjornalísticos e identificar características e elementos simples e complexos, como explicamos no início deste capítulo. Para uma melhor visualização, organizamos tabelas com os resultados obtidos a partir de nossas análises.

Tabela-resumo 7 – Características e elementos dos Modelos Narrativos

MODELO NARRATIVO	ANOS	CARACTERÍSTICAS E ELEMENTOS
PLANO	1996	<ul style="list-style-type: none"> - produtos que pertence à primeira geração do Webjornalismo e possuem elementos da segunda geração, de maneira inicial; - composição visual de elementos nas páginas na horizontal ou vertical; - interface sem simetria; - interface baseada em uma superfície plana, chapada como um página impressa; - três níveis de informação, nesta ordem: título, <i>lead</i> e notícia; - barra de rolagem longa nas páginas, normalmente, mais de quatro telas; - link operacionalizador do acesso à página seguinte; - existência de poucas fotos, duas ou três em toda a publicação; - inexistência de elementos multimídia, de interatividade, de memória e de personalização
POLIGONAL	1997 e 1998	<ul style="list-style-type: none"> - produtos que enquadram-se nas fases da transposição e da metáfora; - composição visual que indica o início da utilização pelo Webjornalismo da idéia de mosaico de informações; - iniciativas primárias em fragmentar o discurso;

		<ul style="list-style-type: none"> - diferenciação visual entre matéria principal e matéria relacionada; - união de blocos informativos por aproximação; - notícias em páginas individuais; - recursos multimídia ainda não explorados (indicação de entrevista em vídeo encontradas em uma ou duas publicações, isoladamente) > exceção para o MSNBC, produto originado da fusão entre uma rede de televisão e uma empresa de informática < - interatividade a partir de e-mail, <i>chat</i> e fóruns de discussão; - personalização e memória não exploradas; - atualização contínua representada pelas notícias de última hora
<p>POLIÉDRICO Tetraédrico, Hexaédrico, Octaédrico</p>	1999 a 2005	<ul style="list-style-type: none"> - os dois primeiros modelos poliédricos possuem características do Webjornalismo de primeira e segunda geração, sendo que o tetraédrico possui elementos da terceira geração de maneira inicial e o hexaédrico insere-se na terceira geração como um todo; - a partir do hexaédrico, os modelos seguintes possuem características das três gerações do Webjornalismo; - arquitetura da informação tridimensional; - bases de dados para organização, disponibilização e recuperação de informações - diferenciação hierárquica entre notícias e serviços; - notícias de última hora em todas as publicações; - evolução no uso de recursos multimídia como acessórios, passando a integrantes da narrativa; - fotografias utilizadas para oferecer informação a mais; - utilização de recursos interativos como e-mails, <i>chats</i>, enquetes e fóruns de discussão; - interatividade com uma narrativa prioritariamente visual possibilitada por infografias multimídia; - hipertexto operacionalizador do acesso e modulador do discurso; - disponibilização de contexto com a utilização da memória, da multimídia e do hipertexto; - destaques para infografia multimídia e reportagem em profundidade
<p>POLIÉDRICO Dodecaédrico, Icosaédrico</p>	?	<ul style="list-style-type: none"> - por vir; - indicativos de aparecimento quando da associação de uma infografia multimídia com alto grau de complexidade a uma reportagem em profundidade; - introdução uma interface que reconfigure ou ultrapasse o formato de blocos informativos, que diferencie ou abandone o mosaico digital de notícias
<p>ESFÉRICO</p>	?	<ul style="list-style-type: none"> - por vir; - ideal de utilização de elementos e recursos; - nada é chapado e todos os pontos se encontram

Considerando as características de cada modelo, em 2005, ultrapassamos a idéia de horizontalidade e verticalidade como as duas únicas direções para a composição de interfaces. A tridimensionalidade da arquitetura da informação proporciona um modelo

narrativo que estabelece relações entre partes de informação sem que a superfície seja plana, mas enquanto espaço de interação (SCOLARI, 2004). Barras de rolagem longas, colocando textos extensos em uma página era prática padrão de nove anos atrás. A facilidade em manipular, através do *mouse*, os elementos em uma tela, naturaliza a relação do usuário com o ambiente (BOLTER e GROMALA, 2003), criando as condições para modelos narrativos mais complexos. A informação na Web é primordialmente visual, exploratória, “clicável” e modificável (MEADOWS, 2002), exigindo o uso de todos os sentidos humanos. Desconsiderar essas características é tratar a notícia na Web enquanto uma superfície impressa, estática, inalterável.

No próximo capítulo, trataremos dos elementos que compõem a narrativa do jornalismo na Web a fim de contribuir para a compreensão de suas particularidades. A metáfora da arquitetura nos permite analisar o espaço de composição (SCOLARI, 2004) dessa narrativa que exige uma relação diferenciada do usuário com a informação jornalística. Analisamos como a organização modular da informação webjornalística contribui para o desenvolvimento de produtos com objetivos comunicacionais com estratégias discursivas distintas. Observamos ainda as estruturas narrativas da reportagem na Web e as relações entre os níveis de interatividade e a composição da narrativa.

Capítulo 3

Elementos para um Estudo da Narrativa Webjornalística

A narrativa webjornalística passou de duas manchetes em forma de links, em uma página simples, a um complexo informativo multilinear, multimidiático e interativo. A notícia migrou do impresso, do rádio e da TV para as páginas dos websites, incorporando de forma gradativa as potencialidades do meio. Alguns produtos mais e outros menos, mas no geral, no que se pode analisar enquanto um processo evolutivo, o jornalismo na Web conseguiu, através de algumas organizações que continuamente experimentaram em suas produções, fazer-se perceber enquanto modalidade diferenciada das vigentes não só por estar em um novo suporte, mas por oferecer uma linguagem adequada ao meio para noticiar os fatos do cotidiano.

Pouco a pouco, percebeu-se que a palavra escrita poderia perder a autoridade em favor da imagem, na medida em que as narrativas podiam ser mais visuais ou audiovisuais do que nunca, não só pelo que elas tinham de maior rapidez na compreensão de uma informação que requereria mais espaço e mais tempo se fosse escrita, mas no que elas possuíam de atraente aos outros sentidos humanos (AGNER e MORAES, 2003). As interfaces gráficas ocuparam um lugar de destaque no jornalismo, possibilitando reflexões a respeito das estruturas dos dados e da melhor maneira de fazer o usuário chegar à informação que procura (ROSENFELD e MORVILLE, 1998).

Pierre Lévy (1993:176) caracteriza a interface, de uma maneira geral, tanto na informática como na comunicação, enquanto operadora da passagem, mantendo juntas as duas dimensões do devir: o movimento e a metamorfose.

Cada nova interface transforma a eficácia e a significação das interfaces precedentes. É sempre questão de conexões, de reinterpretações, de traduções em um mundo coagulado, misturado, cosmopolita, opaco, onde nenhum efeito, nenhuma mensagem pode propagar-se magicamente nas trajetórias lisas da inércia, mas deve, pelo contrário, passar pelas torções, transmutações e reescritas das interfaces (LÉVY, 1993:176).

Na Web, ocorre a reconfiguração da narrativa jornalística no que tange a apuração, a sistematização, a produção, a composição e a circulação (MACHADO, 2000; SILVA JR, 2000; CANAVILHAS, 2001; BARBOSA, 2002; MIELNICZUK, 2003; PORTO ALEGRE, 2004; NOGUEIRA; 2005; MOHERDAUI, 2005). Ao reinterpretarmos os gêneros jornalísticos em um novo contexto, observamos elementos remediados (BOLTER e GRUSIN, 1998), continuidades, rupturas e potencializações (PALACIOS, 2002; BARBOSA *et al*, 2005) em relação aos meios tradicionais. A composição da informação jornalística na Web envolve a renovação das interfaces, potencialmente multilineares, multimídia e interativas; o diálogo que interfere na narrativa, modificando as relações entre a notícia e as pessoas (SCOLARI, 2004); a arquitetura da informação que propõe conexões entre os acontecimentos; as bases de dados que traduzem o mundo através de listas de registros (MANOVICH, 2001).

Neste terceiro capítulo, analisamos o espaço de composição de narrativas, seus elementos, suas potencialidades e a maneira como vem sendo utilizado por produtos de destaque no mercado. Abordaremos a questão da arquitetura da informação e seu papel na

produção jornalística para a Web. Até que ponto podemos dizer que uma nova retórica se configura? Dentro de um novo meio, novas perspectivas de exploração dos recursos retóricos da comunicação emergem quando percebe-se que seus produtos desenvolvem objetivos comunicativos concretos e determinados, e utilizam estratégias discursivas distintas (COLORADO, 2003).

3.1 A arquitetura da narrativa multilinear, multimidiática e interativa

Ao longo da última década, consolidou-se uma área de conhecimento denominada *User Interface Design*, ou Projeto de Interface de Usuário (IU), ou ainda Arquitetura da Informação (AI) (ROSENFELD e MORVILLE, 1998). O mercado de sistemas operacionais de interface gráfica viabilizou a fixação de uma cultura de uso de aplicações baseadas em recursos gráficos (janelas, botões, ícones, etc.), aumentando e instituindo a importância de se empregar conceitos e técnicas de AI para desenvolver sistemas interativos e que permitam ao usuário saber onde está, o que fazer, como fazer, para onde ir.

O conceito de AI foi criado por Richard Wurman, em 1962, em seu livro *Arquitetos da Informação* (LÓPEZ, GAGO e PEREIRA, 2003), referindo-se à pessoa que cria um mapa ou a estrutura de informação que permite aos outros encontrar seus caminhos pessoais na busca pelo conhecimento. “Wurman abordou o problema da representação de esquemas complexos de informação em sistemas pré Web, destacando a necessidade e a existência de agentes humanos que deviam especializar-se no acesso do usuário final e na organização dos conteúdos. Quando a Web converteu-se em um sistema de conhecimento

universal, o emprego do termo e um incipiente desenvolvimento da disciplina provocaram uma reflexão nos Estados Unidos” (LÓPEZ, GAGO e PEREIRA, 2003:198).

Para que se possa compor a informação jornalística na Web, a arquitetura da informação estabelece previamente a estruturação dos conteúdos, tornando o complexo claro (ROSENFELD e MORVILLE, 1998). A narrativa hipertextual requer uma maneira própria de planejamento, organização e elaboração de conteúdos para que o usuário disponha de diferentes itinerários na busca pelo conhecimento. Mesmo que a sequencialidade não seja prioritária, a hierarquização da informação é considerada como um critério de ordem que dá coerência à mensagem, não deixando que os blocos de informação fiquem à mercê da aleatoriedade.

De acordo com López, Gago e Pereira (2003:198), estabelecer a arquitetura da informação significa desenhar um esquema abstrato dos conteúdos de um *cibermeio* e plasmá-los em uma estrutura de bases de dados, estabelecendo simbioses entre os sistemas do meio tradicional com os conteúdos gerados exclusivamente para o *cibermeio*. Tomando como ponto de partida formulações de Machado (2004), Schwingel (2004) complexifica a noção de AI da seguinte maneira: em uma primeira instância a arquitetura da informação seria a preocupação com o mapa, a estrutura que permite ao usuário chegar a um determinado conteúdo no sistema; em um segundo aspecto integraria os fluxos informacionais: as relações dos conteúdos entre si e destes com os usuários em sistemas mais complexos; e em um terceiro, já com vistas a produtos informativos e jornalísticos, corresponde à integração de estruturas narrativas multimidiáticas diferenciadas de acordo

com os gêneros ou a especificidade de determinado produto propostas desde a sua concepção.

A composição da informação jornalística na Web envolve quatro instâncias: hierarquização, relação, recuperação e atualização de informação (LÓPEZ, GAGO e PEREIRA, 2003). O produtor ordena o que é principal e o que é secundário, estabelece relações entre os conteúdos informativos, recupera o que já foi publicado também para estabelecer relações entre os acontecimentos, e atualiza continuamente os conteúdos. López, Gago e Pereira (2003:210) indicam ainda a importância dos recursos de retro informação ou *feed-back*. Fóruns de discussão, *chats* e enquetes possibilitam a interatividade ativa entre o usuário e a publicação.

Consideramos a associação das características do webjornalismo, hipertextualidade, multimídia e interatividade como fator diferenciador em relação à prática tradicional de composição dos gêneros jornalísticos. Mesmo que encontremos essas características em outros meios de comunicação, na Web, elas apresentam um potencial de utilização que as diferencia e permite a elaboração de narrativas com uma nova retórica (COLORADO, 2003). A multilinearidade possibilitada pelo uso complexo da hipertextualidade sobre bases de dados, produzindo discursos fragmentados e coerentes onde o usuário percorre caminhos ao seu desejo na busca pelo conhecimento, converte-se no ideal de arquitetura narrativa para a Web (MANOVICH, 2001; LÓPEZ, GAGO e PEREIRA, 2003; MACHADO, 2004; BARBOSA, 2004).

Em associação à multimídia ou capacidade de convergir formatos tradicionais na narração do fato jornalístico (PALACIOS, 2002, 2003), o uso da multilinearidade

permite construir discursos unificados e diversificados no que possuem de coerência narrativa e oferta potencialmente ilimitada de informação. Juntando a este complexo informativo as especificidades da interatividade, que apresenta diferentes graus de participação do usuário (LEMOS, 1997; PRIMO e CASSOL, 1999; MIELNICZUK, 1999, 2000, 2001; BARDOEL e DEUZE, 2000; ALIAGA e DÍAZ NOCI, 2003), sendo o mais avançado deles a sensação de que pode controlar a notícia de acordo com seus interesses, surge um modelo narrativo utilizado pelo jornalismo para representar os acontecimentos, que diferencia a prática no suporte Web da produzida pelos meios tradicionais.

Percebemos mais claramente a elaboração de arquiteturas multilineares, multimidiáticas e interativas, como vimos no capítulo anterior, a partir das publicações de modelo narrativo octaédrico, identificado no período de 2003 a 2005, apesar das exceções com o *El Mundo*, em 2000, e com o *MSNBC*, em 2001, respectivamente, com as publicações de infografia interativa e reportagem multimídia. No período que marca o modelo octaédrico, observa-se que as modificações nas publicações são estéticas e estruturais, com a criação de *layouts* específicos, a mudança de elementos da narrativa de lugar, e uma quase universalização das bases de dados para organização, disponibilização e recuperação de informações (MANOVICH, 2001; MACHADO, 2004).

Como veremos nos próximos capítulos, representantes desta nova maneira de compor a notícia são: a reportagem em profundidade, a reportagem multimídia e a infografia multimídia, que têm no uso complexo das estruturas hipertextuais sobre bases de dados as características do que denominamos no segundo capítulo de modulador da compreensão.

3.2 As estruturas narrativas da reportagem na Web

O que denominamos ‘reportagem em profundidade’ não encontra relação com categoria alguma de reportagem na Web da bibliografia consultada. O termo aparece na obra de Luiz Beltrão (1980) retomada por José Marques de Melo (1985). A classificação feita por Beltrão atende a critérios de acordo com as funções que os textos desempenham em relação ao leitor: informar, explicar ou orientar. A partir dessas funções, propõe três categorias básicas: a) jornalismo informativo: notícia, reportagem, história de interesse humano, informação pela imagem; b) jornalismo interpretativo: ‘reportagem em profundidade’; c) jornalismo opinativo: editorial, artigo, crônica, opinião ilustrada, opinião do leitor. Acrescentando alguns elementos e suprimindo outros, Marques de Melo (1985) reduz essa classificação a duas categorias: a) jornalismo informativo: nota, notícia, reportagem, entrevista b) jornalismo opinativo: editorial, comentário, artigo, resenha, coluna, crônica, caricatura, carta.

Para diferenciar tipos de reportagem na Web, empreendemos uma classificação de modelos de composição, assim como fizemos com todos os gêneros jornalísticos, ao longo desta dissertação. Observamos na coluna da direita, os percentuais de recorrência dos modelos no universo de cem reportagens analisadas em cada uma das sete publicações:

Tabela-resumo 8 – Tipos de reportagem na Web

GÊNEROS JORNALÍSTICOS	MODELOS DE COMPOSIÇÃO	MODELOS NARRATIVOS	%
REPORTAGEM	1. TRANSPOSIÇÃO DO IMPRESSO	PLANO AO OCTAÉDRICO	23%
	2. REPORTAGEM COM DOCUMENTAÇÃO DESINTEGRADA	HEXAÉDRICO AO OCTAÉDRICO	39%

	3. REPORTAGEM EM PROFUNDIDADE	HEXAÉDRICO AO OCTAÉDRICO	21%
	4. REPORTAGEM MULTIMÍDIA INTEGRADA	HEXAÉDRICO AO OCTAÉDRICO	17%

O espanhol Guillermo López García (2003:449) considera a reportagem e a crônica (no sentido espanhol, como já nos referimos no primeiro capítulo) gêneros jornalísticos interpretativos. Apesar de se referir à ‘profundidade’ como uma das características da reportagem na Web (2003:458), não utiliza o termo em sua classificação. Para García (2003:469), existem três tipos de reportagem na Web: 1) reportagem de atualidade, 2) especial temático e 3) dossiê documental. No primeiro, predomina o texto escrito na transposição do impresso para a Web de temas atuais, apenas com a utilização de uma estrutura hipertextual para a organização das informações e possibilidade de utilização de recursos multimídia de maneira desintegrada. No segundo, há o aprofundamento de grandes temas cuja ressonância é constante ao longo dos meses, com uma série de informações em diferentes formatos. No terceiro, o caráter é mais didático, sobre temas mais densos, de âmbitos mais especializados, como por exemplo a análise da vida e obra de um escritor.

Em narrativas como as que encontramos na reportagem em profundidade *Hurricane Katrina* (fig.27), a multimídia não se resume a disponibilização de informação em diferentes formatos. Por se configurar enquanto narrativa modular, organiza os elementos de maneira integrada e coerente, aumentando ou diminuindo sua participação no interior da narrativa, ou das narrativas associadas, de acordo com o desenrolar dos acontecimentos. Caminhando para uma solução quanto à utilização da multimídia de acordo com o ideal descrito por Ramón Salaverría (2001), mas ainda sem alcançar o potencial da

reportagem multimídia e da infografia multimídia, a reportagem em profundidade é um exemplo fundamental do desenvolvimento de narrativas multilineares, multimidiáticas e interativas.



Figura 27: Edição do *BBC News*, seção *In Depth*, em 19.08.2005

Segundo Salaverría (2001), multimídia identifica as mensagens informativas transmitidas, apresentadas ou percebidas unitariamente através de muitos meios.

El mensaje multimedia debe ser un producto polifónico en el que se conjuguen contenidos expresados en diversos códigos. Pero, además, debe ser unitario. El mensaje multimedia no se alcanza mediante la mera

yuxtaposición de códigos textuales y audiovisuales, sino a través de una integración armónica de esos códigos en un mensaje unitario. Un producto informativo que sólo permita acceder a un texto, a un vídeo y a una grabación de sonido por separado no se puede considerar propiamente como un mensaje multimedia; se trata simplemente de un conglomerado desintegrado de mensajes informativos independientes (SALAVERRÍA, 2001).

A reportagem multimídia é classificada por Salaverría (2005:162) como um gênero mais propriamente *ciberjornalístico*. “Se caracteriza por aproveitar a fondo las posibilidades audiovisuales de la Web, mediante el uso de galerias fotográficas, infografías interactivas, sonidos y vídeos” (2005:163). Até aqui, não existe um consenso sobre a terminologia utilizada para os tipos de reportagem na Web. O que Salaverría (2005:163) denomina ‘reportagem multimídia’, García (2003:470) chama de ‘especial temático’. Este último é referido por Salaverría (2005:163) como ‘dossiê documental’, que por sua vez, não possui as características do mesmo termo utilizado por García (2003:472).

A classificação de Nogueira (2005:61) para as estruturas narrativas básicas do webjornalismo audiovisual, como nos referimos no segundo capítulo, permite uma compreensão mais abrangente das formas narrativas audiovisuais na Web, anterior a uma classificação de tipos de reportagem. Como se observa na tabela-resumo 8 (abaixo), reproduzida a partir de Nogueira (2005:61), o que Salaverría (2005:163) classifica como ‘dossiê documental’, corresponde à Forma Simples Navegável (NOGUEIRA, 2005:61), por possuir uma estrutura hipertextual que envolve texto e imagem na narração do fato jornalístico. O que Salaverría (2005:163) classifica como reportagem multimídia, corresponde à Forma Complexa Navegável (NOGUEIRA, 2005:61), por possuir uma estrutura hipertextual que envolve áudio, texto e imagem na narração dos acontecimentos.

Pela classificação de García (2003:469), a reportagem de atualidade corresponde à Forma Simples Navegável (NOGUEIRA, 2005:61), pelas características já descritas. O que García (2003:470) denomina especial temático encontra correspondência na Forma Complexa Navegável (NOGUEIRA, 2005:61), assim como o terceiro tipo que desenvolve, o dossiê documental (GARCÍA, 2003:472), que possui as mesmas características quanto à forma do especial temático, diferenciando-se pelo conteúdo.

Podemos fazer, portanto, uma correspondência entre as classificações de García (2003), Salaverría (2005) e Nogueira (2005), visando a uma compreensão mais clara das estruturas narrativas do gênero reportagem na Web:

Tabela-resumo 9 – Correspondência entre as classificações

	FORMA SIMPLES NAVEGÁVEL NOGUEIRA (2005)	FORMA COMPLEXA NAVEGÁVEL NOGUEIRA (2005)
GARCÍA (2003)	Reportagem de Atualidade	Especial Temático e Dossiê Documental
SALAVERRÍA (2005)	Dossiê Documental	Reportagem Multimídia

A denominação que adotamos, ‘reportagem em profundidade’, insere-se na classificação de Nogueira (2005) enquanto Forma Complexa Navegável, diferenciando-se dos outros tipos pela fragmentação visual dos conteúdos a partir do Mosaico Digital de Notícias (NOGUEIRA, 2005:33). No quarto capítulo desta dissertação, desenvolveremos com mais detalhes a retórica da reportagem na Web.

3.3 A organização modular da informação webjornalística

Em português, diz-se modulador para que ou o que modula ou é capaz de modular¹. Também se refere a um dispositivo em radiotransmissão que sobrepõe um sinal de baixa frequência (como o som) sobre um sinal de alta frequência (como a onda portadora). O verbo modular é utilizado tanto para referir-se ao ato de edificar utilizando módulos, como à ação de variar a altura ou a intensidade de (voz ou som); ou ainda, tocar, cantar ou dizer harmoniosamente.

Quando nos referimos ao uso do hipertexto e das bases de dados para além da simples organização do acesso enquanto modulador da compreensão, envolvemos a noção de edificação de módulos, metafórica; a noção de variação de altura e intensidade, tendo como objetivo a harmonia do conjunto de dados; e a noção de estrutura fractal da nova mídia (MANOVICH, 2001:30), que permite a associação entre narrativas em um mesmo ambiente configurando o princípio da modularidade (MANOVICH, 2001:30).

Tomando como exemplo a reportagem em profundidade, *Hurricane Katrina* da seção *In Depth* do site *BBC News*² (fig.27), observamos que ela se estrutura pela associação de diferentes módulos informativos, ou blocos de informação, formando assim um mosaico de informações ou Mosaico Digital de Notícias (NOGUEIRA, 2005). O módulo que designamos pelo número 1 pode ser chamado de nível 1 básico, reunindo as informações mais importantes, dados que não podem ser ignorados para a compreensão do

¹ Verbete do Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa, acessado em <http://houaiss.uol.com.br>

² http://news.bbc.co.uk/1/hi/in_depth/americas/2005/hurricane_katrina/default.stm

acontecimento. Nesta área, a atualização é contínua, mas sem uma periodicidade fixa, podendo mudar a cada minuto, hora ou dia. O módulo marcado pelo número 2 acrescenta informações secundárias, como também fazem os módulos seguintes, complementando as notícias factuais do primeiro módulo e oferecendo o contexto que o usuário necessita, caso deseje aprofundar seus conhecimentos. N° 2) Impacto sobre os habitantes, presente, passado e futuro; N° 3) Imagens do desastre, vídeo e áudio; N° 4) Análises, explicações e contexto; N° 5) Visão e opinião do enviado especial aos locais do desastre; N° 6) Interatividade: participação dos usuários; N° 7) Opinião e relatos de jornalistas e usuários.

Ainda nos referindo ao termo modulador da compreensão, quando falamos em variação de altura e intensidade, tendo como objetivo a harmonia do conjunto de dados, observamos que, a cada atualização, a narrativa tem sua estrutura modificada, podendo uma notícia factual ser complementada por uma opinião e passar para um nível informativo secundário. Desta maneira, ela é substituída por outra mais nova, que não deixa de disponibilizar os dados primordiais da que passou para outro nível. O primeiro módulo de uma reportagem como esta, assegura que o usuário saiba as informações principais em torno do fato, desde que se iniciou. O uso da memória múltipla e cumulativa (PALACIOS, 2002) exerce papel fundamental para o desenvolvimento e o aprimoramento da narrativa. O produtor decide o que é mais importante (altura e intensidade) e organiza visualmente suas escolhas para que o usuário consiga navegar e identificar as informações fundamentais.

A navegação pode ser definida como um movimento cognitivo através de espaços formados por dados, informações e pelo conhecimento que daí emerge. É nesse sentido amplo que a navegação deve ser encarada pelos designers. Fatores inerentes à própria filosofia da hipermídia serão os maiores vilões da desorientação dos usuários, durante a navegação, em ambientes virtuais (AGNER e MORAES, 2003).

A reorganização contínua proporciona a composição de novas narrativas a depender da maneira como os registros das bases de dados são ordenados, configurando diferentes interfaces para um mesmo complexo informativo, readaptando a produção por meio do princípio da variabilidade (MANOVICH, 2001:36).

3.4 Relações entre os níveis de interatividade e a composição da narrativa

Expressão da narrativa multilinear multimidiática e interativa, assim como a reportagem em profundidade e a reportagem multimídia, a infografia multimídia tem o potencial de congregar do mais simples ao mais complexo nível de interatividade (DE PABLOS, 1999; SANCHO, 2001, 2003; ALIAGA e DÍAZ NOCI, 2003; RIBAS, 2004; LIMA JR, 2004; SALAVERRÍA, 2005).

Díaz Noci (2002:96) define interatividade como a capacidade que o usuário tem de perguntar ao sistema e recorrer às bases de dados para recuperar a informação da forma desejada. Esta definição explica tanto a participação com o envio de dados do usuário e a obtenção de respostas do sistema, como explica a participação através do clique por uma narrativa hipertextual, se consideramos que “perguntar ao sistema” pode significar “o que acontece se eu clicar aqui?” e a resposta é o conteúdo da próxima lexia.

Abordando os níveis de interatividade, Salaverría (2005:34) considera um grau mais básico da interatividade a possibilidade dada ao usuário escolher o itinerário hipertextual, navegando pelos links. Segundo o autor, essa ação limita-se à capacidade de manipular os conteúdos informativos. Como um nível de maior riqueza e complexidade, Salaverría (2005:34) caracteriza a ação do usuário em empreender um diálogo através do computador

com o jornalista, com um entrevistado ou com outros usuários. E por fim, considera também uma experiência interativa complexa aquela que o usuário mantém com o arquivo do *cibermeio*, dialogando com as bases de dados.

Salaverría (2005:34) considera possível classificar a interatividade a partir de duas instâncias: 1) segundo o objeto ou o sujeito com o qual o usuário estabelece um diálogo, nesta ordem: a) com o hipertexto, b) com outras pessoas, c) com as bases de dados; e 2) segundo a capacidade de manipulação que adquire o usuário sobre os objetos ou sujeitos, nesta ordem:

a) *interatividade de transmissão*: mais básica, permite apenas ativar ou cancelar uma emissão,

b) *interatividade de consulta*: o usuário, além de aceitar ou cancelar uma emissão, pode selecionar um conteúdo específico entre tudo o que se oferece,

c) *interatividade conversacional*: o usuário é receptor e pode converter-se em emissor de mensagens para outros destinatários, tanto em correio eletrônico como em chats ou fóruns de discussão,

d) *interatividade de registro*: se alcança quando o meio é capaz de registrar informação do usuário e adaptar automaticamente, de acordo com seus dados e preferências, formatos e conteúdos.

No exemplo da *Hurricane Katrina* (fig.27), há interatividade quando são publicadas páginas com: os recados de usuários à procura de pessoas com as quais ainda não conseguiram estabelecer contato; as respostas das pessoas que acessaram os recados; os depoimentos de moradores das áreas afetadas sobre o que aconteceu e as fotos de suas

casas devastadas; galeria de fotos e pedidos de ajuda enviados por moradores que sofreram com o desastre; e comentários de usuários sobre o futuro dos acontecimentos e temas relacionados. Mas apesar do usuário ver publicados seu depoimento, suas fotos, seu pedido de ajuda, seu recado de procura por alguém, e encontrar a resposta de alguém que estava desaparecido, a interatividade ocorre entre usuário e usuário através da publicação. Diante do computador conectado à Internet o usuário estabelece relações: a) com a máquina; b) com a própria publicação, através do hipertexto; e c) com outras pessoas - seja autor ou outros usuários - através da máquina (LEMOS, 1997, MIELNICZUK, 1999). Machado (2000) salienta que um dos maiores desafios do jornalismo na Web é incorporar o usuário à lógica de uma produção descentralizada.

No caso da infografia multimídia, mais que enviar mensagens a serem publicadas ou participar com sugestões do processo de construção da notícia, a interatividade no âmbito da narrativa permite a modificação do sistema a partir de ações ou informações do usuário, extrapolando os limites dos simples atos de enviar e receber uma mensagem e de navegar por uma estrutura hipertextual. Como vimos, através da narrativa, o usuário pode interagir com a mensagem em quatro estágios: 1) Observação, 2) Exploração, 3) Modificação, 4) Mudança Recíproca (MEADOWS, 2003:121), como pode ser observado na infografia do especial de saúde do *El Mundo* “*La Familia Crece*” (figs.28 e 29).

O usuário começa por uma explicação sobre a anatomia envolvendo o útero e o feto, passa para o estágio do nascimento e, posteriormente, para explicações personalizadas e detalhadas sobre o momento do parto, de acordo com as respostas que dá sobre si mesmo.

Entre as explicações, pode clicar ou passar o *mouse* em certas regiões da infografia para perceber, através da animação das imagens, o processo com mais detalhes.



Figura 28: Infografia sobre o momento do parto, *El Mundo*, 01.04.2003

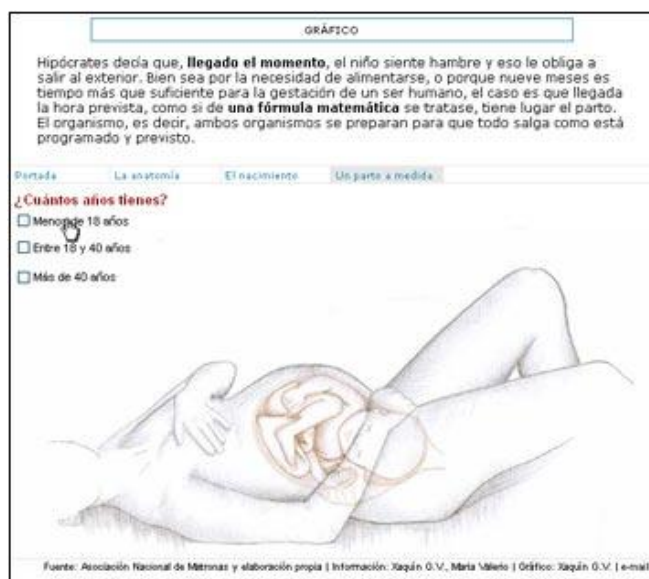


Figura 29: O sistema faz perguntas e mostra detalhes do parto de acordo com as características indicadas pelo usuário

Para Anamaria Moraes e Luiz Agner (2003), em uma comparação entre o desenho para o impresso e para a Web, a diferença está nas funções dos olhos e das mãos. Enquanto o *design* para o impresso baseia-se em deixar que os olhos do leitor se movam através da informação, olhando seletivamente para cada objeto, os elementos da página enfatizam-se e explicam-se uns aos outros. O *design* para a Web funciona ao deixar que as mãos se movam pela informação, clicando o mouse, enquanto as relações entre as informações expressam-se temporariamente como parte dos movimentos e interações do usuário com os objetos virtuais.

Por isso, o *design* de componentes de interfaces gráficas não deve ser empregado somente para dar vida às páginas da Internet ou para embelezá-las: os gráficos e as imagens são parte integrante da experiência. Isso quer dizer que o visual não está separado das questões e dos problemas intrínsecos das interfaces. Sob o ponto de vista do usuário, a navegação é centrada em objetivos e ações. Por isso, mais do que desenhar barras, botões ou menus, os *designers* projetam interações. O que desenhamos é a experiência do usuário – ou seja, o seu sucesso ou o seu fracasso na busca de informações no ciberespaço (AGNER e MORAES, 2003).

Na infografia multimídia, o ponto de vista do desenho da experiência do usuário torna-se fundamental ao considerarmos a questão da interatividade no âmbito da narrativa, entre o usuário e o sistema. A característica mais destacada da infografia multimídia em relação aos outros gêneros³ é a possibilidade que dá ao usuário de fazer o acontecimento “acontecer” de novo, ou explorar o interior de algum lugar ou objeto e, ao fazer uma pergunta ao sistema (DÍAZ NOCI, 2002), obter uma resposta e perceber que controla a narrativa a partir do clique.

³ Desenvolvemos mais especificamente a questão da infografia enquanto gênero jornalístico no quinto capítulo desta dissertação.

Em sua maioria (83%), as infografias que encontramos nos produtos jornalísticos na Web hoje, não exploram o potencial interativo e multimidiático da narrativa, como pode ser observado na tabela a seguir:

Tabela-resumo 10 – Tipos de infografia na Web

GÊNEROS JORNALÍSTICOS	MODELOS DE COMPOSIÇÃO	MODELOS NARRATIVOS	%
INFOGRAFIA	1. TRANSPOSIÇÃO DO IMPRESSO (IMAGEM ESTÁTICA)	TETRAÉDRICO AO OCTAÉDRICO	35%
	2. INFOGRAFIA ANIMADA SEQUENCIAL	HEXAÉDRICO AO OCTAÉDRICO	48%
	3. INFOGRAFIA MULTIMÍDIA INTEGRADA	HEXAÉDRICO AO OCTAÉDRICO	17%

No caso do *El Mundo*, que se destaca pela produção contínua de gráficos interativos⁴, encontramos 48% de narrações jornalísticas que utilizam apenas animações e estruturas seqüenciais. Entretanto, algumas vezes, destacam-se pela mudança em relação aos *templates*, como é o caso da infografia sobre o parto (figs.28 e 29), que “conversa com o usuário”, e de outras, como ‘*Catedral de La Almudena*’ (Anexo1, pp.169), ‘*David Cumple 500 Años*’ (Anexo1, pp.170), ‘*El Nacimiento de Darth Vader*’ (Anexo1, pp.171) e ‘*El Año de Einstein*’ (Anexo1, pp.172). Este último é o único caso de utilização do que o chefe do setor de gráficos interativos do *El Mundo* chama de “vídeo animado com narração”⁵.

⁴ <http://www.elmundo.es/graficos/multimedia/>

⁵ <http://malofiej.blogspot.com/>

No próximo capítulo, apresentamos os gêneros jornalísticos em um novo contexto. Repensamos seus elementos e objetivos em um espaço ditado pela automação das bases de dados, pela modularidade e variabilidade das interfaces (MANOVICH, 2001), configurando uma retórica diferenciada. A partir dos gêneros que mais se destacam na Web, a notícia, a reportagem, a entrevista e a infografia, observando também a opinião e o fenômeno dos blogs jornalísticos, reunimos aspectos que podem contribuir, em um momento posterior, para uma reflexão mais aprofundada sobre o que viria a ser uma teoria estética do webjornalismo.

Capítulo 4

A Retórica da Narrativa Jornalística na Web

O caráter retórico da comunicação na Web vem sendo objeto de estudo de alguns autores (GARCÍA, 2003; COLORADO, 2003; GÓMEZ, 2004; MAYORDOMO, 2004) que identificam ressonâncias das operações constitutivas do discurso clássico na narrativa no ciberespaço. Processo bidirecional, a relação entre retórica e Web aponta para transformações recíprocas na constituição de uma identidade para os processos comunicativos do ciberespaço. Razão pela qual a narrativa webjornalística configura-se como objeto desta dissertação de mestrado, que busca identificar aspectos específicos de uma estética própria do webjornalismo, dando prosseguimento ao trabalho desenvolvido por diversos autores (MACHADO e PALACIOS, 1996; BOLTER, 1991; MACHADO, 2000; SILVA JR, 2000; PAVLIK, 2001; CASTELLS, 2001; CANAVILHAS, 2001; DÍAZ NOCI, 2002; HALL, 2002; BARBOSA, 2002; MACHADO e PALACIOS, 2003; MIELNICZUK, 2003; DÍAZ NOCI e SALAVERRÍA, 2003; SCOLARI, 2004; PORTO ALEGRE, 2004; NOGUEIRA, 2005; MOHERDAUI, 2005; SALAVERRÍA, 2005).

Neste quarto capítulo, seguindo pesquisas desenvolvidas por estes autores, analisamos as características e os elementos constitutivos e constituídos pelo espaço retórico em que se insere a produção webjornalística. Observamos o contexto em que se redefinem os gêneros jornalísticos, as transformações dos papéis de usuários e produtores e as relações entre narrativa e *design*. A evolução da notícia, da reportagem, da entrevista, do

lugar da opinião e dos blogs jornalísticos, além da infografia, oferecem elementos para análise que nos permitem pensar a respeito de perspectivas para o jornalismo na Web enquanto prática discursiva com identidade própria, em consolidação, diferenciada dos meios tradicionais.

4.1 O contexto digital e os gêneros dialógicos

O dialogismo abrange as interações comunicativas nas diversas mediações da linguagem. Mesmo tendo sido formulado no contexto da interação social, observa-se que as mediações pelos dispositivos digitais são também dialógicas (MACHADO, 2001; LÓPEZ e BOLAÑOS, 2003; SCOLARI, 2004; PORTO ALEGRE, 2004; NOGUEIRA, 2005; MARCUCHI e XAVIER, 2005). A interatividade é a característica potencializada pelo novo meio que se envolve diretamente com o processo do diálogo, em diferentes níveis. No estudo da comunicação mediada por computador, a interatividade é considerada a relação dialógica entre homem e técnica (LEMOS, 1997); a capacidade de demandar ao sistema e de que este responda oferecendo o que se pediu (DÍAZ NOCI, 2002:100); processo de comunicação, intercâmbio e diálogo (ALONSO e MARTINEZ, 2003:282; MEADOWS, 2003:37).

Interactivity is a continuing increase in participation. It's a bidirectional communication conduit. It's a response to a response. It's a relationship. It's good sex. It's bad conversation. It's many things, none of which can be

done alone. Interaction is a process that dictates communication. It can also be a communication that dictates process. It provides options, necessitates a change in pace, and change you as you change it (MEADOWS, 2003:37)¹.

Partindo da teoria do dialogismo formulada por Mikhail Bakhtin (1979, 1992), Irene Machado (2001) discute a questão dos gêneros no contexto digital enquanto as instâncias potenciais da comunicação mais sensíveis às transformações que levam tanto à produção de formas estáveis quanto ao aparecimento de novos formatos (2001:26).

Machado (2001) denomina gêneros digitais as formas comunicativas processadas digitalmente ou pela via on-line, pela conexão e estrutura de redes de computadores. Para a autora, estes gêneros são “formas arquitetônicas cujas estruturas são modelizadas por linguagens artificiais, criadas pela engenharia digital, para combinação e reprocessamento de sistemas de escrita e de gêneros literários, discursivos; de gêneros informativos da mídia impressa; da linguagem visual e do *design* gráfico; dos gêneros audiovisuais do cinema, do rádio e da televisão” (MACHADO, 2001:30).

Considerar os gêneros em tempos de cultura digital implica atentar não só para o modo como as mensagens são organizadas e articuladas do ponto de vista de sua produção, como também em sua ação sobre a troca comunicativa, vale dizer, no processo de recodificação pelos dispositivos de mediação. Os programas digitais são assim processo de recodificação dos gêneros. Gênero não se reporta apenas à língua, mas ao meio, ao ambiente formalizado digitalmente que agora participa da enunciação (MACHADO, 2002:29).

¹ “Interatividade é um aumento contínuo na participação. É um canal de comunicação bidirecional. É uma resposta a uma resposta. É um relacionamento. É sexo bom. É conversa ruim. São muitas coisas, nenhuma delas que se possa fazer sozinho. Interação é um processo que impõe comunicação. Pode ser também uma comunicação que impõe um processo. Proporciona opções, necessita uma mudança no ritmo, e transforma você, enquanto você o transforma”. (T.A.).

De acordo com a autora, o gênero digital se define em função de propriedades digitais e dos propósitos tecnológicos. Desenvolve-se em um ambiente e interage com ele. São formações discursivas modelizadas digitalmente e, por isso, sua compreensão não acontece à revelia da mídia envolvida. Para Machado (2001), é impossível compreender a modelização dos gêneros digitais fora do *design*, e com esta questão, traz uma interessante discussão sobre o *design* de gêneros, que envolve as relações entre o contexto e o conteúdo como determinação de gênero.

No contexto digital, a definição de gênero se amplia, pois este constitui-se enquanto a capacidade de reconhecer e distinguir a informação através das propriedades materiais do meio e, conseqüentemente, associa o conteúdo ao contexto (MACHADO, 2001). Nestas condições, Machado (2001) indica o gênero como produto do *design* de um programa ou sistema cuja linguagem modeliza todo um sensorio não apenas de meios, como também de ambientes. As reflexões da autora sobre os gêneros e suas relações com o *design* baseiam-se nos *designers* John Seely Brown e Paul Duguit (1994, 1996), em uma investigação sobre a importância do *design* do gênero para o contexto da comunicação digital, bem como sua distinção em relação à cultura literária.

Para eles, da mesma forma como os aspectos físicos do livro se encarregam de indicar seu conteúdo, muito antes da leitura de uma única palavra, os mecanismos do ambiente digital são fundamentais para o conhecimento das mensagens que nele se articulam e por ele são veiculadas. Evidentemente, trata-se de um tipo de saber que envolve todo um aprendizado que mal começou a ser assimilado (MACHADO, 2001:33).

Segundo Machado (2001), a grande tese do dialogismo foi empreender uma definição de gênero que considera indistintamente todo o contexto enunciativo e não apenas

o relato. O ambiente digital possui propriedade genérica, seja para viabilizar uma conversa, uma narrativa, um desenho, um gráfico, um som, um movimento. Neste sentido, a autora considera que para o sistema de escrita eletrônica, os elementos periféricos são tão importantes quanto os elementos centrais, fazendo valer a máxima de Bakhtin sobre a importância do não-dito para a enunciação, quando a situação é, de fato, o próprio discurso (MACHADO, 2001:34).

As reflexões de Machado (2001) permitem-nos considerar que, na composição da narrativa webjornalística, torna-se evidente que determinados tipos de conteúdos comunicam de maneira mais efetiva sob a forma de determinados gêneros jornalísticos reconfigurados na Web. Machado (2001) ressalta que para o *design*, o gênero é definido do ponto de vista arquitetônico. Tal como o arquiteto organiza o espaço, cada gênero é considerado de acordo com um projeto, com características específicas. O *design* cria organizações e convenções próprias para cada gênero evidenciando a finalidade para a qual cada uma foi projetada (MACHADO, 2001).

Após a discussão sobre os gêneros no contexto digital, Machado (2001) trata dos gêneros conversacionais fundados no diálogo, também considerados por López e Bolaños (2003) como gêneros dialógicos.

Hablamos de géneros dialógicos para referirnos a los géneros que se basan en la interacción, instantánea o diferida, entre múltiples personas y que emplean el diálogo en la Red a través de la palabra escrita, la palabra oral, el lenguaje gestual o la iconografía para intervenir en escenarios propuestos por un generador digital que puede ser una empresa comercial, un medio de comunicación de masas, un colectivo cultural o quien quiera que desee convertir Internet en una plataforma de debates (LÓPEZ e BOLAÑOS, 2003:495).

Enquanto Machado (2001) determina como gêneros dialógicos o *chat* e a lista de discussão, considerando o segundo um gênero dialógico por excelência que se reporta a um gênero de longa tradição cultural: o diálogo socrático², López e Bolaños (2003) classificam como gêneros dialógicos a entrevista, o fórum de debates, o *chat* e as enquetes. Os autores espanhóis caracterizam a entrevista como o gênero dialógico por excelência na Internet (LÓPEZ e BOLAÑOS, 2003:518). Vale a ressalva de que Machado (2001) não aborda os gêneros jornalísticos, e sim, os gêneros digitais. López e Bolaños (2003) tratam por gênero jornalístico a entrevista e consideram o *chat*, a enquete e os fóruns de discussão, gêneros dialógicos. Gêneros jornalísticos podem ser dialógicos, como no caso da entrevista, mas gêneros dialógicos, nem sempre, são jornalísticos. Salaverría (2005) caracteriza como gêneros *ciberjornalísticos* o *chat*, a enquete e os fóruns de discussão, como vimos no primeiro capítulo.

Sobre a lista de discussão, que também denomina ‘conferência on-line’, Machado (2001:39) explica que

a dialogia desse gênero não deriva da existência do diálogo entre pessoas, que aqui é realmente virtual, mas do fato de nela os sujeitos discursivos publicarem seus posicionamentos e transformarem seus discursos em fala pública. Tal particularidade define não só a conferência on-line como um gênero dialógico por excelência, como também atribui aos interlocutores a condição de sujeitos dialógicos. Quer dizer, como indivíduos produtores de discursos que confrontam idéias e montam o circuito dialógico da responsabilidade num “mundo plugado” (MACHADO, 2001:39).

² Jay David Bolter (1991:107), ao tratar do Novo Diálogo possibilitado pelo computador e pelo hipertexto, indica que os diálogos platônicos combinavam a permanência da escrita com a aparente flexibilidade da conversação. Machado (2001) explica que o diálogo socrático é um gênero tipicamente especulativo que busca a verdade filosófica impulsionada por uma grande provocação, tal como o formulara Mikhail Bakhtin instigado pela obra de Dostoievski.

Segundo Machado (2001), a particularidade deste gênero é o fato de que apesar do caráter coletivo, a lista de discussão se movimenta dentro de um circuito privado, onde é preciso ser assinante para fazer parte da discussão. Como no diálogo socrático, o sujeito discursivo é o sujeito dialógico que se define em relação ao circuito dialógico das idéias. Ao contrário, no fórum de debates (LÓPEZ e BOLAÑOS, 2003:519), as mensagens são publicadas em uma página Web, podendo ser restritas a assinantes, mas normalmente são abertas ao público, principalmente quando o gênero é utilizado por publicações jornalísticas no ciberespaço.

Para López e Bolaños (2003), com a linguagem hipertextual, foram modificadas diversas situações levantadas historicamente entre emissor e receptor, especialmente o direito do receptor ao protagonismo do ciclo comunicativo. Com as potencialidades do meio, o emissor perde poder e o receptor se transforma em re-emissor e emissor ao mesmo tempo. “El emisor envía un mensaje (o lo vende), pero el receptor ya tiene la opción de convertirse en protagonista del ciclo al decidir si muestra su reacción (*feedback*) al emisor u opta por dirigirse directamente a los millones de usuarios de Internet en el mundo y expresar su opinión aunque sea unipersonalmente” (LÓPEZ e BOLAÑOS, 2003:496).

Possibilitar mediações dialógicas não significa que os produtos jornalísticos devam obrigatoriamente promover o diálogo a cada publicação, assim como a utilização de recursos multimídia, de elementos interativos, de bancos de dados etc... Analisamos potencialidades e características de modelos de composição. Buscamos compreender como podemos utilizar o ciberespaço para a composição da informação jornalística, certos de que existem diferentes tipos de usuários, os que querem participar e os que não, os que buscam

aprofundamento e os que preferem uma leitura mais rápida e superficial. Da mesma maneira, observamos que determinados tipos de conteúdos comunicam de maneira mais efetiva sob a forma de determinados gêneros. Neste trabalho, não pretendemos criar fórmulas para o jornalismo produzido para a Web, mas identificar suas características e potencialidades no âmbito da narrativa e dos diferentes modelos de composição para a informação. Nossa classificação de modelos narrativos do segundo capítulo desta dissertação busca sistematizar conceitualmente a produção jornalística na Web, em um determinado período. Como indicamos, os modelos podem conviver em uma mesma publicação³.

4.2 As bases de dados e o espaço retórico moderno

O hipertexto é coadjuvante quando se passa a observar as bases de dados enquanto condicionantes das narrativas digitais e as interfaces como objetos culturais (MANOVICH, 2001; FIDALGO, 2003; MACHADO, 2004a, 2004b; BARBOSA, 2004a, 2004b, 2004c). Obviamente, as estruturas de links não deixam de ser importantes para a configuração das narrativas, sendo determinantes das operações que os usuários realizam sobre as bases de dados. Contudo, são fase posterior da composição de qualquer interface Web estruturada em bancos de dados, quando os itens e suas possíveis relações já foram pré-estabelecidos pelo programador ou reorganizadas automaticamente pelos algoritmos (COLLE, 2002).

Enquanto instâncias da narrativa, como explicamos no primeiro capítulo, lexia, interface e bases de dados, interagem em três níveis interdependentes. A primeira como a

³ Compartilhando das conclusões de Mielniczuk (2003) sobre os três estágios evolutivos do webjornalismo.

unidade mínima de informação, a segunda como superfície de tradução e interação entre o usuário e o banco de dados, e a terceira como o espaço que provê a narrativa de elementos necessários para o desenvolvimento da ação. Sobre este espaço, podem estar tanto interfaces atreladas às formas narrativas dos meios convencionais (no caso da transposição do conteúdo sem aproveitar as potencialidades do novo ambiente, utilizando as bases de dados apenas para uma busca simples ou uma atualização semi-automática de fotos), como interfaces que mediam o diálogo entre o usuário e as bases de dados oferecendo ferramentas para que ocorra o processo comunicacional. A principal destas ferramentas é o hipertexto. É a estrutura de links que permite ao usuário dialogar com a narrativa, mesmo que em um momento posterior ele possa enviar informação e obter respostas do sistema através do som ou da imagem. O primeiro acesso é sempre através do clique⁴.

Cuando un periodista crea una noticia para un cibermedio, en realidad está insertando un registro en una base de datos. Cuando un usuario quiere leer una noticia en su medio preferido, en realidad está consultando esta base de datos y extrayendo información. Es posible que ni uno ni otro perciban que tras sus acciones en realidad están manipulando una aplicación, un software específico de base de datos (LÓPEZ, GAGO e PEREIRA, 2003:197).

Quando envia informação ao sistema, o usuário está inserindo um registro na base de dados, seja com informações pessoais para um ambiente personalizável, contribuições opinativas sobre determinado assunto, ou diálogo registrado pelo sistema com outro usuário

⁴ Obviamente, no caso de um sistema que funcione apenas através do reconhecimento da voz humana, de sons, de movimentos, para ligar, funcionar, executar comandos e desligar, o hipertexto não é utilizado. Neste caso, um outro tipo de narrativa emerge, bem como uma novas gramática, linguagem e retórica, novas relações e procedimentos. No contexto desta dissertação, não consideramos este tipo de sistema.

ou com o produtor. A ação de recuperar alguma informação através de um buscador também se constitui enquanto um registro, e através dele o usuário é avisado de que já realizou busca semelhante em outro momento ou que essa busca pode ser associada a um outro grupo de itens. O simples acesso a uma notícia gera um registro no banco de dados útil a um controle por parte do produtor sobre o tipo de informação mais acessada pelos usuários (MOHERDAUI, 2005). Neste sentido, e em concordância com Machado (2004b), as bases de dados, além de redefinirem o conceito de narrativa no ciberespaço, mudam o conceito de leitor das narrativas tradicionais, que no ambiente digital e interativo passa a usuário, ou teleator (MANOVICH, 2001:161).

De acordo com Machado (2004b), quando de sua concepção, se consideradas as três funções da arquitetura da informação⁵, “a meta de uma narrativa interativa seja mais a criação de um contexto e de um espaço em que a narrativa possa ser descoberta e/ou composta pelos usuários, que a autoria de uma história completa, com começo, meio e fim, como ocorre na narrativa moderna clássica” (MACHADO, 2004b). O espaço navegável e interativo da narrativa na Web permite, portanto, a configuração de uma retórica específica que incorpora as relações polêmico-contratuais entre sujeitos (SCOLARI, 2004:234). O que quer dizer que, ao criar um entorno interativo, o produtor transmite os seus próprios

⁵ Machado (2004b) indica que a arquitetura da informação cumpre ao menos três funções: 1) uma mais clássica, de mapa que indica os percursos para localização da informação; 2) uma mais recente, que orienta a busca e recuperação das informações; 3) e uma terceira, pouco estudada até aqui, de servir como elemento estruturante na composição de narrativas multimídia. Para Machado (2004b), com a progressiva estruturação dos cibermeios no formato de bases de dados, o conceito de arquitetura da informação necessita ser alargado, deixando de ser simplesmente associado à busca de facilidades de acesso e ao incremento da usabilidade da interface gráfica, para ser pensado como um dos elementos estruturadores das narrativas multimídia no ciberespaço.

esquemas cognitivos, introduzindo uma série de normas de uso, que por sua vez são reinterpretados pelos esquemas cognitivos do usuário (SCOLARI, 2004:235).

Citando Humberto Eco (1979), Gianfranco Bettetini (1984, 1991) e Eliseo Verón (1987), Scolari (2004:163) define o conceito de interface nos sistemas interativos como o lugar onde se desenvolve o duelo entre a estratégia do *designer*⁶ e a estratégia do usuário, o entorno onde o simulacro do usuário conversa com o simulacro do *designer*, o espaço de encontro entre uma gramática do *design* e uma gramática do uso.

Durante el proceso de interacción, todas estas figuras virtuales (tanto las que viven dentro de la interfaz como las que existen en la mente del diseñador y del usuario) entran en una dinámica de choques y mutaciones recíprocas (SCOLARI, 2004:163).

Colorado (2003) considera a Internet um espaço retórico moderno similar a *Ágora* clássica, devido a duas características que, segundo o autor, possivelmente não existiam em outro âmbito comunicativo ou, pelo menos, não existiam como se configuram na Internet. A primeira é constituir-se enquanto espaço público e aberto que pode acolher as diferentes classes sociais possibilitadas de interatuar através da palavra. A segunda característica é o seu caráter social, quando estar conectado e participar das redes de relações significa fazer parte da sociedade. “Todo ello hace de Internet un ámbito comunicativo eminentemente retórico, al igual que lo fue el *Ágora* donde nació la retórica, que abre el camino para el nacimiento de una nueva retórica apta para este nuevo medio” (COLORADO, 2003).

Além das características fundamentais, Colorado (2003) indica que para considerar a Internet como âmbito comunicativo retórico é necessário ainda observar um conceito

⁶ Neste caso, *designer* é tanto quem projeta a interface gráfica como quem organiza o conteúdo informativo.

central: a persuasão. Segundo o autor, desde suas mais antigas definições, o objeto da retórica é a persuasão: ser capaz de persuadir por meio da palavra. A intenção de qualquer página Web é comunicar algum tipo de informação, vender algum produto ou promover algum tipo de experiência. De uma maneira ou de outra, o usuário precisa ser persuadido a interagir com o sistema, seja através da palavra escrita, de imagens, recursos de áudio ou vídeo, ou ainda pela facilidade do uso ou usabilidade (FLEMING, 1998; NIELSEN, 1999; GARRET, 2003).

Para alguns autores que pesquisam a retórica da Web (GARCÍA, 2003; COLORADO, 2003; GÓMEZ, 2004; MAYORDOMO, 2004), esta apresenta muitas ressonâncias das operações constituintes do discurso clássico. Tratam da retórica na Internet como um amplo conjunto de opções comunicativas, considerando as transformações nos papéis do emissor e do receptor clássicos, passando a produtor e usuário, e podendo trocar de lugares a depender da narrativa e do sistema interativo.

Mayordomo (2004) identifica que a relação entre retórica e Internet é bidirecional, na medida em que a Internet está modificando a retórica, introduzindo elementos e componentes que antes não faziam parte de seu universo, passando a estar submetida a novos condicionamentos e novas tensões.

La retórica se ve influida por Internet en la medida en que la comunicación retórica misma se adapta a las condiciones de este medio. La configuración teórica y metodológica de la retórica, al tener en cuenta Internet, se modifica de un modo importante, sin por ello - y ésta es una de las cualidades de la retórica -, perder toda la organización histórica y dinámicamente acumulada, que constituye el sistema retórico. Las modificaciones y transformaciones de la retórica no son sustitutivas sino coherentemente aditivas, de tal modo que hacen de la retórica un sistema en el que distintos componentes pueden estar inactivos mientras que otros están activos, pero existiendo siempre la posibilidad de que los inactivos

sean activados si las necesidades y circunstancias de la comunicación y del análisis así lo exigen (MAYORDOMO, 2004).

A partir de nossa classificação de modelos narrativos webjornalísticos, identificamos características próprias da notícia que nos permitem compreender o estado atual deste gênero jornalístico na Web. Tendo como parâmetros as características e os elementos simples e complexos observados no período de evolução do webjornalismo, reunimos um repertório para avaliar a adequação dos modelos de composição da notícia no ciberespaço. Da mesma maneira, nos tópicos seguintes, analisaremos a reportagem, a entrevista, a opinião e, mesmo que não seja gênero jornalístico, os blogs produzidos por jornalistas. A infografia será destacada no quinto capítulo, como um caso específico.

4.3 A notícia

Do Modelo Narrativo Plano ao Octaédrico, em relação a outros gêneros jornalísticos, a notícia evoluiu de maneira pouco significativa no que tange a composição da informação aproveitando de maneira efetiva as potencialidades do meio. Apesar de passar de simples transposição de texto do impresso para a Web, ao formato que utiliza o hipertexto e agrega texto, imagem, áudio e vídeo, na transmissão contínua e rápida de informações, este gênero pouco se destaca pelas inovações no formato. O fato do jornalismo ter se tornado um processo contínuo, colaborativo e interativo (GILLMOR, 2004) traz significativas mudanças em relação à produção da notícia, mas não a sua composição. A forma básica continua sendo o texto escrito e a multimídia envolvida é do tipo por justaposição.

Para discutir o desenvolvimento da notícia na Web, empreendemos uma classificação de modelos de composição, como fizemos anteriormente para a reportagem e para a infografia. Observamos na coluna da direita, os percentuais de recorrência dos modelos no universo de cem notícias analisadas em cada uma das sete publicações:

Tabela-resumo 11 – Tipos de notícia na Web

GÊNEROS JORNALÍSTICOS	MODELOS DE COMPOSIÇÃO	MODELOS NARRATIVOS	%
NOTÍCIA	1. TRANSPOSIÇÃO DO IMPRESSO	PLANO AO OCTAÉDRICO	55%
	2. NOTÍCIAS DE ÚLTIMA HORA (OU <i>BREAKING NEWS</i>)	TETRAÉDRICO AO OCTAÉDRICO	30%
	3. NOTÍCIA MULTIMÍDIA DESINTEGRADA	HEXAÉDRICO AO OCTAÉDRICO	15%

Observando, na tabela abaixo, a evolução da forma da notícia na Web, no período que vai de 1996 a 2005, podemos compreender mais claramente as transformações pelas quais a notícia passou enquanto gênero em redefinição na Web.

Tabela-resumo 12 – A evolução da notícia na Web

MODELOS NARRATIVOS	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005
PLANO	1									
POLIGONAL		2	2							
TETRAÉDRICO				3	3					
HEXAÉDRICO						4	4			
OCTAÉDRICO								5	5	5

1) Notícia transposta do impresso para a Web. Composição horizontal e vertical. O hipertexto serve apenas para organizar a narrativa de maneira seqüencial, sempre em dois ou três níveis: título, *lead* e texto completo. As notícias não são separadas em páginas individuais, são organizadas uma abaixo da outra, gerando uma grande barra de rolagem. Não há uso de elementos multimídia e a interatividade é representada apenas pelo e-mail da redação e a indicação de sala de bate-papo.

2) As páginas das notícias passam a ser individuais. Fragmentação discursiva nas páginas das editorias, colocando juntas matérias sobre um mesmo assunto. Na página da notícia, a relação não aparece, apresentando-se ainda enquanto texto corrido, como no impresso. Os recursos multimídia ainda não são utilizados na narração do fato jornalístico. A interatividade continua a ser explorada minimamente. O texto ainda é o principal recurso e há pouca utilização de fotos.

3) Surge o modelo de notícias de última hora, que passa a ser consenso na maioria das publicações (30%), depois da notícia transposta do impresso (55%). A forma da notícia continua a mesma: mais texto e poucas fotos. Em uma ou outra publicação aparecem informações em vídeo ou em áudio, de forma isolada. A novidade diz respeito à atualização, e por conta da rapidez na transmissão das informações, o texto passa a ser reduzido. Um parágrafo de 5 a 7 linhas já é chamado de notícia. Salvo um link ou outro no interior da narrativa, o modelo de notícia ainda remete ao impresso.

4) O texto ainda é o elemento principal, mas a notícia já associa recursos multimídia à narrativa de forma desintegrada. Fotos, vídeo, áudio, *slideshow*, gráfico interativo, acompanham as notícias, dando possibilidades a mais para que o usuário compreenda o

contexto dos acontecimentos. O hipertexto é explorado no interior da narrativa relacionando notícias que tratam de um mesmo assunto, documentação e comentários de usuários ou de articulistas.

5) Mesmo que disponibilize material em outros formatos, o texto escrito ainda aparece como o elemento central da notícia. Qualquer outro formato ainda é acessório. A narrativa fragmentada é encontrada em poucos casos, quando o produtor organiza hipertextualmente aspectos relevantes do acontecimento. As notícias de última hora ou *breaking news* ainda são o principal produto do gênero.

Em um patamar diferente da notícia, a reportagem é o gênero jornalístico que, juntamente com a infografia, apresenta transformações significativas na composição da informação na Web. Do Modelo Narrativo Plano ao Octaédrico, a reportagem passou de notícia com links a mais a gênero com características próprias, sendo o modelo em profundidade o que mais se diferencia dos outros gêneros.

4.4 A reportagem

Nos primeiros momentos do webjornalismo, notícia e reportagem não apresentavam entre elas diferenças estéticas e estruturais. Ainda hoje, o que Salaverría (2005) classifica como notícia e como reportagem nos *cibermeios* possui praticamente as mesmas características, salvo o *design* mais elaborado no caso da reportagem. Consideremos os tipos: *Notícia com Documentação* (2005:116-117) e *Dossiê Documental* (2005:163):

(...) **noticias con documentación.** Se corresponden con aquellas informaciones que, mediante enlaces hipertextuales, conectan al texto principal de la noticia una o varias informaciones relacionadas. Con ello, el lector que así lo desee puede contextualizar y ampliar los datos que se le

han presentado en el texto principal. Las informaciones enlazadas pueden proceder tanto del propio archivo de la publicación como de fuentes externas, y pueden ser tanto meramente textuales (artículos, informes...) como multimedia (galerías fotográficas, grabaciones de declaraciones, vídeos...). La práctica – cada vez más común entre los cibermedios – de incluir estos enlaces documentales permite aportar mayor contexto y profundidad a la información. Asimismo, constituye una buena técnica para añadir credibilidad informativa (SALAVERRÍA, 2005:116-117) [Grifo nosso].

El **dossier documental** – también denominado reportaje especial por algunos cibermedios – es, en realidad, una acumulación más o menos estructurada de artículos de hemeroteca que versan sobre un mismo tema. Cuando un medio ha publicado un buen número de textos – crónicas, entrevistas, columnas, reportajes... - sobre un asunto informativo de interés público y de actualidad permanente, tiende a reunirlos en un repositorio común. Estos dossiers suelen contar con una breve presentación que contextualiza y presenta toda la información documental disponible (SALAVERRÍA, 2005:163) [Grifo nosso].

Nos dois casos, 1) a informação principal apresenta-se por texto escrito; 2) há complementação à informação principal por material de arquivo, em qualquer formato, disposta como links; 3) agrega-se à informação principal qualquer outro gênero; 4) os elementos complementares proporcionam contexto e profundidade à informação principal. Mesmo que a notícia tenha um caráter mais factual e reúna menos informação complementar que a reportagem, essa não é uma diferença entre os gêneros na Web, mas sim, uma diferença entre eles de uma maneira geral, no contexto do jornalismo (GENRO FILHO, 1987).

As principais transformações da reportagem na Web verificam-se a partir do Modelo Narrativo Poliédrico, com os formatos de reportagem em profundidade (Anexo2, pp.183-184) e reportagem multimídia (Anexo2, pp.185-186) .

Um consenso sobre as denominações dos gêneros ainda inexistente entre os autores que procuram uma classificação para os tipos de reportagem na Web, como já ressaltamos no terceiro capítulo, com os exemplos de García (2003) e Salaverría (2005). O exemplo que Salaverría (2005:60) indica como reportagem multimídia destaca-se pelo uso do áudio articulado com as imagens em movimento. Essa é a integração que Salaverría considera um “amálgama indissolúvel” (2005:59), e talvez por isso, o autor caracterize este formato como ideal de integração. Ocorre que, se fazemos uma análise mais detalhada, trata-se de um conjunto de *slideshows* com áudio, mapas animados e uma infografia interativa. A integração de som e imagem em movimento é perceptível, mas somente notamos uma integração entre as outras partes através do *design*. Em realidade, a reportagem multimídia assemelha-se a um micro website, ou melhor, constitui uma micronarrativa multimidiática e interativa (fig.30).



Figura 30: reportagem multimídia publicada em O Estado de S. Paulo em 24.05.2005

Esta integração ocorre da mesma forma na reportagem em profundidade, que também através do *design*, integra os conjuntos informativos a partir de módulos, estabelecendo uma hierarquia visual. A diferença entre os dois tipos está no uso do áudio como o elemento central da narrativa, e não do texto escrito, no caso da reportagem em profundidade. Na reportagem multimídia, o texto escrito passa a acessório, enquanto na outra, é fundamental para a compreensão da mensagem. É por esse motivo, e não pela integração de áudio e imagem em movimento, que a reportagem multimídia se destaca enquanto formato mais interessante para este gênero na Web. É o fato de acabar com a hegemonia do texto escrito que torna este formato mais adaptado à Web.

Assim como a reportagem, mas de maneira mais incipiente, a entrevista passa por um processo de adaptação ao texto como acessório e ao áudio e ao vídeo como elementos centrais da narrativa. Depois da infografia e da reportagem, a entrevista é o gênero jornalístico que vem incorporando as potencialidades do meio.

4.5 A entrevista

Díaz Noci (2002) confere à entrevista o poder de acentuar a co-autoria na Internet, convertendo-se em um gênero que permite ao usuário fazer as perguntas diretamente ao entrevistado. Para López e Bolaños (2003), configura-se como gênero dialógico por excelência na Web, com expressão natural neste ambiente através do *chat*. Salaverría (2005) considera esta a reconfiguração do gênero que vem diminuir a exaustividade do texto escrito em favor da leveza da imagem e da voz do entrevistado. Nogueira (2005) classifica três tipos de entrevista: 1) Entrevistador entrevistado – quando um jornalista

responsável por outras seções do jornal é o entrevistado na bancada, como acontece no *UOL News*; 2) Comentário multiorientado – um misto de entrevista com um jornalista (por isso a denominação comentário), bate-papo com usuários ao vivo via *chat* e comentário crítico especializado; 3) Entrevista-fato – quando uma entrevista com especialistas é feita por telefone para aprofundar um fato importante ocorrido. Na classificação de Nogueira (2005), os tipos se aplicam ao que a autora denomina *webjornalismo audiovisual*: “atividade que utiliza formatos de notícia com imagem em movimento e som enquanto elementos constitutivos do produto disponibilizado nos bancos de dados da Web” (2005:13).

Para discutir o desenvolvimento da entrevista na Web, empreendemos, da mesma forma que fizemos para a notícia, para a reportagem e para a infografia, uma classificação de modelos de composição. Observamos na coluna da direita, os percentuais de recorrência dos modelos no universo de cem entrevistas analisadas em cada uma das sete publicações:

Tabela-resumo 13 – Tipos de entrevista na Web

GÊNEROS JORNALÍSTICOS	MODELOS DE COMPOSIÇÃO	MODELOS NARRATIVOS	%
ENTREVISTA	1. TRANSPOSIÇÃO DO IMPRESSO	PLANO AO OCTAÉDRICO	78%
	2. VIA BATE-PAPO TEXTUAL	POLIGONAL AO OCTAÉDRICO	12%
	3. VIA BATE-PAPO EM ÁUDIO	TETRAÉDRICO AO OCTAÉDRICO	8%
	4. AUDIOVISUAL TRANSPOSITIVA COM BATE-PAPO TEXTUAL OU AUDIOVISUAL	HEXAÉDRICO AO OCTAÉDRICO	2%

Em relação aos outros gêneros em redefinição no ciberespaço, a entrevista muda a sua forma quando faz do texto escrito acessório e da imagem em movimento com áudio elemento central. O que antes era um simples *chat* entre usuários, entrevistado e jornalista responsável, encontra agora um *redesign* para mostrar o entrevistado no momento da entrevista, disponibilizar suas respostas em áudio e promover a interação com os usuários através do *chat*. Além disso, aproveita o potencial do hipertexto para estruturar a narrativa de forma a oferecer ao usuário informação de contexto, seja notícias de arquivo, links para sites sobre o entrevistado ou estruturar a narrativa em blocos de informação.

A utilização deste formato mais avançado e que aproveita melhor as potencialidades do meio, ainda é minoria (2%) na Web. Nas publicações analisadas nesta dissertação, a forma mais comum de entrevista é a do *chat* baseado no texto escrito, como por exemplo a seção “*Encuentros Digitales*” do *El Mundo* (Anexo2, pp.187).

4.6 A opinião e os blogs jornalísticos

A informação jornalística na Web adquire novo formato a partir da utilização dos blogs por jornalistas para a publicação de fatos e acontecimentos aliados à opinião do produtor ou produtores (no caso dos blogs comunitários) e dos usuários. Blogs como o ‘*No Mínimo*’⁷, o ‘*Blog do Noblat*’⁸, o ‘*Ponto Media*’⁹, o ‘*Intermezzo*’¹⁰, ‘*eCuaderno*’¹¹, ou a

⁷ <http://www.nominimo.com.br>

⁸ <http://noblat.ultimosegundo.ig.com.br/noblat/>

⁹ <http://ciberjornalismo.com/pontomedia/>

¹⁰ <http://www.intermezzo-Weblog.blogspot.com/>

¹¹ <http://ecuaderno.com/>

seção de blogs de repórteres da *BBC News*, o ‘*Reporters’Log*’¹², e a seção de blogs de jornalistas¹³ do *El Mundo*, são alguns exemplos do uso dos blogs como espaço de publicação de informação jornalística (Anexo2, pp.188).

Com a discussão acadêmica sobre a relação entre blogs e jornalismo (OLIVEIRA, 2001; RECUERO, 2003; RAMOS, 2003; ARAÚJO, 2004; QUADROS, ROSA e VIEIRA, 2005), apesar de que não seja nosso objetivo aprofundar questões de gênero e de estilo, faz-se oportuna a identificação de uma forma narrativa que migrou do cenário dos diários pessoais ao cenário do webjornalismo e configura-se hoje como o modelo de publicação de informações mais democrático da Web. O Diário Informativo classificado por Quadros, Rosa e Vieira (2005) como sendo individual ou em grupo, de assuntos gerais ou temáticos, inclui material analítico, opinativo, noticioso, ou um *mix* de vários estilos.

Os blogs, neste sentido, são um novo tipo de jornalismo, onde o mais importante não é como a matéria foi produzida, se foi um repórter que apurou os dados diretamente com a fonte, se é uma cópia do que os demais veículos publicaram... O que importa é a informação, esta escrita de forma sintética, quase como uma crônica, onde os seus responsáveis assumem posições e lançam mão da ironia, do texto poético e de todos os recursos técnicos para transmitir da forma mais eficaz possível esta informação (QUADROS, ROSA e VIEIRA, 2005).

Embora Cánovas (2003) afirme que os gêneros argumentativos¹⁴ na Internet geram novas fórmulas de apresentação da argumentação, observamos que todas as características que descreve como propriedades destes, como participação do usuário enquanto co-autor da

¹² <http://news.bbc.co.uk/1/hi/world/americas/4274782.stm>

¹³ <http://www.elmundo.es/elmundo/blogs.html>

¹⁴ Cánovas (2003) considera a classificação espanhola de gêneros jornalísticos, que reúne no conjunto argumentativo, aqueles que emitam comentário ou opinião. Pela classificação brasileira (BELTRÃO, 1980; MARQUES DE MELLO, 1985), opinativo é o gênero jornalístico que abrange editorial, comentário, artigo, resenha, coluna, crônica, caricatura, carta (MARQUES DE MELLO, 1985).

narrativa e plataforma de debates, configuram propriedades que o meio oferece a qualquer gênero digital, seja jornalístico ou não. Produtos como os blogs, quando de autoria de jornalistas, possuem as mesmas características que Cánovas (2003) descreve para os gêneros argumentativos, mas ainda encontram resistência de muitos autores em considerar os gêneros jornalísticos.

Também para os gêneros opinativos empreendemos uma classificação de modelos de composição na Web, mesmo que estes não façam parte do universo do qual deriva a classificação de modelos narrativos webjornalísticos, como explicamos na definição metodológica desta dissertação.

Tabela-resumo 14 – A opinião jornalística na Web

GÊNEROS JORNALÍSTICOS	MODELOS DE COMPOSIÇÃO	MODELOS NARRATIVOS	%
OPINATIVOS	1. TRANSPOSIÇÃO DO IMPRESSO	PLANO AO OCTAÉDRICO	-
	2. <i>MIX</i> OPINATIVO PRODUTOR-USUÁRIO	TETRAÉDRICO AO OCTAÉDRICO	-

No que se refere à narrativa, o texto escrito predomina enquanto elemento central, o uso da imagem é pontual, assim como a disponibilização de recursos multimídia que aparecem mais frequentemente na forma de links as publicações que produziram o material informativo. Desde o aparecimento do formato blog, na Web, em 1999 (OLIVEIRA, 2001), até hoje, as publicações mantêm a mesma lógica narrativa: estrutura seqüencial e vertical de texto com a possibilidade da referência a websites externos e links para comentários dos

usuários ao final de cada *post*. Após determinado número, os *posts* são agrupados por datas para recuperação através do arquivo, disponibilizados na forma de links.

Enquanto diário pessoal, o blog apresenta narrativa coerente com os objetivos do produtor: escrever sobre “o que vier à cabeça” para qualquer um ler (OLIVEIRA, 2001). Enquanto gênero jornalístico na Web, o blog carece de composição narrativa seguindo estruturas em desenvolvimento avançado, como é o caso da reportagem e da infografia. Ainda privilegia apenas duas dimensões da narrativa, como se percebe no Modelo Plano, balizando o design na horizontalidade e na verticalidade. Em todo caso, aparece como modelo interessante para a publicação de opinião na Web, gênero que ainda não conseguiu encontrar seu lugar discursivo entre os jornalísticos que avançam na consolidação de uma identidade própria, como a reportagem e a infografia.

As limitações do modelo blog podem ser conferidas às limitações das ferramentas de publicação, baseadas na descentralização da produção, disponibilizadas gratuitamente, na maioria dos casos. Como o *design* depende dos campos estabelecidos pela ferramenta, a publicação fica limitada a uma estrutura genérica. Algumas empresas apresentam avanços na disponibilização de imagens, no uso de links e em uma personalização mínima do *design*. Mas ainda não é suficiente para a composição de estruturas narrativas constituintes do estado atual de desenvolvimento do webjornalismo, obviamente, se consideramos o blog um gênero desta prática. De qualquer maneira, é notória a importância do blog enquanto espaço de discussão, indicador de tendências e fonte de informação.

No capítulo seguinte, trataremos da infografia multimídia como um caso específico, no contexto da composição da narrativa no webjornalismo. Considerada por nós,

juntamente com a reportagem, o gênero jornalístico que mais se destaca na Web no que se refere ao potencial de utilização dos recursos do meio, a infografia apresenta características de uma nova retórica, podendo contribuir para que o webjornalismo estabeleça uma estética própria.

Capítulo 5

Um Caso Específico: A Infografia Multimídia

Trata-se do gênero jornalístico que integra de maneira mais consistente duas áreas do conhecimento: o jornalismo e o *design*. As discussões acadêmicas sobre a infografia e as experiências do mercado demonstram como é possível pensar o jornalismo a partir de sua representação visual (PELTZER, 1991; DE PABLOS, 1992, 1998, 1999; STOVALL, 1997; MORAES, 1998; SANCHO, 2000, 2001, 2003; SOJO, 2002). Na Web, o gênero assume sua condição multimídia e se aproveita dos recursos oferecidos pelo meio para compor narrativas mais adequadas ao ambiente interativo.

Information graphics reveal the hidden, explain the complex and illuminate the obscure. Constructing visual representation of information is not mere translation of what can be read to what can be seen. It entails filtering the information, establishing relationships, discerning patterns and representing them in a manner that enables a consumer of that information construct meaningful knowledge (RAJAMANICKAM, 2005)¹.

Neste capítulo em que destacamos o caso específico da infografia multimídia para estudar a narrativa webjornalística, tratamos de questões que envolvem função e esquema de produção. Este último baseado em uma estrutura de trabalho (*framework*) que pode ser

¹ “Gráficos informativos revelam o oculto, explicam o complexo e iluminam o obscuro. Construir uma representação visual de uma informação não é somente tradução do que pode ser lido para o que pode ser visto. Ela requer filtragem de informação, estabelecendo relações, discernindo padrões e os representando de uma maneira que permite ao consumidor desta informação construir conhecimento significativo” (T.A.).

aplicada na criação de infografias para qualquer suporte (RAJAMANICKAM, 2005). Sua redefinição na Web, que amplia seu potencial informativo, permite discutir este modelo de composição da narrativa webjornalística enquanto espaço retórico que desenvolve mais significativamente as relações entre produtor, informação e usuário. Entre os gêneros jornalísticos apresentados na Web, a infografia se destaca pela capacidade de integração de formatos diferenciados de conteúdo e de articulação visual da narrativa.

5.1 O gênero jornalístico ‘infografia’ e sua redefinição na Web

A infografia, nos meios audiovisuais e na Web, mantém as características essenciais da infografia impressa, mas ao ser realizada através de outros processos tecnológicos, agregar as potencialidades do meio e ser apresentada em outro suporte, estende sua função, altera sua lógica, incorpora novas formas culturais (MANOVICH, 2001). Nossa discussão sobre gênero não envolve a distinção entre os suportes, mas se é a infografia um gênero jornalístico em qual meio estiver. Enquanto gênero digital, a infografia se adequa à definição de Machado (2001), que considera indistintamente todo o contexto enunciativo e não apenas o relato, tratando-o como produto do *design* cuja linguagem modeliza todo um sensorio não apenas de meios, como também de ambientes.

Pelo viés do *design*, o gênero é definido do ponto de vista arquitetônico, considerado de acordo com um projeto com características específicas. Como explica Machado (2001), o *design* cria organizações e convenções próprias para cada gênero evidenciando a finalidade para a qual cada uma foi projetada. Neste contexto, a autora ressalta a máxima de Bakhtin (1979, 1992) sobre a importância do não-dito para a enunciação, quando a situação

é, de fato, o próprio discurso (MACHADO, 2001:34). É interessante pensar a questão dos gêneros a partir de sua composição visual. No caso de sua redefinição na Web, os modelos de composição diferenciados dos gêneros podem constituir-se enquanto indicadores das particularidades de cada um, em uma rede de inter-relações entre ambiente, situação e discurso, como indica Machado (2001). Ou ainda, se pensarmos nos elementos da Nova Mídia (MANOVICH, 2001), inter-relações entre hipertexto, base de dados e interface, considerando que este último depende das relações polêmico-contratuais entre sujeitos (SCOLARI, 2004:234).

Pela classificação de Beltrão (1980), que propõe três categorias básicas², consideramos que a infografia insere-se no âmbito do Jornalismo Informativo (BELTRÃO, 1980) enquanto ‘informação pela imagem’. Esta categoria inclui ainda a notícia, a reportagem e a história de interesse humano. O relato visual jornalístico começa a desenvolver-se no Brasil, na segunda metade da década de 80 (MORAES, 1998:52). Até então, não havia uma expressão nacional definida, que se apresentava subserviente aos modelos norte-americanos e europeus das artes visuais (MORAES, 1998:52). Quando Marques de Melo (1985) resume a classificação de Beltrão (1980) a Jornalismo Informativo e Jornalismo Opinativo, o gênero ‘informação pela imagem’ é suprimido, assim como ‘opinião ilustrada’, restando apenas a caricatura como uma referência visual dos gêneros jornalísticos (MARQUES DE MELO, 1985).

Para Sojo (2002), a infografia é um gênero jornalístico devido a quatro razões fundamentais: 1) tem uma estrutura claramente definida; 2) tem uma finalidade; 3) possui

² Descrevemos a classificação de Beltrão (1980), no terceiro capítulo desta dissertação.

marcas formais que se repetem em diferentes trabalhos; 4) tem sentido por si mesma. A estrutura básica de uma infografia deve conter Título, Texto, Corpo e Fonte (LETURIA, 1998), responder às questões básicas de construção da notícia, ou do lide³, e conter elementos de uma narração (BORRÁS e CARITÁ, 2000). O Título deve expressar o conteúdo do quadro; o Texto deve ser explicativo, mas não redundante; o Corpo é a própria informação visual, as imagens, fotos ou figuras acompanhadas por números ou flechas; a Fonte garante a veracidade da informação (LETURIA, 1998). Sojo (2002) argumenta ainda a favor da classificação da infografia enquanto gênero jornalístico em detrimento do posicionamento de alguns autores que a tratam por técnica:

Hemos escuchado decir que el hecho de que la infografía sea utilizada como complemento de la información escrita hace que sea más adecuado catalogarla de técnica que de género. En nuestra opinión, el argumento no tiene validez por varias razones. En primer lugar, formas expresivas, como la caricatura, en muchas ocasiones son utilizadas para ilustrar un texto. Sin embargo, a nadie se le ocurre decir a estas alturas que ella no es un género. Otra cosa es que con frecuencia se le emplee como subgénero o complemento de un mensaje. Todo género supone una forma de tratamiento técnico. Existen, por ejemplo, unas técnicas muy bien definidas para la entrevista, según sus diferentes modalidades, y otras para el reportaje, por sólo citar dos de los más importantes géneros del periodismo. Lejos puede decirse, entonces, que porque haya técnica no hay género (SOJO, 2002).

Exemplos de infografias que têm sentido por si mesmas são as criadas pelo *El Mundo*, na Web (fig.31). O setor de *gráficos interactivos*, chefiado por Alberto Cairo, tem sua produção arquivada desde o ano 2000, dividida em dez temas: *España, Internacional, Economía, Cultura, Sociedad, Motor, Tecnología, Ciencia, Deportes, Salud*.

³ Em entrevista à Luciana Moherdaui, publicada pelo *A Tarde On-line*, em 11/10/2005, Díaz Noci diz que a infografia multimídia pode substituir o lide em alguns casos, como por exemplo, mostrar como ocorreram os atentados em Madri, em 11 de março de 2004.



Figura 31: Infografía sobre el Euro de la sección *gráficos interactivos* de *El Mundo*, em 30.08.2001. Com sentido em si mesma, a publicação explora recursos visuais, como gráficos, tabelas e mapas, para informar sobre a nova moeda

Tanto cada infografía comunica por si mesma, como na seção *gráficos interactivos*, também fazem parte de um complexo infográfico que compõe as reportagens multimídia denominadas *Especiales* (fig.32).



Figura 32: Complejo infográfico sobre la boda real de la sección *Especiales* de *El Mundo*, em 2004

Fernández-Ladreda (2004) considera que a infografia multimídia é um hipertexto em si mesmo que proporciona organização e estrutura aos conteúdos mais que somente acesso à informação. Com o que ele denomina ‘autonomia hipertextual’, o gênero confere uma interface própria para cada informação, permitindo uma apresentação muito mais completa dos conteúdos. As infografias multimídia constituem o melhor exemplo de notícias hipertextuais (FERNÁNDEZ-LADREDA, 2004).

Optamos pela adjetivação multimídia, consoante com alguns autores do campo (LIMA JR, 2004; FERNÁNDEZ-LADREDA, 2004; SALAVERRÍA, 2005), e considerando a potencialidade deste modelo de composição da narrativa webjornalística, que vem desenvolvendo a utilização dos recursos oferecidos pelo meio.

5.2 Estudo tipológico da infografia multimídia

Dois tipos de infografia multimídia podem ser utilizados, o autônomo, que traduz as explicações de Sojo (2002) sobre o gênero que tem sentido por si mesmo; e o complementar, que como a caricatura, pode ser complemento da mensagem, e ainda assim continua caracterizada enquanto gênero jornalístico. Do universo estudado nesta dissertação, apenas no *El Mundo* encontramos o tipo autônomo, que compõe a seção de *gráficos interactivos*. Embora o *New York Times*, o *BBC News*, o *MSNBC*, o *Estado de SP*, o *Portal Estadão*, e o *Jornal do Brasil*, apresentarem seções que reúnem produtos multimídia e interativos, observa-se que estes carecem de contexto. Nestes produtos, o tipo complementar é o recorrente. Na seção de *gráficos interactivos* do *El Mundo*, podemos partir de uma infografia para aprofundar as informações, pois após o acesso a cada uma,

temos as respostas para as questões básicas: *o que?*, *quem?*, *quando?*, *onde?*, *como?* e *por quê?*.

Tabela-resumo 15 – Tipos de infografia multimídia

TIPO		CARACTERÍSTICAS
AUTÔNOMO		Contém todos os elementos de uma notícia sem a necessidade de um texto paralelo. O texto é elemento complementar à narrativa assim como outros códigos audiovisuais, integrados, constituindo uma unidade informativa independente. É a própria notícia.
COMPLEMENTAR	AO TEXTO	Serve como informação complementar à notícia principal apresentada na forma de texto.
	À INFOGRAFIA	Serve como informação complementar à notícia principal apresentada na forma de um infografia autônoma.

O tipo autônomo comprova nossa hipótese de que seja a infografia o gênero jornalístico que se destaca na criação de espaços retóricos mais adequados ao ambiente multilinear, multimidiático e interativo. É a informação pela imagem. Uma característica da infografia multimídia, proporcionada pela atualização contínua (PALACIOS, 2002), é o estado no qual se apresenta, de atualidade ou de memória. No primeiro, no momento de sua publicação, podem faltar informações mais específicas, ou apresentar dados preliminares, já que os fatos ainda podem estar sendo apurados, como no caso do 11 de março de 2004, em Madri (fig.37). Na medida em que se apura a informação, se amplia a infografia: número de mortos, quantos trens colidiram, se houve alguma outra explosão, quem é o culpado, provas, depoimentos, etc... Mas este ainda não é o estado de memória, já que o acontecimento ainda está a explicar-se. A infografia de memória é fechada, podendo ser recuperada como complemento a reportagens, entrevistas, notícias.

Tabela-resumo 16 – Estados de infografia multimídia

ESTADO	CARACTERÍSTICAS
De atualidade	É construída no momento dos acontecimentos.
De memória	É um arquivo. Torna-se arquivo quando deixa de ser de atualidade. É ao mesmo tempo múltiplo, instantâneo e cumulativo (Palacios, 2000), considerando a lógica estruturante do ciberespaço (Machado, 2004).

As categorias de infografias multimídia dividem-se em sequencial, relacional e espacial, que devem ser levadas em consideração a depender do tipo de informação que estará sendo representada. Como aconselha De Pablos (1999:72), nem tudo pode ser infografado. Além de considerar que certos tipos de representação gráfica funcionam para determinados conteúdos, como podemos verificar na tabela abaixo, os casos descritos por De Pablos como propícios ao tratamento infográfico contribuem para o êxito da comunicação⁴.

Tabela-resumo 17 – Categorias de infografia multimídia

CATEGORIA	CARACTERÍSTICAS
Seqüencial	Demonstrar um acontecimento, processo ou fenômeno em seqüência, detalhadamente, necessitando o acompanhamento seqüencial para a compreensão da totalidade.
Relacional	Permitir escolhas que desencadeiem e desenvolvam determinados processos, permitindo compreender as relações entre causa e consequência.
Espacial	Reconstituir o interior de um ambiente, tal como ele é fisicamente, permitindo um ‘passeio virtual’.

⁴ De Pablos (1999:72) aconselha que o jornalista deve utilizar uma infografia quando: não há fotografia ou ela diz pouco ou não abarca a cena; a notícia encontra-se rodeada de mistério; para dar uma explicação mais minuciosa; apresentar uma sinopse; mostrar o interior de um edifício; quando o acontecimento é um assassinato ou acidente; explicar um esporte; informar fenômenos espaciais ou da natureza; destacar detalhes; divulgar fatos culturais; apresentar uma estratégia; aconselhar a população sobre perigos de certas atitudes; comparar dimensões; etc...

5.3 Variáveis na produção de infografias

Rajamanickam (2005) descreve os três grandes desafios da produção de informação gráfica para que tenha êxito: 1) compreender claramente que tipo de informação será comunicada – espacial, cronológico, quantitativo, comparativo, ou a combinação deles; 2) conceber a representação apropriada para a informação de maneira que esta seja um conjunto informativo coerente – coerência significa mais do que a soma de suas partes constitutivas, como gráficos, tabelas, mapas, linhas do tempo, significa integração; 3) escolher o meio apropriado para a publicação da informação gráfica: estático, animado, interativo ou a combinação dos dois últimos. Baseado nestes três desafios, o pesquisador criou uma estrutura de trabalho (*framework*) para a produção de infografias em qualquer suporte (fig.33).

A estrutura considera três variáveis: o tipo de informação, o artifício infográfico, e o método de comunicação. A primeira variável é composta pelos tipos 1) espacial, 2) cronológico e 3) quantitativo. O primeiro abrange informação que descreve posições e relações espaciais em localizações físicas ou conceituais. O segundo engloba informação que descreve posições seqüenciais e relações causais em uma linha do tempo física ou conceitual. O terceiro se refere à informação que descreve escala, proporção, mudança e organização de quantidades no espaço, no tempo ou em ambos. Este é o primeiro passo para construir a informação infográfica.

Passando para um segundo nível, definem-se quais artifícios infográficos comporão o complexo informativo: diagramas, mapas e gráficos. Por diagramas, Rajamanickam (2005) compreende: **ícone**, que mostram visualmente uma realidade simplificada;

seqüência, que mostram a sucessão de eventos, ações e relações causais; **processo**, que mostra passo a passo um processo interativo sobre o tempo e o espaço; **linha do tempo**, que mostra progressão cronológica; **exposição**, que mostra detalhes ou pontos de vista normalmente não permitidos ao olho humano. Por mapas, o autor indica os tipos: **localizador**, que mostra a localização de algo em relação a outra coisa; **dados**, que mostra informação quantitativa em relação a sua posição geográfica; **esquemático**, que mostra uma representação abstrata da geografia, de processos ou de seqüências. E por fim, gráficos englobam os tipos: **fluxo**, que mostram mudanças no tempo; **barra**, mostra comparações entre proporções; **torta**, mostra a distribuição das partes de um conjunto; **organização**, que mostra partes de uma estrutura e as relações entre elas.

O terceiro e último nível da estrutura de trabalho refere-se à infografia propriamente dita e aos métodos de comunicação possíveis para representar a informação: estático, em movimento e interativo. O primeiro tipo é ideal para informação que não pode ser apresentada parcialmente, que necessita ser representada em sua totalidade. Este é o método ideal para representações gráficas em jornais impressos, mapas, folhetos, manuais de produtos e diagramas explicativos. O segundo tipo, em movimento, é ideal para informação apresentada em seqüência linear progressiva. Ideal para a informação que envolva animação e camadas em vídeo. O terceiro tipo, interativo, é o ideal para informação que apresente opções para o usuário. Ideal para produtos na Web que são narrativos, instrutivos, simulatórios ou exploratórios.

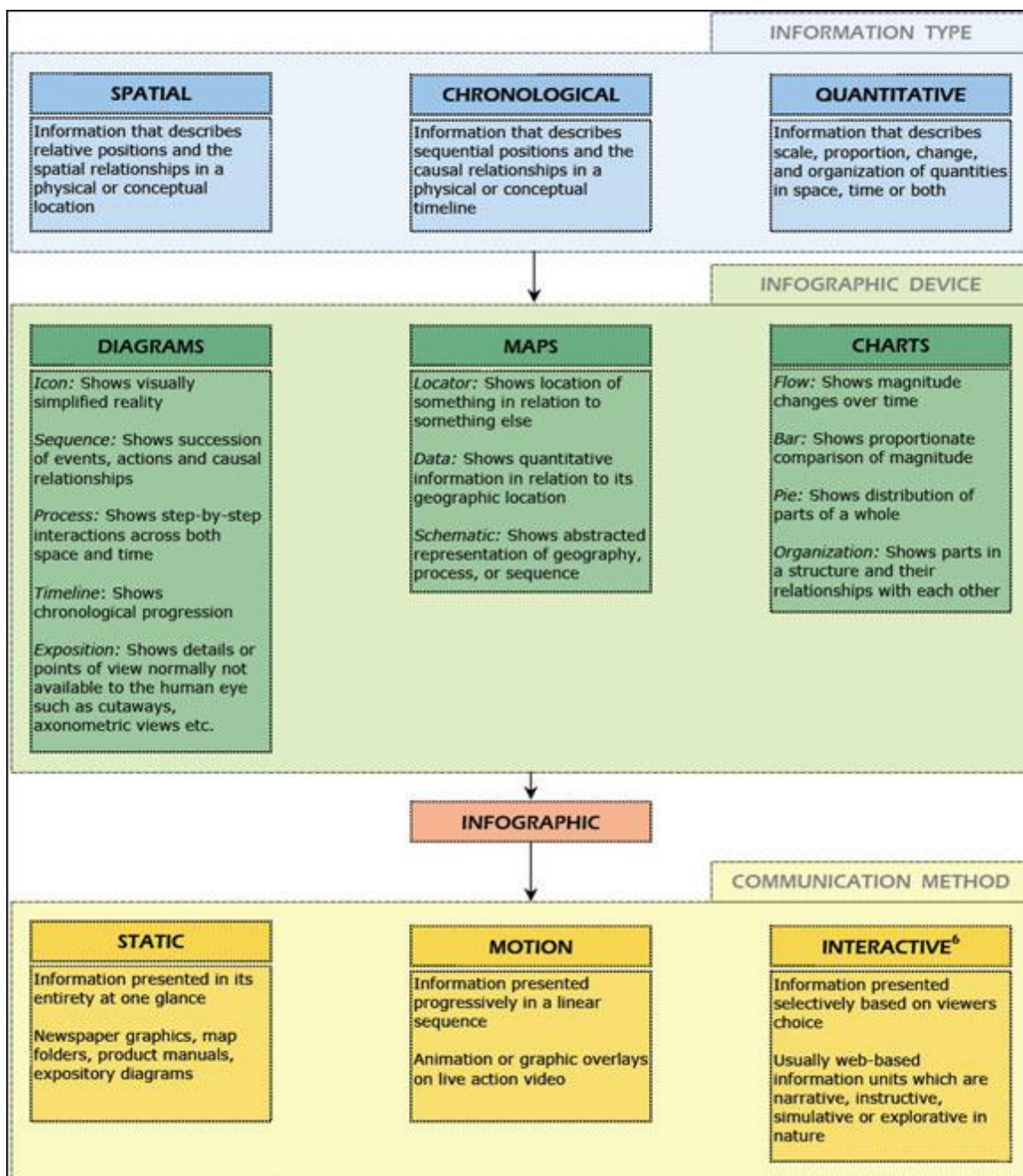


Figura 33: Estrutura de produção de infografia (RAJAMANICKAM, 2005)

Este último tipo confirma a premissa⁵ (RIBAS, 2004) que considera que todas as infografias multimídia webjornalísticas são:

- **Informativas**, já que infografia é primordialmente representação gráfica de informação (PELTZER, 1991; DE PABLOS, 1999);
- **Narrativas**, já que a narração é a maneira através da qual se relata, explica, demonstra, descreve, revela, acontecimentos, fatos ou ações de personagens ou da natureza de forma relevante e noticiável (SANCHO, 2003);
- **Interativas**, em menor ou maior nível, considerando-se a natureza da nova mídia e o princípio da tele-ação (MANOVICH, 2003). “No mundo do design interativo, a ação se torna a razão de ser da informação” (MEADOWS, 2003:196);
- **Simulatórias**, considerando-se que a nova mídia permite ao usuário manipular a realidade através de suas representações (MANOVICH, 2001);
- **Exploratórias**, considerando-se que a exploração é o segundo estágio da interatividade (MEADOWS, 2003).

5.4 Classificação de infografias multimídia

No ciberespaço, a infografia é potencialmente multimídia e agrega as características do meio, apresentando uma estrutura multilinear que integra diferentes formatos, constituindo uma unidade informativa. É um modelo composto de formatação do discurso, que possui elementos próprios. Nossa classificação para a infografia multimídia webjornalísticas, tem por objetivo identificar suas particularidades e potenciais. Associando

⁵ Baseada na classificação de Nichani e Rajamanickam (2003).

Tipo, Estado e Categoria temos como definir a função de cada unidade infográfica, útil para a composição de narrativas diferenciadas, tendo em mente o público para o qual são estruturadas.

Nossa proposta não exclui a possibilidade de que as diferentes categorias façam parte de uma mesma unidade infográfica. Quando ela é do tipo ‘Complementar à Infografia’, pode reunir as diferentes categorias e constituir o tipo ‘Autônomo’. Uma infografia ‘Seqüencial’ pode estar dentro de uma ‘Relacional’ que pode estar dentro de uma ‘Espacial’, ou vice-versa. Se a infografia não é mais ‘de atualidade’, torna-se ‘de memória’ integrada ao espaço modular e podendo ser recuperada instantaneamente, voltando a integrar a narrativa principal e voltando ao estado ‘de atualidade’.

A infografia multimídia adequa-se como modelo específico de composição da informação jornalística na Web, oferecendo ao usuário elementos potencializados pelas características do meio. Com isso, não desconsideramos a importância do texto na Web, mas acreditamos que na conjuntura de uma nova formação cultural, o texto torna-se complementar ao modelo infográfico multimídia, assim como a fotografia, a imagem em movimento, a gravação sonora, a ilustração e os demais códigos comunicativos.

A partir de nossas observações sobre o desenvolvimento do webjornalismo e, neste caso, da infografia webjornalística, empreendemos, como já vimos no terceiro capítulo, uma classificação de modelos de composição para a infografia multimídia que se inicia no Modelo Narrativo Tetraédrico e vai ao Octaédrico com três modelos.

Tabela-resumo 18 – Tipos de infografia na Web

GÊNEROS JORNALÍSTICOS	MODELOS DE COMPOSIÇÃO	MODELOS NARRATIVOS	%
INFOGRAFIA	1. TRANSPOSIÇÃO DO IMPRESSO (IMAGEM ESTÁTICA)	TETRAÉDRICO AO OCTAÉDRICO	35%
	2. INFOGRAFIA ANIMADA SEQUENCIAL	HEXAÉDRICO AO OCTAÉDRICO	48%
	3. INFOGRAFIA MULTIMÍDIA INTEGRADA	HEXAÉDRICO AO OCTAÉDRICO	17%

A imagem estática como uma transposição do impresso é encontrada na Web como complementação a uma notícia ou a uma reportagem, ou ainda a uma entrevista, e até mesmo a uma infografia.

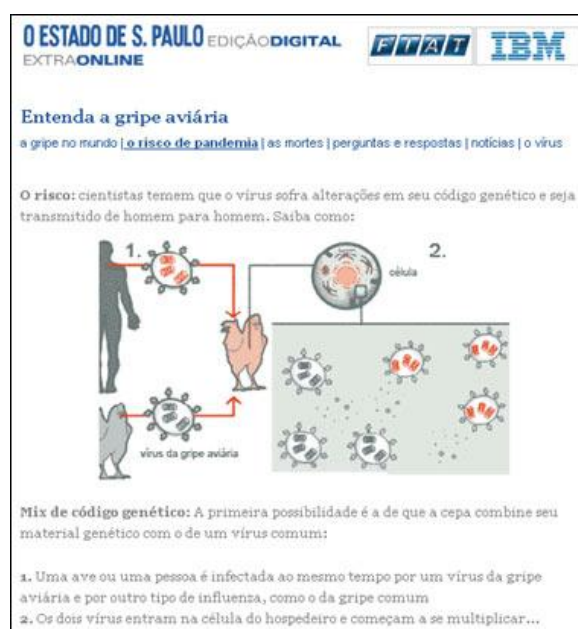


Figura 34: Infografia transposta do impresso em *O Estado de S. Paulo* em 13.11.2005

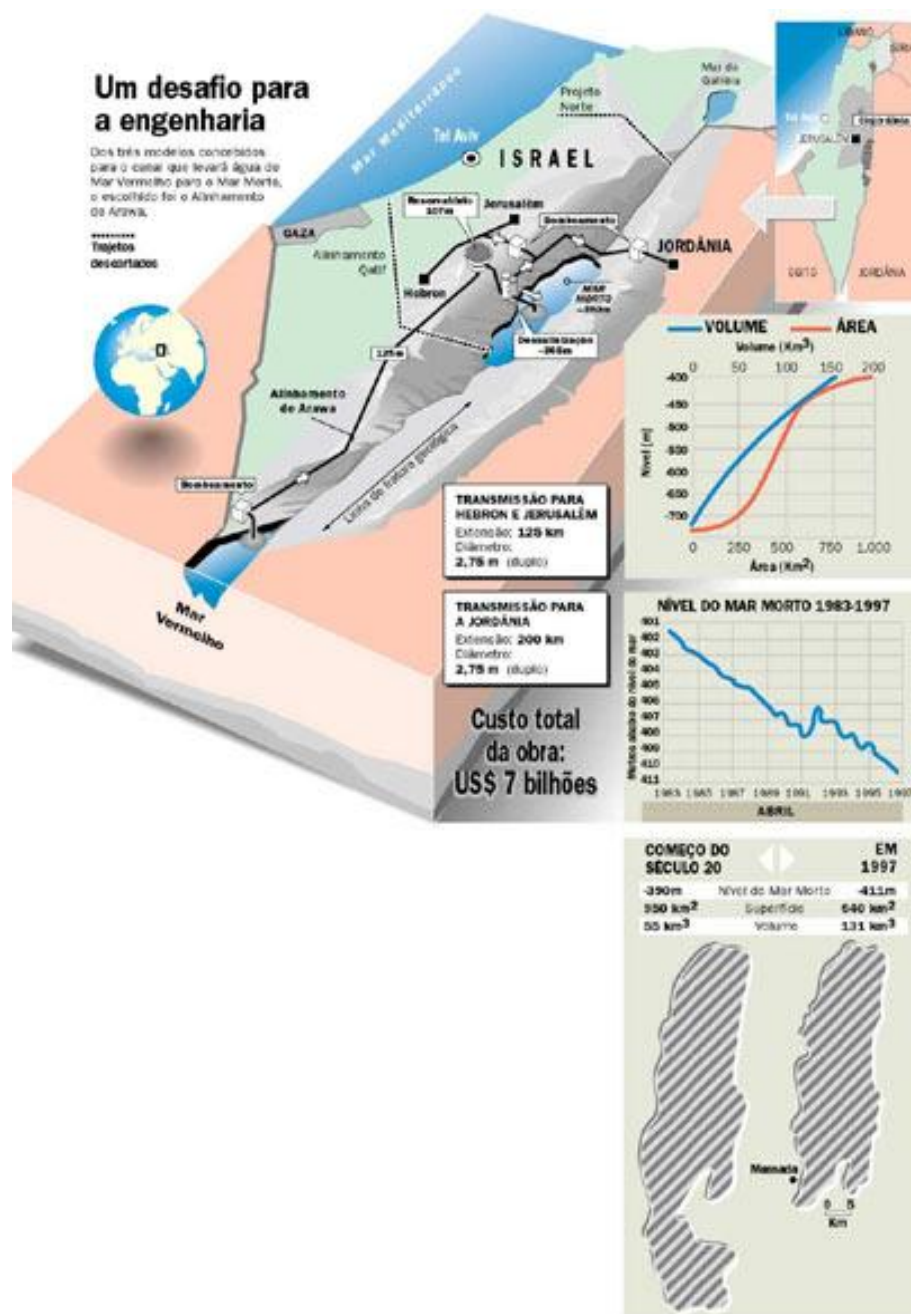


Figura 35: Infografia transposta do impresso publicada no *JB Online* em 05.06.2005

Em um momento posterior, observa-se a utilização da animação de partes do complexo visual que é apresentado seqüencialmente.



Figura 36: Infografía animada seqüencial publicada pelo *El Mundo* em 07.11.2001

Podemos concluir que foi a partir deste momento que se passou a pensar a infografia considerando-se o potencial do meio. O movimento passa a ser o diferencial da infografia na Web.

Chegando ao Modelo Octaédrico, que engloba a produção atual, observa-se a infografia que integra os formatos na narrativa. A infografia multimídia integrada (fig. 37) incorpora um ideal de utilização dos diversos formatos na narração do fato jornalístico e assinala o momento em que pode-se considerar que uma nova retórica emerge. O espaço retórico multilinear, multimidiático e interativo que oferece opções ao usuário e integra o factual e o contextual, podendo ser de atualidade ou de memória.



Figura 37: Infografía multimídia integrada publicada pelo *El Mundo* em 19.03.2004

Se pensamos nas partes do discurso organizadas por Aristóteles (apud Díaz Noci, 2005), *inventio*, *dispositio*, *actio*, *elocutio* e *memoria*, a infografía multimídia integrada reúne os critérios de classificação retórica do que o autor denomina *cibertexto periodístico* com as características: multilinearidade, estruturas hipertextuais, interatividade, recursos multimídia e memória.

Tabela-resumo 18 – Critérios de classificação retórica em DÍAZ NOCI (2005)

Topoi	Partes del discurso
Géneros narrativos	Inventio: Multilinearidad y poliacroasis
Géneros interpretativos	Dispositio: Estructuras hipertextuales
Géneros dialógicos	Actio: Interactividad
Géneros argumentativos	Elocutio: Recursos multimedia
	Memoria

Em realidade, como o autor indica, esta aproximação retórica posiciona-se como ponto de partida para chegar a uma teoria do cibertexto, considerado desde o ponto de vista do autor e do leitor como co-autor e como agente que completa, mediante um processo que, até certo ponto, é também criativo: a produção do significado do texto (DÍAZ NOCI, 2005).

Esta discussão nos serve de repertório para considerar a infografia na Web como gênero que incorpora as características e os processos necessários para um avanço no sentido de uma retórica própria do webjornalismo. Por este fato, destacamos este gênero como o que mais se aproxima de uma adequação da narração jornalística aos ideais de utilização de recursos e de elementos potencializados pelo meio.

O gênero reportagem também se destaca na Web, como discutimos nos capítulos três e quatro. Contudo, destacamos a infografia pelo seu potencial interativo em graus mais elevados que a reportagem. A possibilidade que o usuário tem de contribuir para o significado do texto (DÍAZ NOCI, 2005) faz da infografia multimídia integrada produto que pode se tornar emblemático da prática na Web. O usuário dita o ritmo da narrativa e através do hipertexto faz o acontecimento “acontecer” novamente. No caso da reportagem, a narrativa centrada no áudio contribui para a discussão de uma nova retórica que coloca o texto, até então hegemônico, em uma posição secundária. Esta característica ainda deve ser incorporada pela infografia.

Nas conclusões desta dissertação, traçamos perspectivas para o desenvolvimento do webjornalismo, salientando quais características, que tipos de construção e de recursos são mais adequados para cada gênero jornalístico que compõe o universo analisado neste trabalho.

Conclusões

O contexto deste trabalho é o momento do webjornalismo dez anos após estar no centro das atenções de profissionais e especialistas do campo, em um seminário¹ organizado pelo *Poynter Institute*², que discutia as perspectivas para a produção de notícias na web. Época de previsões e entusiasmo relacionados ao que denominavam promessas da Internet (PAUL, 2005). A prática mal começava a compreender o que seriam os modelos de produção adaptados para o novo meio, e os participantes do seminário já previam que a Internet proporcionaria um jornalismo mais contextualizado; facilitaria a apuração; aproveitaria a vinculação das matérias por links; estimularia a interação de jornalistas e público; e exploraria formas mais expressivas de construção da informação com o uso diferenciado de texto escrito e imagens (PAUL, 2005). De acordo com Nora Paul (2005), uma boa parte das promessas não se cumpriu e o que é publicado nos meios digitais hoje provém da transposição do conteúdo dos meios convencionais.

Nosso trabalho, em continuidade à produção de pesquisadores do campo, apresenta elementos que contribuem com as análises do jornalismo desenvolvido nos meios digitais, mais especificamente na Web, partindo da premissa de que este fenômeno deve ser situado como um complexo de continuidades, rupturas e potencializações, frente ao modelo tradicional da prática jornalística (MORGAINÉ, 1971; SMITH, 1980; KOCH, 1991; BOLTER, 1991; DÍAZ NOCI, 1994; MACHADO e PALACIOS, 1996; FIDLER, 1997;

¹ <http://legacy.poynter.org/dj/Projects/nnp95/nnpabout.htm>

² <http://www.poynter.org/>

PALACIOS, 1999; BOLTER e GRUSIN, 1999; MACHADO, 2000; PAVLIK, 2001; DÍAZ NOCI, 2002; DÍAZ NOCI e SALAVERRÍA, 2003; MACHADO, 2003; MIELNICZUK, 2003; BARBOSA, 2004; PORTO ALEGRE, 2004; SALAVERRÍA, 2005; NOGUEIRA, 2005; BARBOSA *et al*, 2005).

Conduzidos pela questão central deste trabalho – identificar elementos e características da narrativa webjornalística que permitam discutir particularidades de uma retórica adaptada ao ciberespaço –, selecionamos sete publicações que consideramos exemplos de incorporação de recursos³ do meio e de experimentação de modelos diferenciados de composição jornalística no ciberespaço. Cem (100)⁴ unidades de cada gênero jornalístico, quais sejam, notícia, reportagem, entrevista e infografia, das Edições de: *O Estado de S. Paulo*, *Portal Estadão*, *JB Online*, *El Mundo*, *The New York Times*, *MSNBC* e *BBC News*, no período de 1996 a 2005, nos permitiram observar a evolução das formas narrativas no webjornalismo e, baseados nisto, elaboramos uma tipologia de modelos narrativos. Utilizando conceitos da geometria, quais sejam, plano, poligonal, poliédrico e esférico, ilustramos as fases de desenvolvimento do webjornalismo. A classificação oferece uma visão da evolução da prática no ciberespaço, no contexto da narrativa, considerando as peculiaridades da composição dos gêneros jornalísticos: notícia, reportagem, entrevista e infografia, observando também a opinião e os blogs jornalísticos.

³ Necessariamente, não utilizam todos os recursos para o tratamento de toda a informação jornalística, mas vêm explorando, nestes dez anos, modelos diferenciados de composição em algum momento, e, por isso, se destacam na bibliografia especializada mais consolidada.

⁴ Como explicamos na definição da metodologia, os gêneros de opinião não foram incluídos no universo de análise do qual derivou a classificação dos modelos narrativos webjornalísticos.

Buscando incorporar a produção do Grupo de Pesquisa em Jornalismo On-line (GJOL – FACOM/UFBA)⁵, bem como dar continuidade às reflexões acerca das especificidades do objeto conjunto de pesquisa, estudamos a narrativa webjornalística a partir de seus elementos constitutivos:

- 1) A arquitetura da informação (AI), partindo das formulações de Machado (2004c) que complexificam a noção de esquema estrutural de conteúdos (WURMAN, 1962; ROSENFELD e MORVILLE, 1998), dividida em três instâncias, quais sejam, a) mapa, b) integrador de fluxos informacionais e c) integrador de estruturas narrativas multimidiáticas de acordo com os gêneros ou as especificidades do produto.
- 2) As potencialidades hipertextualidade, interatividade, multimidialidade, memória, personalização e instantaneidade, observando de que maneira contribuem para a composição do espaço navegável (MANOVICH, 2001; MACHADO, 2004b).
- 3) As bases de dados enquanto condicionantes das narrativas digitais e as interfaces como objetos culturais (MANOVICH, 2001; FIDALGO, 2003; MACHADO, 2004a,b,c; BARBOSA, 2004a,b,c), redefinindo o conceito de narrativa no ciberespaço.

Observando peculiaridades de gêneros jornalísticos na web, concluimos que, em uma escala, no que tange a composição da informação aproveitando de maneira efetiva as potencialidades do meio, a notícia e a entrevista evoluíram pouco. A reportagem e a infografia são os gêneros que vêm incorporando significativamente os elementos constitutivos do meio na elaboração de modelos narrativos diferenciados, mais adequados

⁵ <http://www.facom.ufba.br/jol>

ao que pode vir a ser uma retórica específica. Os gêneros de opinião ainda não encontraram um formato que se diferencie da prática tradicional.

Ao longo dos capítulos, apresentamos tabelas com classificações para os gêneros jornalísticos analisados nesta dissertação. Como uma forma de visualizar em que nível de desenvolvimento estão os gêneros jornalísticos, uns em relação aos outros, reunimos as tabelas, considerando que, em cada gênero, a escala numérica representa a incorporação do menor pelo maior, cumulativamente. A coluna da direita indica o percentual de recorrência de cada modelo de composição no universo de cem (100) modelos analisados para cada gênero, em cada uma das sete publicações.

Tabela-resumo 19 – Evolução de modelos de composição de gêneros jornalísticos na Web

GÊNEROS JORNALÍSTICOS	MODELOS DE COMPOSIÇÃO	MODELOS NARRATIVOS	%
OPINATIVOS	1. TRANSPOSIÇÃO DO IMPRESSO	PLANO AO OCTAÉDRICO	-
	2. <i>MIX</i> OPINATIVO PRODUTOR-USUÁRIO	TETRAÉDRICO AO OCTAÉDRICO	-
NOTÍCIA	1. TRANSPOSIÇÃO DO IMPRESSO	PLANO AO OCTAÉDRICO	55%
	2. NOTÍCIAS DE ÚLTIMA HORA (OU <i>BREAKING NEWS</i>)	TETRAÉDRICO AO OCTAÉDRICO	30%
	3. NOTÍCIA MULTIMÍDIA DESINTEGRADA	HEXAÉDRICO AO OCTAÉDRICO	15%
ENTREVISTA	1. TRANSPOSIÇÃO DO IMPRESSO	PLANO AO OCTAÉDRICO	78%
	2. VIA BATE-PAPO TEXTUAL	POLIGONAL AO OCTAÉDRICO	12%
	3. VIA BATE-PAPO EM ÁUDIO	TETRAÉDRICO AO OCTAÉDRICO	8%

	4. AUDIOVISUAL TRANSPOSITIVA COM BATE-PAPO TEXTUAL OU AUDIOVISUAL	HEXAÉDRICO AO OCTAÉDRICO	2%
REPORTAGEM	1. TRANSPOSIÇÃO DO IMPRESSO	PLANO AO OCTAÉDRICO	23%
	2. REPORTAGEM COM DOCUMENTAÇÃO DESINTEGRADA	HEXAÉDRICO AO OCTAÉDRICO	39%
	3. REPORTAGEM EM PROFUNDIDADE	HEXAÉDRICO AO OCTAÉDRICO	21%
	4. REPORTAGEM MULTIMÍDIA INTEGRADA	HEXAÉDRICO AO OCTAÉDRICO	17%
INFOGRAFIA	1. TRANSPOSIÇÃO DO IMPRESSO (IMAGEM ESTÁTICA)	TETRAÉDRICO AO OCTAÉDRICO	35%
	2. INFOGRAFIA ANIMADA SEQUENCIAL	HEXAÉDRICO AO OCTAÉDRICO	48%
	3. INFOGRAFIA MULTIMÍDIA INTEGRADA	HEXAÉDRICO AO OCTAÉDRICO	17%

Os últimos modelos de composição de cada gênero são os mais evoluídos do ponto de vista da narrativa. No caso da reportagem e da infografia, a evolução é marcada pela utilização da multimídia de maneira integrada. O parâmetro ‘integração de diferentes formatos’ advém das reflexões de Salaverría em 2001, posteriormente desenvolvidas em 2005, acerca do conceito de mensagem multimídia enquanto integração harmônica de códigos comunicacionais em um produto unitário (SALAVERRÍA, 2001). Como já discutimos, segundo o autor, a multimídia por integração é aquela que não justapõe formatos, mas os articula em um discurso único e coerente (SALAVERRÍA, 2005:59).

Fazendo uma análise comparativa mais geral dos gêneros jornalísticos na Web, observa-se que os modelos de composição mais evoluídos do ponto de vista da narrativa

são os que aparecem em menor número em cada gênero: notícia multimídia desintegrada (15%); entrevista audiovisual transpositiva com bate-papo textual ou audiovisual (2%); reportagem multimídia integrada (17%); infografia multimídia integrada (17%).

Tanto a reportagem multimídia integrada como a infografia multimídia integrada são modelos de composição da informação, que representam, até o momento, expressão mais adequada a uma retórica webjornalística. Nestes dois gêneros, a interatividade pode ser articulada pelo produtor em diversos níveis, possibilitando ao usuário interagir com o sistema, com as bases de dados através da estrutura hipertextual, com outros usuários, com o produtor. A diferença entre a redefinição dos dois gêneros na Web consiste 1) na possibilidade que o usuário tem de contribuir para o significado do texto, ditando o ritmo da narrativa e através do hipertexto fazer o acontecimento “acontecer” novamente, no caso da infografia multimídia, e 2) da narrativa centrada no áudio que acaba com a supremacia do texto escrito, no caso da reportagem multimídia.

No primeiro capítulo desta dissertação, abordamos as estratégias da narrativa na Web para a produção jornalística, delimitando características da reconfiguração da narrativa no ciberespaço.

No segundo capítulo, empreendemos uma classificação de modelos narrativos webjornalísticos, inspirada em Fidalgo (2004), que utilizou conceitos da geometria para ilustrar cinco modelos, quais sejam: Plano, Poligonal, Poliédrico e Esférico.

O terceiro capítulo trouxe a discussão acerca dos elementos para o estudo da narrativa webjornalística multilinear, multimidiática e interativa. Abordou a questão da arquitetura da informação e suas diferentes instâncias; a organização modular da

informação jornalística, as estruturas narrativas da reportagem na Web e as relações entre os níveis de interatividade e a composição da narrativa.

O quarto capítulo desta dissertação apresentou os gêneros jornalísticos em um novo contexto, observando a notícia, a reportagem, a entrevista e a infografia, a opinião e o fenômeno dos blogs jornalísticos.

E por fim, no quinto capítulo, abordamos a infografia multimídia como caso específico, pela sua capacidade de integração de formatos diferenciados de conteúdo e de articulação visual da narrativa. Mais que estes aspectos, nosso interesse no estudo da infografia multimídia de maneira mais aprofundada que os demais, deu-se pela falta de uma definição mais consistente sobre seu conceito, suas funções e propriedades específicas.

Após a conclusão dos capítulos, consideramos que apenas uma de nossas hipóteses não foi confirmada:

- a) Confirmamos que a utilização de conceitos da geometria como metáfora para os modelos narrativos webjornalísticos foi fundamental para compreender como a disposição visual dos elementos na interface e a complexificação em escala crescente da utilização dos recursos para a composição da narrativa evoluiu no tempo, assim como as formas geométricas evoluem do plano à esfera;
- b) Ao discutirmos a questão da narrativa na Web enquanto associação da narrativa tradicional aos elementos, características e princípios do meio, confirmamos que a narrativa na Web configura-se como redefinição da narrativa tradicional em um novo ambiente;

- c) Ao observarmos as características dos gêneros jornalísticos na Web, confirmamos que a reportagem e a infografia são os que mais se destacam no que se refere ao potencial de utilização dos recursos do meio;
- d) Mesmo com a discussão mais aprofundada sobre a infografia multimídia, tratada como caso específico desta dissertação, percebemos que este é um gênero jornalístico que se adaptada bem à lógica imersiva do ciberespaço para a composição da informação webjornalística e oferece modelos diferenciados dos tradicionais. Entretanto, acreditamos que nossa hipótese de que a infografia é o gênero que oferece as melhores soluções de modelos de composição, não se confirmou. A reportagem multimídia integrada, com o fim da supremacia do texto escrito em favor de um novo eixo para a narrativa na Web, como o áudio, consegue integrar os elementos de maneira mais peculiar e promover uma experiência ao usuário diferenciada das possibilitadas pelos meios tradicionais.

Nossos objetivos, tanto o principal como os derivados, foram alcançados, pois:

- a) Identificamos elementos e características da narrativa webjornalística, simples e complexos, nos diferentes momentos do webjornalismo entre 1996 e 2005, que nos permitiram discutir particularidades de uma retórica adaptada ao ciberespaço;
- b) Estes elementos e características descritos foram fundamentais para a compreensão da narrativa e de sua redefinição no ciberespaço associando à tradicional os elementos, características e princípios do meio;

- c) Nossa classificação de modelos narrativos webjornalísticos utilizando como metáfora conceitos da geometria nos permitiu observar e compreender o desenvolvimento dos gêneros jornalísticos na Web, nos diferentes momentos entre 1996 e 2005;
- d) Ao destacarmos a infografia multimídia, compreendemos mais claramente o que pode vir a ser propriamente uma nova estética que, baseada na imagem e na interatividade para a composição do discurso, poderia tornar-se emblemática da prática na Web. Por compreender melhor a sua lógica, pudemos observar que a hipótese de que este é o modelo que oferece os elementos mais próprios de uma retórica webjornalística e é mais adaptado ao ciberespaço, não se confirmou.

O desenvolvimento dos gêneros jornalísticos na Web carece de uma teoria consolidada no que diz respeito a sua adaptação ao novo meio (DÍAZ NOCI, 2005). Buscamos, nesta dissertação, observar suas características redefinidas, assim como os elementos que, vindos das práticas tradicionais, ainda não se adequaram ao espaço dialógico, interativo, multimidiático, multidimensional. Partindo do que podemos considerar o início do webjornalismo (MACHADO e PALACIOS, 1996; PALACIOS, 1999; MACHADO, 2000; SILVA JR, 2000, PALACIOS, 2002; BARBOSA, 2002; MIELNICZUK, 2003; PORTO ALEGRE, 2005; NOGUEIRA, 2005), observamos sua evolução.

Como perspectivas para o jornalismo na Web, a imagem terá função primordial para o desenvolvimento das narrativas, juntamente com o áudio, integrando códigos comunicativos e conduzindo o usuário em sua busca pela informação. O texto ainda terá

seu lugar de destaque com as notícias de última hora (ou *breaking news*), que idealmente ainda representam o modelo mais adequado para este gênero na Web. O formato com o qual o webjornalista tenta se antecipar à televisão na corrida pelo “furo”. A reportagem, em destaque juntamente com a infografia no uso da multimídia por integração, também desempenha função primordial na construção narrativa em profundidade, mesmo que desintegrada do ponto de vista da multimídia. O mérito da reportagem em profundidade está em sua capacidade de permitir que o usuário estabeleça rapidamente relações entre os conteúdos e observe, mesmo que de início superficialmente, um panorama do acontecimento. Por sua vez, a reportagem multimídia contribui para a mudança no eixo da narrativa webjornalística, que utiliza o áudio como elemento central. Pode tornar-se tão emblemática da prática na Web quanto poderá a infografia multimídia.

A redefinição do gênero entrevista na Web aponta para o uso efetivo de recursos audiovisuais e da simultaneidade da participação do entrevistador e do usuário na composição da narrativa. O modelo ainda apresenta-se como uma transposição dos meios audiovisuais para a web, associando recursos como a hipertextualidade para oferecer contexto e o *chat* em texto ou áudio para promover a interação com o usuário.

Os gêneros opinativos carecem de um modelo que os diferencie dos demais, na redefinição de sua forma na Web. A possibilidade do *mix* opinativo produtor-usuário ressalta a participação deste último na composição da argumentação, porém ainda apresenta-se como no impresso, no que se refere ao texto escrito que conduz a narrativa. Mesmo os blogs não encontraram seu lugar entre os formatos que aproveitam as potencialidades do meio para a composição do discurso.

Neste contexto de experimentação e redefinição dos gêneros jornalísticos, a busca por elementos e características que diferenciem a prática na Web da prática nos meios convencionais impulsionou nossa pesquisa. Reunidos os aspectos que indicam um potencial para uma discussão mais aprofundada, e que envolva elementos retóricos melhor detalhados, esperamos ter contribuído para futuras reflexões acerca do desenvolvimento de uma teoria estética do webjornalismo.

Referências Bibliográficas

- AARSETH, Espen J. **Cybertext – Perspectives on Ergodic Literature**. London: The Johns Hopkins University Press, 1997.
- AGNER, Luiz; MORAES, Anamaria. Navegação e Arquitetura de Informação na Web: a Perspectiva do Usuário. **Boletim Técnico do Senac**, vol. 29, nº 1, Jan/Abr, 2003. <<http://www.senac.br/informativo/BTS/index.asp>> (17.09.2005)
- ALIAGA, Ramón Salaverría; DÍAZ NOCI, Javier. **Manual de Reddación Ciberperiodística**. Barcelona: Ariel, 2003.
- ALONSO, Jaime; MARTÍNEZ, Lourdes. Medios interactivos: caracterización y contenidos. In: ALIAGA, Ramón Salaverría; DÍAZ NOCI, Javier. **Manual de Reddación Ciberperiodística**. Barcelona: Ariel, 2003.
- ARAÚJO, Artur Vasconcellos. **A notícia que é notícia: o blog jornalístico**. <http://www.pucsp.br/pos/cos/cps/arquivo/arqs/PDF/colo2004/Ar_Vas.pdf> (10.10.05)
- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1992. (do original de 1953)
- BAKHTIN, Mikhail; VOLOCHINOV, Valentin Nikolaevich. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1979. (do original de 1929)
- BARBOSA, Suzana; MACHADO, Elias; PALACIOS, Marcos. Além das Profecias: uma crítica a Nora Paul. In: **Anais III Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo – SBPJor**, UFSC, Florianópolis, novembro/2005.
- BARBOSA, Suzana. O Banco de Dados como metáfora no Jornalismo digital. In: **Anais do VII Lusocom**. Covilhã/Portugal. Abril de 2004c.

- BARBOSA, Suzana. Identificando Remediações e Rupturas no Uso de Bancos de Dados no Jornalismo Digital. In: **CD-ROM II Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo** – SBPJor, FACOM/UFBA, Salvador/Bahia, 2004b.
- BARBOSA, Suzana. Bancos de Dados: Agentes para um Webjornalismo Inteligente? In: **CD-ROM V Congresso Iberoamericano de Periodismo en Internet**, FACOM/UFBA, Salvador/Bahia, 2004a.
- BARBOSA, Suzana. **Jornalismo digital e a informação de proximidade: o caso dos portais regionais, com estudo sobre o UAI e o iBAHIA** (dissertação de mestrado). Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas, FACOM/UFBA, Salvador/Bahia, 2002.
- BARDOEL, Jo; DEUZE, Mark. **Network Journalism**. 1999. <<http://home.pscw.uva.nl/deuze/publ9.htm>> (10.10.05).
- BELTRÃO, Luiz. **Jornalismo Opinativo**. Porto Alegre: Sulina, 1980.
- BOLTER, Jay David; GROMALA, Diane. **Windows and Mirrors – Interaction Design, Digital Art, and The Myth of Transparency**. Cambridge: The MIT Press, 2003.
- BOLTER, Jay David; GRUSIN, Richard. **Remediation: Understanding new media**. Quinta Edição do original de 1999. Cambridge: The MIT Press, 2002.
- BOLTER, Jay David. **Writing Space: The Computer, Hypertext, and the History of Writing**. New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, 1991.
- BORRÁS, Leticia; CARITÁ, María Aurelia. Infototal, inforrelato e infopincel. Nuevas categorías que caracterizan la infografía como estructura informativa. In: **Revista Latina de Comunicación Social**. Número 35. Noviembre de 2000 [extra "La comunicación social en Argentina"], La Laguna (Tenerife). <<http://www.ull.es/publicaciones/latina/argentina2000/17borras.htm>> (15.09.2005).
- BRIGGS, Asa; BURKE, Peter. **A Social History of the Media: From Gutenberg to the Internet**. London: Polity, 2002.
- CÁNOVAS, Joan Francesc. Los géneros argumentativos. In: ALIAGA, Ramón Salaverría; DÍAZ NOCI, Javier. **Manual de Reddación Ciberperiodística**. Barcelona: Ariel, 2003.

- CARLSON, David. The History of Online Journalism. In: KAWAMOTO, Kevin. **Digital Journalism – Emerging Media and the Changing Horizons of Journalism**. Lanham: Rowman & Littlefield Publishers, 2003.
- CARVALHO, Paulo Cezar Pinto. **Introdução à Geometria Espacial**. Coleção do Professor de Matemática, N° 10. Rio de Janeiro: Sociedade Brasileira de Matemática, 1993.
- COLLE, Raymond. **Explotar la información noticiosa: data mining aplicado a la documentación periodística**. Universidad Complutense de Madrid: Madrid, 2002.
- COLORADO, Borja Navarro. Aspectos retórico-comunicativos del desarrollo de sitios web. **Society for the History of Rhetoric XIV Biennial Conference**. Madrid e Calahorra, 2003, <<http://www.dlsi.ua.es/%7Eborja/isshr03.pdf>> (08.08.2005).
- DE PABLOS, José Manuel. **Infoperiodismo. El Periodista como Creador de Infografía**. Madrid, Editorial Síntesis, 1999.
- DE PABLOS, José Manuel. Siempre ha habido infografía. In: **Revista Latina de Comunicación Social**. Número 5. Mayo de 1998. La Laguna. Tenerife. <<http://www.ull.es/publicaciones/latina/a/88depablos.htm>> (15.09.2005).
- DE PABLOS, José Manuel. Infoperiodismo, paradigma de periodismo visual impresso. **Estudios de Periodismo**, nº 1, revista de la Facultad de Ciencias de la Información de la Universidad de la Laguna, 1992.
- DE WOLK, Roland. **Introduction to Online Journalism: Publishing news and information**. Boston: Allyn and Bacon, 2001.
- DEUZE, Mark. What is Multimedia Journalism?. In: **Journalism Studies**, vol. 5, nº. 2, pp. 139-52, 2004.
- DÍAZ NOCI, Javier. Los géneros ciberperiodísticos: una aproximación teórica a los cibertextos, sus elementos e su tipología. In: GARCÍA, Xosé López; OTERO, María Luiza; FARIÑA, José Pereira; MARIÑO, Manuel Gago; FERNANDEZ, Moisés Limia. **Tendencias en el ciberperiodismo iberoamericano: Ponencias do Congreso Iberoamericano de Xornalismo Dixital**, Santiago de Compostela, 29-30 de noviembre 2004. Santiago de Compostela: Cursos e congresos, 2005.

- DÍAZ NOCI, Javier; SALAVERRÍA, Ramón. Hipertexto periodístico: teoría y modelos. In: ALIAGA, Ramón Salaverría; DÍAZ NOCI, Javier. **Manual de Reddación Ciberperiodística**. Barcelona: Ariel, 2003.
- DÍAZ NOCI, Javier. **La escritura digital – Hipertexto y construcción del discurso informativo en el periodismo electrónico**. Bilbao: Universidad del País Vasco, 2002.
- DÍAZ NOCI, Javier. El nuevo periódico electrónico: redefinición del mensaje tradicional como producto interactivo y multimedia, **IX Jornadas internacionales de ciencias de la información**, Pamplona, Universidad de Navarra, 1994. <<http://www.ehu.es/diaz-noci/Conf/C2.pdf>> (Acesso em: 07/10/2005).
- DOLCE, Osvaldo; POMPEO, José Nicolau. **Geometria Espacial**. 5ª ed., Coleção Fundamentos da Matemática Elementar, Vol. 10. São Paulo: Atual, 1993.
- ERREA, Javier. El futuro de la infografía después de la guerra. **Mediaccionline**, Universidad de Navarra, enero/2004. <<http://www.mediaccion.com>> (11.09.2005).
- EVES, Howard. **Introdução à História de Matemática**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1995.
- FERNÁNDEZ-LADREDA, Rafael Cores. Infográficos multimedia: el mejor ejemplo de noticias hipertextuales. In: **Mediaccionline**. Mayo de 2004. <<http://www.mediaccion.com/mediaccionline/temas/periodigital/object.php?o=162>> (09.06.2005).
- FIDALGO, António. Do Poliedro à Esfera: Os Campos de Classificação, A Resolução Semântica no Jornalismo Online. In: **CD-ROM II Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo – SBPJor**, FACOM/UFBA, Salvador/Bahia, 2004.
- FIDALGO, António. Sintaxe e semântica das notícias on-line. Para um jornalismo assente em Bases de dados. In: André Lemos et al, **Mídia.br. Livro da XII Compós**, 2003.
- FLEMING, Jennifer. **Web Navigation: Designing the User Experience**. Cambridge: O'Reilly, 1998.

- GARCÍA, Guillermo López. Géneros interpretativos: el reportaje y la crónica. In: ALIAGA, Ramón Salaverría; DÍAZ NOCI, Javier. **Manual de Reddación Ciberperiodística**. Barcelona: Ariel, 2003.
- GARCÍA, Xosé López. Retórica del hipertexto periodístico. In: ALIAGA, Ramón Salaverría; DÍAZ NOCI, Javier. **Manual de Reddación Ciberperiodística**. Barcelona: Ariel, 2003.
- GARRET, Jesse James. **The Elements of User Experience: User Center Design for The Web**. London: New Riders, 2003.
- GENRO FILHO, Adelmo. **O segredo da pirâmide - para uma teoria marxista do jornalismo**. Porto Alegre: Tchê, 1987.
- GILLMOR, Dan. **We The Media: Grassroots Journalism by the People, for the People**. Cambridge: O'Reilly, 2004.
- GÓMEZ, Jerónimo Alayón. Retórica y Discurso Hipertextual: Del trovador oral al trovador hipermedial. Notas para un estudio. **II Congreso Online OCS, GT-24 Retórica y comunicación persuasiva en la sociedad digital**, 2004. <<http://www.cibersociedad.net>> (08.08.2005).
- JIMÉNEZ GUERRERO, L; HUERTA, F. Periódicos online. In: **Libro blanco de la prensa diaria**. Madrid: AEDE, 2002.
- KAWAMOTO, Kevin. **Digital Journalism – Emerging Media and the Changing Horizons of Journalism**. Lanham: Rowman & Littlefield Publishers, 2003.
- LANDOW, George P. **Hypertext 2.0 – The Convergence of Contemporary Critical Theory and Technology**. Edição revisada e ampliada do original de 1992. Maryland: The Johns Hopkins University Press, 1997.
- LEMOS, André. **Anjos interativos e retribalização do mundo. Sobre interatividade e interfaces digitais**. 1997. <<http://www.facom.ufba.br/pesq/cyber/lemos/interac.html>> (14.04.2005).
- LETURIA, Elio. ¿Qué es infografía?. In: **Revista Latina de Comunicación Social**. Abril de 1998. Número 4. La Laguna. Tenerife. <<http://www.ull.es/publicaciones/latina/z8/r4el.htm>> (20.08.2004).

- LÓPEZ, Xosé; GAGO, Manuel; PEREIRA, Xosé. Arquitectura y Organización de la Información. In: ALIAGA, Ramón Salaverría; DÍAZ NOCI, Javier. **Manual de Reddación Ciberperiodística**. Barcelona: Ariel, 2003.
- MACHADO, Elias; PALACIOS, Marcos. Um modelo híbrido de pesquisa: a metodologia aplicada pelo GJOL. Artigo inédito a ser publicado In: **Metodologias de Pesquisa em Jornalismo**, organizado pelas coordenadoras do GT de Jornalismo da Compós, Márcia Benetti Machado e Cláudia Lago. No prelo. 2005.
- MACHADO, Elias. **Disciplina Media e Cibercultura: Modelos de narrativa multimídia: elementos para a elaboração de produtos jornalísticos no ciberespaço**. Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Contemporânea. FACOM/UFBA, jun-dez 2004c. Apontamentos.
- MACHADO, Elias. O Banco de Dados como Espaço de Composição de Narrativas Multimídia. In: **CD-ROM II Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo – SBPJor**, FACOM/UFBA, Salvador/Bahia, 2004b.
- MACHADO, Elias. O Banco de Dados como Formato no Jornalismo Digital. In: **CD-ROM do VI Lusocom**. Covilhã/Portugal. Abril de 2004a.
- MACHADO, Elias; PALACIOS, Marcos. **Modelos de Jornalismo Digital**. Salvador, Calandra, 2003.
- MACHADO, Elias. **La Estructura de la Noticia en las Redes Digitales: un estudio de las consecuencias de las metamorfosis tecnológicas en el periodismo**. Tese Doutoral em Comunicação – Universidad Autónoma de Barcelona, Barcelona, 2000.
- MACHADO, Elias; PALACIOS, Marcos. **Manual de Jornalismo na Internet**. Salvador: FACOM/UFBA, 1996. <<http://www.facom.ufba.br/jol>> (08.07.2005)
- MACHADO, Irene. Digitalização. Linguagem. Discurso. As Mediações Dialógicas Possíveis. **Lumina**. Juiz de Fora: Facom/UFJF, v.4, n.2, p. 19-48, jul./dez 2001
- MACHADO, Irene; PEREIRA, Mirna Feitoza. *Design da Comunicação no Jornalismo de Guerra*. **Semiosfera, Revista de Comunicação e Cultura**, Ano 4, N° 7, Dezembro de 2004. Disponível em: <http://www.eco.ufrj.br/semiosfera/>

- MANOVICH, Lev. **The Language of New Media**. Cambridge: The MIT Press, 2001.
- MARCUCHI, Luiz Antônio; XAVIER, Antônio Carlos. **Hipertexto e Gêneros Digitais: Novas formas de construção de sentido**. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 2005.
- MARQUES DE MELO, José. **A opinião no jornalismo brasileiro**. Petrópolis: Vozes, 1985.
- MAYORDOMO, Tomás Albaladejo. La comunicación retórica en los sitios web. **II Congreso Online OCS, GT-24 Retórica y comunicación persuasiva en la sociedad digital**, 2004. <<http://www.cibersociedad.net>> (08.08.2005).
- MCLUHAN, Marshall. **Understanding Media – The Extensions of Man**. New York: McGraw Hill, 1964.
- MEADOWS, Mark Stephen. **Pause & Effect. The art of interactive narrative**. Indiana: New Riders, 2003.
- MIELNICZUK, Luciana. Interatividade no jornalismo online: o caso do NetEstado. **XXII Congresso da Intercom**, 1999. <http://www.facom.ufba.br/jol/pdf/1999_mielniczuk_netestado.pdf> (06.05.2005)
- MIELNICZUK, Luciana. Interatividade como dispositivo do jornalismo online. In: GOMES, I.M; MIELNICZUK, L; et alli. **Temas em Comunicação e Cultura Contemporâneas II**. Salvador: Facom/UFBA, 2000.
- MIELNICZUK, Luciana. Considerações sobre interatividade no contexto das novas mídias. In: LEMOS, A; PALACIOS, M. **Janelas do Ciberespaço**. Porto Alegre: Sulina, 2001.
- MIELNICZUK, Luciana. **Jornalismo na Web: uma contribuição para o estudo do formato da notícia na escrita hipertextual**. Tese de Doutorado. FACOM/UFBA, 2003.
- MOHERDAUI, Luciana. Pesquisador diz que infografia multimídia pode substituir o lead. Entrevista concedida por Javier Díaz Noci, publicada por **A Tarde On-line**. Salvador, Bahia, 11/10/2005. <<http://www.atarde.com.br>> (12.10.2005)

- MOHERDAUI, Luciana. **O Usuário de Notícias no Jornalismo Digital: um estudo sobre a função do sujeito no Último Segundo e no A Tarde Online**. Dissertação de Mestrado. FACOM/UFBA, 2005.
- MOHERDAUI, Luciana. **Guia de Estilo Web – Produção e Edição de Notícias On-line**. São Paulo: Senac, 2000.
- MORAES, Ary. **Infografia: O design da notícia**. Dissertação de Mestrado em Design. Rio de Janeiro: PUC-RJ, 1998.
- MORGAINÉ, Daniel. **Dix ans pour survivre (Un quotidien gran public en 1980)**. Paris: Hachette, 1971.
- MURRAY, Janet. **Hamlet on the Holodeck. The Future of Narrative in Cyberspace**. New York: The MIT Press, 1997.
- NICHANI, Maish; RAJAMANICKAM, Venkat. **Visual Interactive Explainers – a simple classification**. Post: 01.09.2003. <<http://www.elearningpost.com/features/archives/002102.asp>> (22.06.2005)
- NIELSEN, Jakob. **Designing Web Usability: The Practice of Simplicity**. New Riders Press, 1999.
- NOGUEIRA, Leila. **O webjornalismo audiovisual: uma análise de notícias no UOL News e na TV UERJ Online**. Dissertação de Mestrado. FACOM/UFBA, 2005.
- NORMAN, Jeremy M. **From Gutenberg to the Internet**. Novato: historyofscience.com, 2005.
- OLIVEIRA, Rosa Meire Carvalho de. **Diários Públicos, Mundos Privados: Diário Íntimo como gênero discursivo e suas transformações na contemporaneidade**. Dissertação de mestrado, Faculdade de Comunicação, Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2001.
- PALACIOS, Marcos. Ruptura, continuidade e potencialização no jornalismo on-line: o lugar da memória. In: MACHADO, Elias e PALACIOS, Marcos. **Modelos de Jornalismo Digital**. Salvador, Calandra, 2003.

- PALACIOS, Marcos; MIELNICZUK, Luciana; BARBOSA, Suzana; RIBAS, Beatriz; NARITA, Sandra. Um mapeamento de características e tendências no jornalismo *online* brasileiro e português. In: **Anais XXV Intercom**. Salvador, 2002b.
- PALACIOS, Marcos. **Jornalismo Online, Informação e Memória: Apontamentos para debate**. <http://www.facom.ufba.br/jol/doc/covilha_palacios.doc> (15.07.2002a).
- PALACIOS, Marcos. No devido lugar. Artigo, **Correio Braziliense**, 16.09.2001. <http://www2.correioweb.com.br/cw/2001-09-16/mat_12769.htm> (18.09.2005).
- PALACIOS, Marcos. **O que há de (realmente) novo no Jornalismo Online?** Conferência proferida por ocasião do concurso público para Professor Titular na FCOM/UFBA, 21.09.1999b.
- PALACIOS, Marcos. **Hipertexto, Fechamento e o uso do conceito de não-linearidade discursiva**. <http://www.facom.ufba.br/jol/pdf/1999_palacios_hipertexto_naolinearidade.pdf>, 1999a. (20.09.2005).
- PAUL, Nora. **‘New News’ retrospective: Is online news reaching its potential?** <<http://www.ojr.org/ojr/stories/050324paul>> (20.04.2005).
- PAVLIK, John V. **Journalism and new media**. New York, Columbia University Press, 2001.
- PELTZER, Gonzalo. **Periodismo Iconografico**. Ediciones Rialp, Madrid, 1991.
- PORTO ALEGRE, Raquel. **O radiojornalismo nas redes digitais: Um estudo sobre emissoras no ciberespaço**. Dissertação de Mestrado: FCOM/UFBA, 2004.
- PRIMO, Alex Fernando Teixeira; CASSOL, Márcio Borges Fortes. **Explorando o conceito de interatividade: definições e taxonomias**. 1999. <<http://www.psico.ufrgs.br/%7Eaprimo/pb/pgie.htm>> (19.09.2005).
- QUADROS, Claudia Irene de; ROSA, Ana Paula da; VIEIRA, Josiany. Blogs e as transformações do Jornalismo. **e-Compós**. Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação, agosto/2005.

<http://www.assimcomunicacao.com.br/revista/documentos/agosto2005_quadrosrosa_vieira.pdf> (24.09.2005).

QUINN, Stephen. Convergence's Fundamental Question. In: **Journalism Studies**, vol 6, n° 1, pp. 15-28, 2005.

RAJAMANICKAM, Venkatesh. Infographics Seminar Handout. **Seminars on Infographic Design, National Institute of Design**, Ahmedabad, and the Industrial Design Centre, Indian Institute of Technology, Bombay, 2005. In: <<http://www.albertocairo.com/infografia/noticias/2005/venkatesh.html>> (20.10.2005)

RAMOS, Daniela Osvald. A mídia de um homem só: aspectos da utilização de weblogs no Jornalismo Digital. Artigo parte da pesquisa **A mídia de um homem só: estratégias de comunicação dos blogs jornalísticos, críticos e pessoais**, set/2003. <<http://njmt.incubadora.fapesp.br/portal/publi/danielao/midia-de-um-homem-so.pdf>> (08.10.2005).

RECUERO, Raquel da Cunha. **Weblogs, Webrings e Comunidades Virtuais**. 2003, <<http://www.pontomidia.com.br/raquel/webrings.pdf>> (08.10.2005).

RYAN, Marie-Laure. **Narrative as Virtual Reality. Immersion and interactivity in literature and electronic media**. The John Hopkins University Press. Baltimore. 2001.

SALAVERRÍA, Ramón. Aproximación al concepto de multimedia desde los planos comunicativo e instrumental. In: **Estudios sobre el mensaje periodístico**, Departamento de Periodismo I de la Facultad de Ciencias de la Información de la Universidad Complutense de Madrid, 2001. <http://www.ucm.es/info/periodoI/Period_I/EMP/Numer_07/7-5-Inve/7-5-13.htm> (10.08.2005).

SALAVERRÍA, Ramón. **Redacción Periodística en Internet**. Pamplona: EUNSA, 2005.

SANCHO, José Luis Valero. El relato en la infografía digital. In: ALIAGA, Ramón Salaverría; DÍAZ NOCI, Javier. **Manual de Redacción Ciberperiodística**. Barcelona: Ariel, 2003.

SANCHO, José Luis Valero. **La Infografía: Técnicas, Análisis y Usos Periodísticos**. Barcelona: Universitat Autònoma de Barcelona, 2001.

- SANCHO, José Luis Valero. La infografía de prensa. In: **Revista Latina de Comunicación Social**, nº 30, junio de 2000, La Laguna (Tenerife), <<http://www.ull.es/publicaciones/latina/aa2000qjin/99valero.htm>> (15.09.2005).
- SCHROEDER, Roland. Interactive Info Graphics in Europe – added value to online mass media: a preliminary survey. In: **Journalism Studies**, Routledge, vol. 5, nº 4, 2004, pp. 563–570.
- SCHWINGEL, Carla. A arquitetura da informação e o sistema de publicação do Independent Media Center. In: **Anais do V Congresso Iberoamericano de Periodismo en Internet**. Salvador: FACOM/UFBA, 2004.
- SCOLARI, Carlos. **Hacer Clic. Hacia una sociosemiótica de las interacciones digitales**. Barcelona: Gedisa Editorial, 2004.
- SERRA, Joseph María. La irrupción del infografismo en España. In: **Revista Latina de Comunicación Social**. Número 11. Noviembre de 1998. La Laguna. Tenerife. <<http://www.ull.es/publicaciones/latina/a/10ainfo9.htm>> (20.08.2005)
- SHEDROFF, Nathan. **Information Interaction Design: A Unified Field Theory of Design**. <<http://www.nathan.com/thoughts/unified>> (14.07.2005).
- SILVA JR, José Afonso da. **Jornalismo 1.2: características e usos da hipermídia no jornalismo, com estudo de caso do grupo Estado de São Paulo**. Dissertação de Mestrado: FACOM/UFBA, 2000.
- SMITH, Anthony. **Goodbye Gutenberg: The Newspaper Revolution of the 1980s**. New York: Oxford University Press, 1980.
- SOJO, Carlos Abreu. Periodismo Iconográfico. ¿Es la infografía un género periodístico? In: **Revista Latina de Comunicación Social**, número 51, junio-septiembre de 2002, La Laguna (Tenerife). <<http://www.ull.es/publicaciones/latina/2002abreujunio5101.htm>> (16.06.2004).
- STOVALL, James Glen. **Infographics: a journalist's guide**. Massachusetts: Allyn and Bacon, 1997.
- VERÓN, Eliseo. **La semiosis social**. Buenos Aires: Gedisa, 1987.

YIN, Robert K. **Estudo de caso. Planejamento e métodos**. Tradução Daniel Grassi. 3ª ed. Porto Alegre: Bookman, 2005.

ZAMORRA, Lizy Navarro. Los géneros y los periodistas en la convergencia digital. **Pauta Geral, Revista de Jornalismo**, Editora Calandra, Ano 10, n°5, 2003.

elmundo.es BÚSQUEDAS En Internet

69 segundos Edición impresa Opinión Callejero Servicios Gráficos **Charlas** Tienda Juegos Loterías Clasificados

DAVID CUMPLE 500 AÑOS

2004
8 de septiembre. David cumple 500 años, desde su exposición pública.

Foto: Galleria dell'Accademia/A. Quattrone

Pulse [aquí](#) para ver un modelo en 360°

Gráfico: David Alameda | elmundo.es || Fuentes: Galleria dell'Accademia, The Digital Michelangelo Project

David Cumple 500 Años, El Mundo

LOS PERSONAJES PRINCIPALES

George Lucas: 'La venganza de los Sith' es la historia de cómo Anakin Skywalker se convierte en Darth Vader, de cómo una buena persona se vuelve mala".

<p>Padmé Amidala Raza: humana Presente en el episodio: I II III IV V VI</p>	 <p>A central image on a red background showing two characters. On the left is Padmé Amidala in her brown dress, and on the right is Darth Vader in his black armor, holding a glowing blue lightsaber. A small red icon of a hand cursor is positioned between them.</p>	<p>Anakin Skywalker / Darth Vader Raza: humano Presente en el episodio: I II III IV V VI</p>
--	---	---

Pulse sobre las imágenes

play >

Información: Olalla Cemuda | Programación: Juan Jesús Gómez y Xaquín G. V. | Gráfico: Miguel / elmundo.es | e-mail

El Nacimiento de Darth Vader, El Mundo

The image is a screenshot of the El Mundo website from March 29, 2004. The page features a blue header with the 'el mundo.es' logo and a search bar. Below the header, there are navigation links for 'Edición impresa', 'Cartelera', 'Callejero', 'Servicios', 'Gráficos', 'Charles', 'Tienda', 'Juegos', 'Loterías', and 'Clasificados'. The main content area is titled 'gráficos interactivos' and features a large graphic titled 'El año de Einstein'. The graphic is a collage of images related to Albert Einstein, including his face, a portrait, and a close-up of his eyes. Text on the graphic includes 'Reportaje con AUDIO Conecta sus ALTAVOCES', 'Calidad alta (ADSL/CABLE)', and 'Calidad media (MODEM)'. A sidebar on the left contains various menu items such as 'FOTOGRAFIA', 'Fotos del día', 'Gente', 'Vídeos', 'Ya.com ADSL 2Mb + Llamadas 29 95', 'ÚLTIMA HORA', and 'SERVICIOS'. The footer of the graphic lists the author 'Guión/Gráfico: Alberto Cairo / Asesoramiento: C. Pérez-Castejón, Germán Gómez' and the audio producer 'Audio: Joaquín García (El Mundo TV) / Locución: Gemma Santos'.

Gráfico interactivo do *El Mundo* publicado em 29.03.2004

Anexo 2

BBC HOMEPAGE | WORLD SERVICE | EDUCATION low graphics version | feedback | help

BBC News Online

You are in: In Depth: Concorde crash

Front Page
World
UK
UK Politics
Business
Sci/Tech
Health
Education
Entertainment
Talking Point
In Depth
AudioVideo
BBC SPORT >>

The Concorde crash
Wednesday, 27 September, 2000, 23:44 GMT 00:44 UK

LATEST NEWS

 **US airline sued over Concorde crash**
Air France sues Continental Airlines, alleging that metal debris from one of its planes caused the Concorde crash which killed 113 people.
audio video

- Concorde lands safely
- Questions over Concorde runway
- Q&A: Concorde crash
- Concorde's final moments revealed
- BA Concorde flights suspended
- Fresh clue to Concorde crash
- Concorde flight ban remains
- Concorde theory put to test

THE INVESTIGATION

 **Concorde: What went wrong?**
The preliminary report on the 25 July crash of Air France Concorde flight 4590 focused on a burst tyre, but left key questions still to be answered.

- Transcript: The crew's last words
- US points to Concorde 'tyre problems'
- Flashback: 'My Concorde tyre drama'

THE CRASH

 **Countdown to catastrophe**
Investigators reveal dramatic details of the final moments before the crash.

- Witnesses describe Concorde 'fireball'
- Families wiped out in crash
- In pictures: Concorde crash

Search BBC News Online
GO
Advanced search options
Launch console

BBC ONE TV NEWS
WORLD NEWS SUMMARY
BBC NEWS 2-4 BULLETIN
PROGRAMMES GUIDE
TALKING POINT

Air tragedy
Do you feel safe in the skies? Add to the debate

FORUM
Ex-Concorde Pilot
Answers your questions

AUDIO/VIDEO
Thirty safe years
The end of an unblemished record
real 56k

How Concorde Crashed
CLICKABLE GUIDE
What happened?

AUDIO/VIDEO
Key news and analysis

What the press say

Reportagem em profundidade *BBC News* em 27.09.2000

bbc.co.uk Home TV Radio Talk Where I Live A-Z Index Search

Low Graphics version | Change edition Contact us | Help

BBC NEWS UK EDITION WATCH BBC NEWS IN VIDEO

News Front Page World UK England Northern Ireland Scotland Wales Business Politics Health Education Science/Nature Technology Entertainment

SOUTH ASIA QUAKE

In Depth
Last Updated: Wednesday, 2 November 2005, 17:25 GMT

Earthquake toll leaps to 73,000
Pakistan now says more than 73,000 died in the quake that devastated the country's north and Kashmir.

LATEST STORIES

- Overview: Quake aftermath
- US helicopter 'fired upon'
- Cash crisis for quake helicopters
- Quake 'claimed 17,000 children'
- Deal agreed to open Kashmir

AUDIO AND VIDEO

 Eyewitness and survivor accounts of quake horror

"Law of the jungle"
Residents of a quake-hit remote valley struggle to survive

Militant fears
Why India is wary of opening Kashmir's de facto border

Crossing the line
Kashmiris say deal on de facto border 'better late than never'

FROM THE CORRESPONDENTS

Resilience among Muzaffarabad ruins
Angry survivors are determined to rebuild, reports Aamer Ahmed Khan.

- Opening up Kashmir
- Mules provide lifeline
- Helicopter 'heroes'
- Horrors of Balakot
- 'Cruel joke' - Indian relief
- The 'nowhere children'

YOUR STORIES

Escape from the epicentre
Ahsan Haque was trekking close to the epicentre when the earthquake struck.

- Survivors lose livelihoods
- Girl, five, recalls Kashmir quake
- Schoolboy recalls horror
- 'I thought it was the end'
- 'I believe this is true horror'
- 'Their cries haunt me'

IN PICTURES

-  Tent city photos
-  In pictures: Battling time
-  In pictures: Aid arrives
-  Rescue task pictures
-  Muzaffarabad photos
-  Quake aftermath
- Your stories: Uri village
- Your pictures: Kaghan Valley

Quake missing
Are you trying to contact friends and family in the region?

In pictures
Helicopters' vital quake aid role

Animated guide
How earthquakes happen and why they are so destructive

MORE NEWS

- Row mars S Asia quake aid effort
- Fear over quake disease outbreak
- Quake anger in Pakistani press
- Quake a calamity, Indian PM says
- Six found alive in Pakistan

UK RESPONSE

- UK pledges £10m to quake appeal
- Quake 'is UN's worst nightmare'
- Q&A: UK government response
- UK Pakistanis reach out to help
- Tragedy of quake felt in Bradford

BACKGROUND

- S Asia's deadly Himalayan fault
- Earthquakes timeline
- Country profile: Pakistan
- Country profile: India
- In depth: Kashmir flashpoint

Have Your Say Magazine In Pictures Week at a Glance Country Profiles

In Depth Programmes

What is RSS?

BBC SPORT

WETHER

news

ON THIS DAY

NEWSWATCH

News Alerts | E-mail services | Mobiles/PDAs | Headlines for your site

© 2005 BBC Back to top ^

Help | Privacy and Cookies Policy | News sources | About the BBC | Contact us

Reportagem em profundidade *BBC News* em 02.11.2005



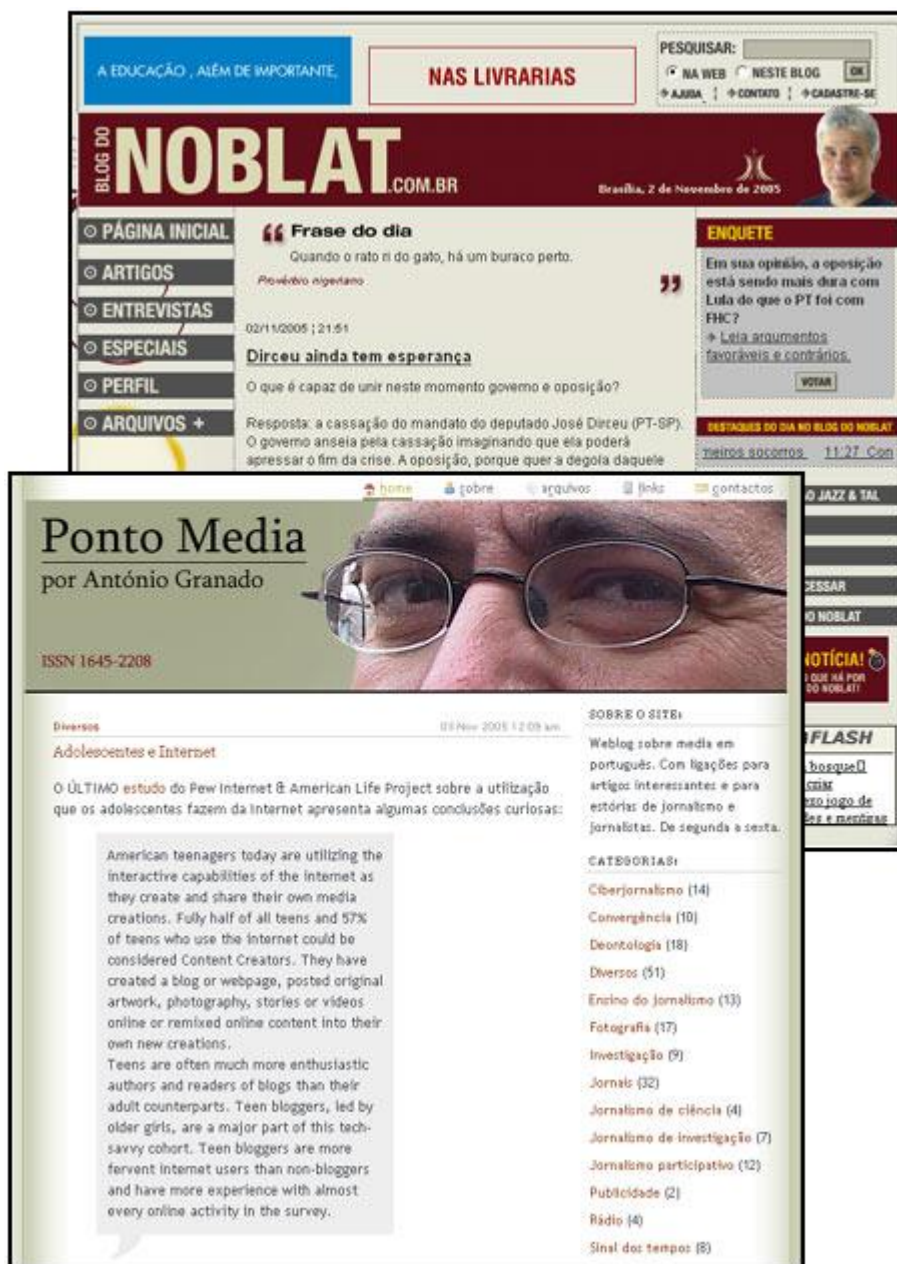
Reportagem multimídia publicada pelo *El Mundo* em 2005



Reportagem multimídia publicada pelo *El Mundo* em 2005

The screenshot shows the website 'elmundo.es' with a navigation bar at the top containing links like 'Edición impresa', 'Cartelera', 'Callejero', 'Servicios', 'Gráficos', 'Charlas', 'Tienda', 'Loterías', 'Clasificados', and 'Calendario'. The main header reads 'encuentros digitales'. Below this, there is a section titled 'ENCUENTROS' with a sub-header 'Lea la charla con Kiko Veneno'. The main content features a portrait of Enrique Vila-Matas and an interview transcript. The interview is dated '10 de Octubre de 2005' and includes three numbered questions and answers. The first question asks about the title of his novel 'Buenas tardes a las cosas de aquí abajo' and whether it appears in another of his works. The second question asks if Vila-Matas is 'Pasavento'. The third question asks about the influence of his reading on his writing, specifically mentioning 'Bartleby y compañía' and 'Walsler'.

Entrevista da seção *Encuentros Digitales* do *El Mundo* em 10.10.2005



Blogs dos jornalistas António Granado e Ricardo Noblat, em 02.11.2005